

APOS

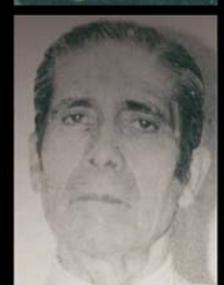
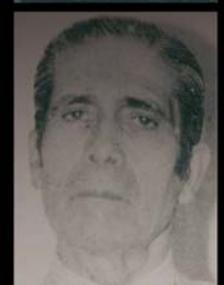
Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão

A MÁQUINA DOS SONHOS

António Simões Júnior

Olhão / 2009

<http://www.olhao.web.pt>
apos@olhao.web.pt



A Máquina dos Sonhos

Edição electrónica de Janeiro de 2009, da APOS – Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão.

1ª Edição em castelhano: La Maquina de los Sueños, Editorial Suburbio (Casilla de Correo, 14, 1872 Sarandí (B.A), Argentina), 1982.

Tradução para português: Júlio Fradinho

Revisão: António Paula Brito

Capa: Miguel Silva Leal Martins

Na capa figuram as fotografias de António Simões Júnior e sua esposa, Silvina dos Santos Pereira.

PREFÁCIO

O escritor olhanense António Simões Júnior, emigrante desde o final dos anos 40 em Buenos Aires, na Argentina, é autor de vários livros de ficção, de um livro de poesias e de uma obra de memórias, *Antiga Crónica de Olhão*, já traduzida para o português e publicada em Olhão em 1996, numa tradução de Diamantino Piloto. *A Máquina dos Sonhos* é uma novela de grande valor dramático e humano, escrita originalmente na língua espanhola, e apresentada aqui numa tradução para o português.

No início de cada capítulo, em vez de um título, Simões Júnior coloca um pensamento, geralmente de escritores consagrados, como Cervantes ou James Joyce e outros, que é a primeira pista para revelar ao leitor a sua maneira de ser, os seus objetivos e as suas ideias, de homem culto e atento aos problemas do seu tempo.

Citando Unamuno ele diz “e compadecer-se de si mesmo e a si mesmo invejar-se”, que soa como um lamento pelo rumo de sua vida, encharcada numa “vil tristeza” que ele não consegue superar mas, ao mesmo tempo, orgulha-se dela a ponto de invejá-la (à vida), por considerar que não poderia ter vivido de maneira diferente.

“Falo muito pouco, apenas o imprescindível”, “escondo-me na minha casinha” e sou “um homem de monólogos, que gosta de caminhar sozinho pelas ruas”, dando assim o retrato do homem solitário e satisfeito na sua solidão. “À minha solidão vou. Da minha solidão venho” citando Lope de Vega e definindo-se ainda “como um homem muito solene e conservador das coisas boas e más”.

Simões revela-nos também sua tentativa obsessiva de construir uma máquina de filmar os sonhos, invento que não consegue realizar, e que dá o título ao livro, que é uma obra de ficção inspirada na vida pessoal do autor-protagonista, pois ele afirma que é o protagonista de *A Máquina dos Sonhos*, não o autor.

A novela gira à volta do drama entre os três personagens principais: Ofélia, a do cabelo sedoso e loiro, o marido e o amigo do casal, o escritor espanhol Cisneros, que volta para a Espanha e só aparece no final da história na imaginação “angustiada e melancólica” do autor-protagonista. Ofélia é descrita como uma moça aldeã, que se julgava uma artista, mas que “atraiçoada pela vida” decide cortar seu contato com o mundo exterior, permanece fechada no seu quarto, sua “cela sem grades”, e comunica-se com o marido somente através de bilhetes e passa a ser considerada “alienada mental”, mas contraditoriamente escrevendo um “diário inteligente e franco”.

Ofélia morre de inanição, sob cuidados médicos precários, o que leva o viúvo a desfilar em 20 capítulos o remorso de não ter podido salvar a mulher que tanto amava.

O outro personagem, Cisneros é o grande amigo “que passava horas e às vezes dias” nas suas visitas ao casal Ofélia-Autor e ela era “cordial, atenta e de bom grado cozinhava bons pratos de comida francesa dedicados a ele.” “Quando Cisneros partia, Ofélia caía em estado depressivo” lembra o autor, acentuando que ela, ao afastar-se do mundo real, não se comunica mais com ele. Apesar disso o marido, recorda -se dela, “todos os dias e todas as noites” e do seu corpo jovem cheirando a fêmea, que deixou “uma recordação, uma saudade, uma melancolia da minha memória” que ele jamais vai esquecer. E ao citar o poeta irlandês Yeats, num dos capítulos finais expõe uma vez mais o seu drama:

*Nós alimentámos o coração com fantasias.
E ele tornou-se cada vez mais cruel.*

Júlio Fradinho*

*Nota do Editor:

Júlio Fradinho, responsável maior pela tradução deste livro do castelhano para o português, conheceu António Simões Júnior ainda em Portugal, nos anos de 1940, e depois na Argentina, para onde emigraram.

Ambos pertenceram a um grupo de jovens no qual se incluíam António Ramos Rosa, Joaquim Silvestre, Manuel Madeira e Vitoriano Rosa que, em Olhão e Faro, forjaram uma solidariedade de grupo na luta do antigo Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUD-Juvenil), que culminou no Algarve no encontro antifascista de Bela Mandil, em 1947.

Pouco tempo depois, António Simões Júnior e Júlio Fradinho emigram para a Argentina, enquanto os outros permanecem em Portugal, mas sempre sem esquecerem a forte amizade e os valores de solidariedade e humanismo que os uniram.

É isto que fez com que António Simões Júnior, à medida que ia publicando os seus livros na Argentina e em castelhano (cerca de 20!), nunca se tivesse esquecido de os enviar aos seus amigos em Portugal, e foi isto que fez com que os seus amigos hoje, em Portugal e no Brasil, cerca de 10 anos após o seu falecimento solitário na Argentina, não se esquecessem de traduzir este seu livro, *A Máquina dos Sonhos*, e de difundir a sua memória que é, afinal, a memória de uma geração de portugueses que queriam ser cidadãos e ainda hoje, não esqueceram de o querer!

Júlio Fradinho vive actualmente no Rio de Janeiro.



24 de Abril de 1948: um grupo de amigos que esperaram Manuel Madeira e Júlio Fradinho na Estação de Comboios de Olhão, após a sua libertação da prisão por motivos políticos, ocorrida em Silves na semana anterior. Vêem-se da direita para a esquerda, em cima, António Ramos Rosa (1º), António Ribeiro Saias (2º), Manuel Madeira (3º), Júlio Fradinho (4º, ao centro); Manuel Ramos (5º), António Morgado (6º, em pé mas inclinado), Joaquim do Carmo Brito (7º), Manuel Edviges (8º e último); em baixo, Vitoriano Rosa (1º), Dinis Martins da Silva (2º), Joaquim Silvestre (3º e último).



Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão

A Máquina dos Sonhos



Associação de Valorização do Patrimônio Cultural e Ambiental de Olhão

1

E compadecer-se de si mesmo e a si mesmo invejar-se.
Unamuno

Por mais que aprimore as minhas associações de ideias, não posso deixar de assinalar o paralelo simbólico que me identifica com o lobo; este não ladra e eu não falo, ou falo muito pouco, apenas o imprescindível. Digo bom-dia ou boa-tarde aos vizinhos, porque algo tenho que dizer e escondo-me na minha casinha ou perambulo pelas ruas, de preferência pelas mais agitadas e barulhentas, como se fosse um pequeno barco que tentasse navegar num mar encrespado e furioso. Devo esclarecer que, para mim, as palavras, ainda que não todas, possuem acepções especiais que, em mais de uma particularidade, brigam com os cânones acadêmicos. Quando digo que não falo, pretendo referir-me a alguns casos, ressaltar outros, dizer que não consigo manter um diálogo prolongado nem corrente com ninguém, não por preguiça ou por carecer de ideais e vocabulário, mas simplesmente por uma falta de paixão, um estado de ânimo que alguns definem como desamor, abulia, apatia, etc. É que eu, é mister explicar, do ponto de vista espiritual, ou intelectual, se se prefere, sou um homem super e abundantemente alimentado. Pode ser que o meu espírito esteja doente de manjares indigestos ou excessivamente condimentados. Não me interessa negá-lo; para eu fazê-lo de modo convincente, teria que entusiasmar-me pelo diálogo e pelas possíveis controvérsias. Não é esse o meu caso, visto que sou um homem de monólogos que fala sim, como o lobo uiva, quando o falar é pensar em voz alta. Quando não estou na minha toca - uma casinha pobre de paredes e uma porta de madeira podre, com cheiro a mofo, autêntica guarida de ratos e aranhas semi-domésticas – gosto, como já disse, de caminhar pelas ruas rectilíneas e cheias de gente, com os sons do céu e o reboiço da terra, água e fogo, pássaros e répteis, em um monólogo intermitente de vários diapasões. Às vezes, entre suas lógicas intermitências, o meu monólogo sobe de tom e escapa da minha boca um impropério fora de sentido, acompanhado de uma gesticulação inusitada que, na medida do possível, tento dissimular. Aparentemente, pode não se justificar tal gesticulação, como não se justifica o voltrear de uma serpente. E no entanto, os homens

primitivos passavam muitas horas gesticulando e as serpentes voando. Além disso, deve-se ter em conta que sou um corpo orgânico e necessito encontrar uma válvula de escape para a minha carga emocional. Uma pessoa, excepto se está louco ou inconsciente, não pode ficar nu diante dos demais, ainda que seja em espírito, por pudor, pelas leis em vigência, a vergonha ou outros tabus. Todos, de uma maneira ou de outra, tememos delatar-nos, mostrar nossa intimidade, nossas chagas e dores aos olhos do mundo. Que sucederia se nos surpreendessem num acto de onanismo? Há coisas que mantemos ocultas e tentamos silenciar para além da tumba. É por isso que as biografias redundam quase sempre em histórias sem consistência, frágeis e falsificadas; e os relatos na primeira pessoa, numa novela impossível. Com excepção de Cristo que desnudou sua impotência diante dos encantos do corpo da Madalena banhando-se no Rio Jordão, ninguém que eu saiba, se aventurou a mostrar-se diante de seus contemporâneos, como um falsificador de dinheiro, um pagador com cheques sem fundos, um Mr. Bovary¹ ou um simples ladrãozeco de livros. Ao fim e ao cabo, grandes e pequenos, todos somos uns dissimuladores. Meu passado, afastado e recente, apresenta-se-me como um biombo amarelecido pelo tempo, em que se reflectem as minhas reminiscências e previsões. Ora se trata de uma história vivida, ora de uma imaginada. De uma ou de outra maneira, são certamente histórias sem palavras. Eu não tenho que aprofundar-me em prolongadas cavilações para descrever o ponto em que se diferencia a matemática aplicada da matemática pura, ou se esboça o argumento de uma novela. Tudo se me revela em imagens impulsionadas por algo nascido ou arquivado no recôndito do meu ser, que nego denominar o inconsciente, não por seguir Platão, mas por convicções próprias comprovadas pela odisseia do meu viver quotidiano. Eis aqui, a título de ilustração algumas cenas: *um casal de jovens enamorados nos momentos plenos de sua existência*. Conclusão, lenda ou filosofia: *brindar um pouco à felicidade*. Outra imagem: *um velho: um trapo esquecido*. Na realidade, tudo isto é uma espécie de filme ou teatro, mas sem a artificialidade do cinema ou do cenário de um palco. Pura autenticidade ou sonho. Às vezes, soltando a minha imaginação ou a minha criação onírica (que conste que nunca a pude deter), pergunto a mim mesmo, já sem o espanto

1 Mr. Bovary é o personagem do romance “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, como o marido traído. [N.T.]

que produziram em minha juventude a leitura das novelas de Wells: não será a minha mente uma máquina de fotografar os sonhos? Não sei ainda a que conclusões chegarei, mas tenho plena consciência de que, na minha idade, como um trapo velho, não poderei chegar longe. Apesar de tudo aquilo que me proponho ou diga, não sou o autor, mas o protagonista desta espécie de novela impossível.

Eu não a verei mais. Ela partiu deste país.
Barbusse

Ofélia não é agora mais do que uma recordação e uma saudade, uma melancolia da minha memória; a sua presença física já não me tortura com o seu silêncio constante e as suas instruções enviadas por debaixo da porta, seus únicos meios de comunicação, já não chegam às minhas mãos com exigências nem sempre possíveis de satisfazer. Ela partiu, mas antes vivia aqui, no quarto contíguo que, com este, forma a casa pobre e miserável que, mais de uma vez, a ouvi chamar de chiqueiro, pocilga e outros adjectivos do seu vocabulário. Desde que Ofélia decidiu encerrar-se em tão exíguo quarto e cortar sua comunicação directa comigo, não trocámos mais uma única palavra. Ela tinha, numa tentativa de sobrevivência, criado o seu mundo próprio, um mundo que tentava ser impermeável, mas que na realidade era vulnerável como o fundo de um cesto qualquer.

Das imperfeições ou deficiências do que acreditava ser a sua grande obra provinham as suas contradições, irreverências e fantasmagorias, frutos maléficis da sua perturbação mental. Sim, porque Ofélia era o que se considera uma alienada mental, mas, apesar do seu pensamento confuso, apresentava momentos de aguda e original inteligência. Como já disse, Ofélia já não está; já não ouço os seus passinhos miúdos de ser angustiado, atraído pela vida, nem pressinto as suas gesticulações de actriz fugaz, ou adivinho sua imobilidade de estátua. Ofélia já não folheia os seus livros de medicina nem examina o libreto fartamente manuseado do seu papel de Ophélie em “Hamlet”, representado há cerca de trinta anos num teatro de Buenos Aires. Como a protagonista shakespeariana a quem parece ter imitado, ela passou da vida real para a outra, esperando que algum artista genial a imortalizasse. Por isso já não está, mas aqui, à minha volta, como peças de um museu que representa a solidão de uma mulher na sua cela sem grades, estão as suas roupas, simples e franciscanas, suas coisas íntimas como a escova de dentes e as suas meias de seda comidas pelas traças, os livros de medicina naturalista do Dr.Vander, e o Pequeno Larousse, retratos da juventude, e um diploma outorgado pela Academia Pitman, a mesa, a cama, o fogão, e as tranças do seu cabelo sedoso e loiro. Faltam aqui os trapos que lhe serviam de cobertor nas noites inverniais, que joguei fora num remorso,

como uma pedra ao charco da incomunicabilidade humana, e a máquina de costura eléctrica que lhe ofereci sem motivo, induzido por pruridos de ordem moral, essa chaga da qual uma pessoa como eu não consegue livrar-se, e se manifesta nos seus actos mais inconscientes. O museu da vida reclusa de Ofélia já não é possível, visto que falta, por minha culpa, uma das peças fundamentais. De qualquer maneira devo dizer, por mais que me doa: Ofélia foi embora sem avisar-me, sem dizer até logo ou até nunca mais. Foi subitamente, como o antevi em meus sonhos premonitórios, com os seus sapatos gastos. Sabia, quando partiu, que não voltaria nem andaria mais com os seus próprios pés, mas, de qualquer modo, bem que poderia ter levado os seus sapatos novos que deixou dentro de uma bolsa pendurada na parede. Talvez pensasse (estou procurando evadir-me da tragédia real) que ia internar-se no bosque que a conduziria ao rio da demência e da morte, como ocorreu no acto 4, cena 7 da sua representação da heroína shakespeariana. Estou divagando como um literato, fazendo rodeios para dizer uma frase tão simples e enxuta como esta: Ofélia morreu. Morreu quando menos eu esperava. É que eu, diga-se a verdade, nunca acreditei que ela pudesse morrer de um momento para o outro. Agora que penso nisso, que as minhas emoções estão fechadas numa cápsula de silêncio, parece-me escutar, como uma badalada alterando as batidas do meu coração, duas pancadas na porta. Com os nervos estirados como uma mola, interrompo minhas divagações e como um equilibrista que acredito ser nos meus sonhos, alheio às leis do tempo e do espaço, remonto ao passado, fazendo-me eco de outro eco, ampliado pela malha de uma lembrança encenada que, não obstante diluir-se em anfractuosidades, cala fundo nos meus sentidos. O meu ser consciente condena-me estas pequenas debilidades, a minha tendência inata para rodear-me de fantasmagorias. Estas batidas na porta com os nós dos dedos só podem fazer parte do disco das minhas recordações. Por mais que me esforce já não sei se sonhei tudo isto antes ou se estou a sonhar agora, mas convenço-me de que, mesmo que tenha sonhado antes, o sonho de agora é um pesadelo. Entretanto, as batidas, uma, duas, três, como um sinal, voltam a soar na porta ou na minha imaginação. A minha memória regista o vivido e o sonhado. Por isso, entre o sim e o não, não me atrevo a pensar quem poderá, a esta hora da noite e depois de tantos anos de desterro, pouco menos que voluntário, vir bater à minha porta. Quase ninguém, excepto dois primos que me escrevem duas ou três vezes por ano, sabem que eu ainda vivo no subúrbio de Buenos Aires. As batidas repetem-se, depois de um breve silêncio, são mais fortes: uma, duas, três, quatro. Não tenho mais dúvidas, alguém lá fora procura, para o bem ou para o mal, a minha convivência. Antes, nos primeiros tempos do meu deslumbramento de imigrante, Cisneros, o autor de “Os outros

conquistadores” quando nos vinha visitar, a mim ou a Ofélia, costumava bater à porta desta maneira. Será ele? Como posso admitir tal suposição, sabendo que ele voltou a Espanha? Se estivesse em Buenos Aires viria ver-me mais amiúde, sobretudo por Ofélia que, mais do que eu, sentiu-se impressionada com sua novela. Cisneros não saberia agora o meu endereço. Quando eu e Ofélia vivíamos no centro da capital, costumava vir a qualquer hora do dia ou da noite, quando tinha algo para nos dizer. Mas também costumava vir a polícia quando achava que um estrangeiro é, por natureza, sempre um elemento suspeito. Sem dúvida, esta tinha outra maneira de bater à porta, algo mais violento, e sempre havia insinuações e ameaças. Cisneros era urbano, fino, não era afectado. Nunca se alterava, nem mesmo quando divergíamos mas criticava-me por eu ser muito ortodoxo nas minhas convicções políticas. Às vezes chegava sub-repticiamente e ia embora depois de poucas horas, outras vezes ficava vários dias. Ofélia sempre retraída, pouco sociável com as pessoas que uma vez ou outra nos visitavam, era para ele cordial, atenta, e quando ele emitia uma opinião sobre a Península Ibérica, ficava eufórica. E de bom grado cozinhava bons pratos de comida francesa dedicados a ele. Depois, desculpando-se de que eu deveria escrever os meus artigos para um jornal do nosso país, retiravam-se os dois para a sala ao lado. Sem o propósito de escutá-los, eu ouvia as suas conversas animadas sobre as particularidades da vida artística, do papel da medicina na arte e no desporto, etc. Quando Cisneros partia, Ofélia caía num estado depressivo do qual... Continuam batendo. Não posso prolongar esta situação. Devo abrir... Abro a porta sem perguntar quem é, e como num sonho, um dos muitos sonhos repetidos, imbricados, aparece-me a figura de Cisneros. Que aconteceu? – pergunto-me. Estarei diante de um fantasma? Nada disso. Depois da morte de Ofélia já nada me assusta. O homem que está agora diante de mim, recortado no umbral da porta, é Cisneros, mas já não é o elegante Cisneros de olhar vivo e o suposto novelista, mas um homem idoso como eu e de cabelos brancos. Depois de uma hesitação de animais surpreendidos que se cheiram, caímos num forte abraço que tem algo de desespero. “Cisneros!”, “Salgueiro!”, “Tu. A vida. O tempo” – sussurramos. E olhamo-nos fixamente, como se cada um visse no outro reflectida a sua própria imagem e pensássemos: Como estou velho! Sentamo-nos lado a lado, sobre a cama da finada. Não quis dizer tal coisa, pois essa como muitas outras palavras não são do meu agrado. Em vão tento encontrar na minha memória outra palavra, mas a minha memória parece agora um badalo velho de sons monótonos. E dou-me conta de que nem ingerindo uma grande dose de

anacardina², conseguiria rejuvenescê-la. De qualquer maneira não gosto de levantar pedras do caminho, visto que pedras pedras são, e quando me confundo, quando todo o meu ser se altera, não há nada a fazer. Vejo Cisneros fixar-se em todas as coisas que pertenceram a Ofélia: seus livros de medicina, os vestidos com cheiro de naftalina, seus retratos, e todos os vestígios que ali denunciavam a sua presença. Estamos lado a lado, olhando-nos inquisitivamente, tensos, temendo talvez o diálogo que vamos iniciar, embora irreais e insignificantes. Tudo aqui, ainda que sob um manto de silêncio, fala da presença de Ofélia, a tal ponto que ela parece a viva e nós os mortos. Vejo-o ansioso, na expectativa de algo. Eu sei o que ele está pensando, mas tento disfarçar, evitar seu olhar que, não sei porquê, parece-me o de um cão implorante, e trato de atrasar o momento da confissão que finalmente terei de fazer-lhe. Da minha parte, espero que ele me fale, como costumava fazer antes, de meu país que, agora, morta Ofélia, vejo no mapa como uma ilha longínqua aonde nunca mais voltarei, assim como da bem ou mal chamada Revolução dos Cravos. Cisneros fala finalmente (sinto que me está falando), tentando como noutras vezes que a nossa conversa não soçobre, mas já sem o lampejo de emoção que em outros tempos brilhava no seu olhar, como uma carícia prometedor ou uma navalha afiada. Mais do que responder às minhas inquietudes, ele interroga-me. Discorre sobre o porquê da nossa revolução atraçoada, sucumbida e desvirtuada pelos seus próprios erros, e a recaída na nossa apagada e vil tristeza. Depois, após um momento de silêncio, tenta prosseguir, mostrar-me melhor o que, na realidade, estava acontecendo lá, nessa mancha geográfica onde o meu passado é somente um sonho, mas noto que suas próprias palavras se atropelam na boca e as comissuras dos lábios se retorcem. *Basta, não me contes mais nada* – digo-lhe, e apoio uma das minhas mãos no seu ombro. Levanta para mim seus olhos que já perderam a agressividade de antes, talvez a única parte do seu rosto que não envelheceu demasiado, e faz-me a pergunta ritual, temida e esperada: *E Ofélia?* – *Ofélia?* *Ofélia?* *Ofélia?* – repito já sem dar-me conta – *Ofé... lia.* – balbucio - *já não es... tá.* – *Como não está? E aonde foi?* Guardo silêncio esforçando-me por resistir à perfuração do seu olhar. *Suponho que não vais dizer-me que Ofélia morreu?* Faço um gesto afirmativo com a cabeça. *Mas, como pudeste deixar que ela morresse?* – grita, quase uiva. E cai sobre a cama, chorando como uma criança inconsolável. Volto a pôr a minha mão no seu ombro, sussurrando-lhe quase ao ouvido: *Perdoa-me, se te faço sofrer, mas juro que não*

² Anacardina: medicamento antigo baseado na planta do caju que alegadamente estimularia a memória.
[N.T.]

consegui impedir sua morte. Ela assim o quis. Então Ofé... lia se...? - Sim! Sim! – sinto que estou gritando. Vejo-o levantar para mim a sua cabeça cujo cabelo embranquecido já rareia, vejo-o abrir muito os olhos e agarrar-me a mão e beijá-la. Quero evitá-lo, impedir a sua humilhação, mas não posso. Espera – digo-lhe, afastando-me finalmente. Levanto-me, vou até à sala ao lado e trago uma garrafa de vinho e dois copos. Assim fazia nos bons tempos, quando Ofélia era Ofélia e Cisneros nos visitava. Encho um dos copos e ofereço-lhe, mas ele desapareceu como por encanto, e em seu lugar está o vazio da minha vida sem sentido e a chama apagada de um sonho.

3

Também há mortos que matam
e são os mortos que sabem
que não podemos viver
sem deixar de lembrá-los.

José Bergamin

Começo a entrar num clima de confissão e falo para mim mesmo como se falasse para uma sombra. Falo de Ofélia e do seu quadro de alienação mental, da sua tendência ao isolamento e da sua renúncia a todas as coisas boas que a vida não lhe quis oferecer, com uma voz trémula e veemente que, mais do que uma voz, parece um disco gravado num momento que tende a eternizar-se. Talvez seja uma máquina de sonhos, com imagens e sons, que reproduz ou foca, ante meus olhos, episódios vividos ou sonhados da minha vida. Assisto agora, uma vez mais, aos últimos dias da vida de Ofélia, e às causas da sua morte, mas sinto que continuo no meu monólogo interminável e repetitivo, como numa enoveladeira, que me leva a uma amargura cheia de dúvidas atroz. As palavras, apesar das suas cores, estridências, modalidades, já não definem condignamente os módulos, teoremas e equações dos meus pensamentos, nem sequer para transformar as imagens da minha vida em comum com Ofélia em simples histórias ilustradas. No fundo redundam em meras alusões sem brilho. Ofélia acreditava-se, dentro do seu pequeno mundo egocêntrico, ser o supra-sumo de todas as coisas, mas na realidade não era mais do que um grande predador, que após devorar todos os insectos que o rodeavam e não tendo mais que comer, optava por se devorar a si própria. E vejo-a e recordo-a em toda a incomunicação da sua tragédia, numa luta tremenda com os fantasmas criados pela sua alienação, mas vejo-a também nas suas transformações simbólicas. Agora, vistas bem as coisas, chego à conclusão de que a sua decisão de auto-eliminar-se é claramente kafkiana visto que tem uma estreita semelhança com o oficial de “Na colónia penitenciária”, o qual não tendo quem introduzir na máquina de tortura, decide ele mesmo introduzir-se nela. Igualmente, vejo uma grande semelhança

simbólica, com as guerras floridas dos astecas³, os quais, quando não tinham contra quem guerrear, praticavam, para não cair em inactividade, esse desporto sangrento. Claro que Ofélia nunca leu Kafka nem teve conhecimento dos códices mexicanos. No ecrã de algo que varia de forma, até tornar-se incorpóreo, mas que eu insisto em chamar máquina, passam agora a um ritmo acelerado fragmentos do seu diário, no qual anotava os seus pensamentos e mostrava o seu talento de desenhista. Ali, há passagens como esta:

Estou sentada na cama e vejo bailar um rato, num acto de amor à vida. Também vejo mais adiante, debaixo de uma estante, o raticida espalhado pelo meu marido. Levanto-me e substituo-o, com satisfação, por pequenos pedaços de queijo misturados com mel. Pobre ratinho. Também tem direito a viver. Não é culpa sua que o pintem tão feio. Por que o querem matar? Por causa dos livros da estante tão cheios de moral barata e pretensiosa? Bah! Aquele que dispõe do poder e da força, sempre encontra uma justificativa para as suas violências e arbitrariedades. Em nome da democracia e da liberdade, os membros da Revolução Francesa introduziram simultaneamente na América a imprensa e a guilhotina.⁴

Cisneros voltou, está agora ao meu lado, participando deste pesadelo, uma mistura de realidade e sonho. Volto a convidá-lo para um vinho, mas ele recusa, olhando-me atónito, quase com raiva, como querendo dizer-me: *deixa-te de simulações e gabarolices, e diz-me simplesmente como ela morreu.*

- Pois Ofélia – explico eu como se me dividisse em duas partes antagónicas que já não poderão voltar a unir-se, decidido ao diálogo com a sentinela que representa a minha consciência no presídio em que jazo – morreu de inanição. Deixou de comer com desculpas incoerentes: que a carne era aftosa, o leite provocava urticária, os vegetais, o peixe, os alimentos em geral tinham micróbios e eram portadores de vírus. No entanto,

3 Em certos períodos de paz, os sacerdotes diziam que o sol e os deuses necessitavam mais comida, mais sacrifícios. Assim dois povos astecas, atendendo ao apelo dos sacerdotes, guerreavam entre si, e era uma honra morrer nas guerras floridas. [N.T.]

4 Não encontrei qualquer registo de que a guilhotina tenha sido introduzida ou usada na América, como método de morte de condenados. [N.T.]

eu não sabia que tivesse deixado de alimentar-se totalmente, visto que não entrava no seu quarto. Só dois dias antes de morrer, pude ver sobre a mesa desarrumada, todos os pratos de comida que eu lhe deixava na porta, intactos e os ovos podres e a louça sem lavar, o abandono total de quem não quer continuar vivendo e só espera a morte. E como sempre que a evoco, as suas recordações povoam a minha memória e apossam-se das minhas raízes e espremem-nas, apodrecem-nas, secam-nas. Deixo de ver Cisneros, ou mais precisamente, vejo-o como se ele fosse uma traça que, por falta de naftalina, destrói as roupas íntimas de Ofélia. Apesar da minha dor, da minha angústia e de todas as chagas que atormentam a minha natureza, compreendo que Cisneros está aos meus pés feito um cordeiro e o meu diálogo confuso, redundando como sempre em monólogo, é dirigido a ele. Creio adivinhar o seu pensamento, os seus gestos de sentinela da minha consciência: ele acha-me culpado e ameaça-me de dedo em riste ou com uma arma branca. Não temo as suas caretas nem os seus gestos de brigão, mas sim a sua língua agreste. Parece acusar-me de ter deixado as coisas a tais extremos, sem impor a minha autoridade, sem chamar um médico e sem tê-la internado. Com essa arma – fria, silenciosa, como todas as armas brancas – feriu-me num ombro. Com dor, angústia e espanto, eu grito-lhe: *Tentei tudo, mas tudo foi em vão. Ela não quis colaborar, negando-se a franquear-me o acesso ao seu quarto e cobrindo-me de insultos. Parecia que me odiava, não podendo perdoar-me o grande erro involuntário da minha vida que foi o de substituir um morto, tomando o seu nome e a sua mulher. Fazendo finca-pé nestas coisas, que eu considerava simples insignificâncias, achava-me responsável por suas frustrações, ignorando e menosprezando as minhas. Escuta! Para que saibas, ainda que eu não saiba se deveria dizer-te, solicitei a colaboração dos vizinhos, pedindo-lhes com uma angústia de cão envenenado que me ajudassem a arrombar a porta, e a tirá-la e levá-la a um hospital, aonde quer que fosse... Mas ninguém – tem isso presente – quis comprometer-se, recorri então à polícia – E tu sozinho não eras capaz de quebrar essa porta, fazê-la em pedaços? - sinto que Cisneros ou a sentinela do meu presídio está a insultar-me. - Sim, eu era, mas quando eu me aproximava já ela ameaçava explodir a casa, manipulando uma garrafa de gás. - E na polícia que te disseram? - Pois na polícia fizeram-me dar voltas e mais voltas, dizendo-me que fosse a um determinado hospital solicitar uma ordem de internamento. Com esta ordem, estariam aptos para intervir. – E? – Pois fui; mas lá disseram-me que sem*

ver a paciente não podiam executar a ordem de internamento, que a polícia é que deveria levar a doente como primeira medida. – E? – Assim voltei uma vez mais à polícia onde me disseram que não podiam levar Ofélia, visto que o regulamento o impedia. Uma vez mais no hospital, falei com uma enfermeira, falei com o médico de serviço e finalmente com o chefe dos médicos. Percebo-me que Cisneros começa a sobreexcitar-se, de assombro em assombro, até que a bomba relógio que ameaçava explodir nele começa a acalmar. Todos dizem que não, que não, que não era permitido por um regulamento hospitalar, que eu voltasse à polícia e insistisse e, se eles se recusassem, recorresse ao Juiz. –E? - repete Cisneros, agora num misto de raiva e choro. - E eu, não suportando mais a situação, vim directamente para casa feito um louco. Bati na porta de Ofélia com toda a força, chamei, supliquei, ameacei, mas ela não respondeu. No entanto, escutei claramente os seus movimentos remexendo-se na cama. Evidentemente que eu não avaliava a gravidade do seu estado e não sabia ainda que ela não estava a ingerir qualquer tipo de alimento. Se soubesse, a minha atitude teria sido outra, como podia adivinhar e prever se não acreditava na iminência de sua morte? No entanto, nessa noite não consegui conciliar o sono e no dia seguinte não pude realizar as minhas tarefas habituais. Quis ler, mas não consegui, o meu coração batia descompassado, parecia que tinha dentro do peito uma ratazana dando cabeçadas, tentando safar-se da jaula. Chamei Ofélia uma, duas vezes, que respondeu com um impropério. Compreendi finalmente que esse estado de coisas não podia prolongar-se e sem me importar com o que pudesse acontecer, apresentei-me no dia seguinte, uma vez mais, na esquadra da polícia. O comissário delegou o meu caso no inspector, e este no polícia de plantão que, por sua vez, o delegou no polícia da secretaria. Fui duramente interrogado, ameaçaram verificar os meus dados pessoais e os meus rendimentos, mas não o fizeram; depois foram mais brandos; gentis, como costumam fazer com os presos quando querem arrancar uma confissão. Um deles perguntava-me algo e sem aguardar a resposta ia embora. Outro vinha e pedia que repetisse o meu “problema” e retirava-se. Vinha ainda outro e pedia que esperasse. Todos desapareciam no fundo do mesmo corredor, onde presumi que se reuniam e trocavam de turno. Finalmente voltou o polícia da secretaria que começou a falar-me de modo meloso, entre contrito e sorridente, da gasolina, que eu teria que juntar alguns pesos para a gasolina. Concordei, dissimulando quanto pude, a minha indignação.

Então, ligeiramente sorridente, num murmúrio de confabulação, acrescentou: E alguma coisa para o inspector, como uma atenção. Eu estava demasiado deprimido, já não tinha garra para jogar-lhe as mãos à garganta e dizer-lhe que parasse. E passei-lhe dez milhões de pesos⁵ que desapareceram sigilosamente no fundo de uma gaveta. Dois agentes acompanharam-me até minha casa, e com força e extrema violência arrancaram a fechadura da porta do quarto de Ofélia. E ela que já não era Ofélia, mas uma pobre mulher esquelética e envelhecida, coberta de andrajos, estava prostrada na cama, encostada na parede enegrecida e cheia de teias de aranha. Era verdadeiramente degradante o quadro de abandono e miséria que a rodeava: excrementos no chão e latas com urina... Passemos por alto estas particularidades, sem ajuizar. Quem poderia em semelhantes casos...? Olho e vejo à minha volta Cisneros desvalido dentro de um espelho côncavo que se afasta e afasta, numa estria de sombra, e vejo também a sentinela que se aproxima com a sua silhueta reproduzida num espelho convexo. Esta maldita máquina dos sonhos que funciona ininterruptamente dentro e fora de mim como se fosse um escritor de teses, que também permite suas simulações, seus enganos e suas imagens confusas. Volto ao tema central: eu e Ofélia.

Quando entramos, ela abre os olhos à realidade que já não é a sua, mas não consegue levantar-se. Um dos agentes trata-a por avozinha, mas ela não se apercebe disso, que o melhor da sua vida já faz parte de um passado longínquo. Levamos Ofélia até o carro parado na porta e vamos para o hospital, à sala dos primeiros socorros. O médico de serviço, depois de observá-la, declara que o estado é grave e que é necessária uma transfusão de sangue. Como medida preventiva, dão-lhe soro. O médico telefona para um dos hospitais mais próximos e diz-me que, numa hora, chegará uma ambulância para a transportar. Espero que Cisneros volte a interrogar-me com um novo E?, mas noto a sua ausência. É que Cisneros já não existe há cerca de 25 anos, só existe nas minhas recordações e é possível que tudo seja um mero equívoco da minha imaginação. Não importa; dou a pergunta como formulada e respondo: mas não veio, a ambulância não virá. Só a angústia, a incerteza e agora esta melancolia. O médico foi substituído por um colega menos condescendente, mas mais realista, que me comunicou

5 O valor parece exagerado, mas na Argentina, na década de 1980, quando o livro foi escrito, a inflação chegou a 83% ao mês, e o peso argentino valia muito pouco. [N.T.]

às duas da madrugada, que do hospital não mandariam nenhuma ambulância. Portanto eu deveria levar Ofélia. Senti vontade de insultar os vivos e os mortos, de invocar a memória do verdadeiro Salgueiro, na paz pantanosa e na guerra suja, morto com honra no campo de batalha e ex-noivo de Ofélia, cujo nome e apelido eu usurpava, para que visse, se é que um morto pode ver, quais eram os frutos recolhidos da nossa luta. Numa ambulância da unidade dos primeiros socorros, mediante o pagamento de 1 milhão de pesos, mais outro milhão como gorjeta, porque neste país sem gorjeta não se respeita nem os moribundos, voltamos para casa. Ofélia parecia estar tranquila, não opôs objecções quando comecei a retirar as travas das portas. Não podia comer, mas pediu-me chá, fazendo-me trocar a água na chaleira por esquisitice, mas depois tomou o chá. No dia seguinte, chamei um médico particular que, após observá-la, deu-me uma ordem de internamento para um manicómio. Levei-a num automóvel que mais parecia um camião e ela viajou estendida horizontalmente no banco traseiro. As múltiplas sacudidelas do carro provocavam-lhe gemidos de dor. Ela contraía os lábios num rito de sofrimento e levava as mãos aos dentes, esfregando repetidamente as gengivas. Quando isso acontecia eu observava o seu rosto que não era mais o de Ofélia, mas uma máscara, um disfarce ou uma simulação da vida que a enfeava e envelhecia muitos anos. Eu tinha consciência de que estava a viver uma tragédia, só faltava uma máquina de filmar. O que parecia obra de ficção era uma cena da vida real. O seu internamento no hospital não foi fácil nem imediato. Houve problemas em relação ao regulamento. Por isso foi necessário andar da recepção ao serviço de internamento e vice-versa, uma vez e outra, como se em vez de ser eu simplesmente o que solicitava o internamento para um doente grave, antes fosse o intermediário das diferenças burocráticas entre este serviço e a recepção. Enquanto eu ia e vinha, Ofélia jazia deitada junto a uma escada de alvenaria. Quando me aproximava, ela voltava a esfregar as gengivas, pedindo-me algo quente para beber. O que eu poderia dar-lhe em semelhante situação? Não respondia e continuava andando de um lado para o outro na esperança de solucionar o internamento. Soltei palavrões de diversos tons e volume contra o sistema e contra os muros burocráticos que se levantavam diante de mim, até que, finalmente, consegui o meu intento, depois de esgrimir todos os meus argumentos, e abrir uma brecha na muralha. Ofélia ficou internada e eu saí, pensando voltar no dia seguinte. (Ah! Cisneros, que falta me faz a tua interrogação e?! Por que foste embora? Por que és unicamente uma

recordação da minha melancolia?). Precisamente no dia seguinte, recebi um telegrama entregue na rua, quando ia para o manicómio. Antes de abri-lo pensei que tivesse sido demitido do meu emprego pelas reiteradas ausências. Mas não foi assim. Oxalá tivesse sido! O telegrama dizia o seguinte: “*Ofélia dos Anjos de Salgueiro faleceu.*” E? E? E? Quem é que pergunta? Já ninguém pergunta nada, porque depois de Ofélia tudo é silêncio. Sua morte era, depois de tudo, o que menos eu poderia esperar. Jamais pensei, apesar do seu estado grave, que pudesse morrer assim. Quis chorar, esvaziar um pouco a taça da minha angústia, mas não consegui. Não fui capaz, não sou capaz de chorar, sempre fui e continuarei sendo assim, mas senti o impacto que me fez tremer até às raízes do meu ser e, como um balde no fundo de um poço, esperei que me jogassem a âncora da salvação.

Eu pus a mão sobre uma pedra para saber se ela ainda respirava.
Barbusse

O tempo passa voando, Ofélia. Ainda no outro dia eras uma moça em flor, e agora... Não creio que a arte esteja em conflito com a vida, mas não defendo a literatura cor-de-rosa nem tampouco as de índole social que iludem o problema ontológico. O caso de Ofélia demonstra, simultaneamente, os nossos anseios e limitações. Somos e não somos. Ofélia vinha despersonalizando-se, pondo no seu rosto de moça aldeã, a máscara da outra: a Ophélia romântica, a do teatro, da tragédia, a do cabelo sedoso e dos pés níveos e exangues, a do olhar verde como o oceano, a que não envelhece nunca, que se perpetua de geração em geração, ao fim e ao cabo o seu Alter-ego.

Vivemos sempre mascarados, reclamando do nosso eu racional como uma criança mal-educada, fingindo o que não somos e o que quisemos ser. Agora que está morta e já não esfrega as gengivas, nem perambula pelo seu pequeno quarto, recitando como uma sonâmbula o seu papel em “Hamlet”, que em pouco tempo será matéria putrefacta, carne podre exposta às múltiplas metamorfoses descritas por Barbusse, ela deixou de ser aquele corpo branco-rosado, palpitante, que em dias já longínquos apertei nos meus braços. Iludido, não percebi que Ofélia tinha envelhecido, que seu corpo já não tinha aquele cheiro suave da juventude. Sempre a imaginava como nas fotografias que agora estão penduradas nas paredes enegrecidas. Eu não sabia quem eu era, por isso achava-me um ídolo, um artista. Só tardiamente cheguei a compreender que destas praias jamais zarparão barcos. Ofélia, como a estou vendo e sempre a verei em um presente infinitamente perpetuado, dentro do seu ataúde de madeira barata e de tosca confecção, cujo preço foi regateado com a funerária, apresenta-se-me cindida em símbolos pétreos. O seu rosto transfigurado não é mais do que uma gota de água solidificada do que antes foi um manancial transbordante; seu corpo diminuído, mirrado como o das múmias, parece-me de uma velha centenária. Com que roupa te vestiu a morte! Não, não é ela! – sinto vontade de gritar. Não poderei conservar como uma recordação grata ou pelo menos tolerável, essa sua imagem. Afasto os olhos e o

empregado da funerária, percebendo a minha contrariedade, pergunta se quero que fechem o caixão. Digo-lhe que sim, enfaticamente. Mas uma voz, a dos meus sonhos que em algumas ocasiões eu tive vontade de estrangular por tentar iludir-me e enganar, reza nos meus ouvidos: *Ela morreu quando devia, nem tarde nem cedo. Quando devia... Sua beleza começava a murchar, a larva do tempo devorava já a pele da fruta e temos que acreditar nas leis da natureza como uma realidade absoluta.*

Neste momento, não quero pensar mais nesta tragédia que tomou conta de mim, nem pretendo voltar aos meus solilóquios habituais. Agora vejo tudo em imagens claras e já não tenho que esforçar-me para encontrar a palavra exacta ou prever o que pode acontecer. Tudo flui normalmente, em águas mansas ou num rio revolto. É como se eu assistisse a uma película intitulada “Funeral directo”, cujo argumento é comovente pela simplicidade de sua execução: um carro fúnebre com caixão e um motorista, seguido por outro carro em que vou eu e outro motorista. Não houve velório nem coroas de flores, nem parentes que vissem o estado de decadência absoluta do corpo de Ofélia na sua última etapa, nem sequer olhos curiosos, talvez só a mente da máquina dos sonhos, em sua tarefa de copiar uma página de história predestinada ao esquecimento. O vento, furioso, agita as folhas das árvores, eu fumo um cigarro atrás de outro, os motoristas bocejam; em meus lábios sinto um gosto amargo. No ataúde vai Ofélia sem flores nem acompanhamento. Na sua passagem ninguém tira o chapéu mas algumas pessoas fazem o sinal da cruz, um pouco espantadas. Penetramos no cemitério por uma porta fora de uso, como se Ofélia fosse uma morta clandestina. O condutor do carro fúnebre acende um cigarro, detém o veículo, assoma a cabeça para fora e grita: *Deseja que passemos pela capela?* - Não! – respondo do meu assento, saltando como uma mola. Sempre fui e continuarei sendo um homem de convicções, até ao último alento. À capela para quê? Para que um padre com suas latinadas pretenda abrir as portas do céu à Ofélia? Para quê, se somos todos do inferno?

No féretro vai Ofélia, uma grande actriz, com suas vicissitudes e fracassos. Não quis depender de ninguém para conseguir o que na vida lhe foi negado. Os coveiros, num gesto rotineiro, descem à cova o ataúde e rapidamente cobrem-no de terra. Um deles termina a sua tarefa com um sinal da cruz sem fazer dissertações filosóficas como o seu congénere de “Hamlet”, dizendo: *Amanhã vamos colocar uma cruz de madeira*, o que é uma maneira de lamentar ou dar-me as habituais condolências; ele fita-me durante

algum tempo, fica imóvel. Eu dou-lhe a tradicional gorjeta, de braço estendido, como uma estocada contra os convencionalismos da sociedade e digo – alto e bom som - *Não! Nada de cruzes, nem de madeira, nem de ferro, nem de qualquer outra coisa!* É que eu, desde os tempos heróicos e esperançosos de quando caçava perdizes e, com o companheiro cujo nome viria a usurpar, pintava as paredes das casas do burgo com desenhos e inscrições alusivas à ditadura, sempre detestei os ratos, até aqueles de fisionomia humanóide que mastigam ruidosamente e cospem por entre os dentes. Ofélia é agora um enorme silêncio, um sinal que vai e se perde, uma lembrança melancólica. É, mas já não está aqui, e como já não está não diz nada, nem nada lhe importa ou lhe interessa. Os carros da funerária iniciam a retirada; o vento geme entre as árvores, pondo um não sei quê de melancolia na tarde cinzenta. Permaneço sozinho ante a tumba de Ofélia, sem flores nem círios. Os mortos e os vivos jamais poderão entender-se; as recriminações serão em vão. Mas teríamos que as fazer por não termos sabido viver a vida. É tarde... tarde para tantas coisas. O que passou não volta a passar. Vou-me embora. Quero dizer-lhe até logo, mas a voz não sai e o alerta angustiante de Poe soa dentro de mim: *Jamais! Nunca jamais!*

E vou com a minha cruz, da qual não me posso livrar, convencido de que não voltarei aqui enquanto viver.

Tudo indica que entramos na antecâmara da melancolia, com saudades daquilo que não aconteceu mas que poderia ter acontecido. Se a estatueta de Galateia⁶ que tínhamos sobre a mesa, não se tivesse partido em vários pedaços quando caiu, ou o relógio do tempo não tivesse parado um minuto antes que isso ocorresse, outros seriam os cantares do mundo. Penso em Ofélia – um nome, uma imagem, uma lembrança - como coisa pessoal e alheia, simultaneamente. Não há muito tempo estava ao meu lado e era um corpo pleno de desejos e promessas: agora, no entanto, pelo contrário, é um vazio infinito, sem nenhuma perspectiva de retorno a esta vida. Ofélia – uma linha horizontal que demarca o sonho e a realidade. Não sei, como não sei tanta coisa, se a minha vida em comum com ela foi um sonho ou se é agora um sonho que se esfumou como uma nuvem, quando começo a sonhar. Sinto que fui uma imitação de Fausto⁷, um Fausto de tom menor, algo tosco, sem polimento. Como o célebre Níromante⁸, cuja história (história tergiversada) foi apurada por Goethe, eu não estava predestinado para o amor, mas necessitava-o como a sede necessita da água. E conheci-o ou conheci a sua imagem, fazendo pacto com Mefistófeles (o Diabo), durante alguns escassos anos que para mim duraram minutos fugazes, mas como tudo chegou ao fim, igual aos rios que terminam no mar, senti aproximar-se a hora de pagar a minha dívida. No entanto, ainda estou aqui por um erro ou por uma transmutação ao inverso, porque Ofélia tomou o meu lugar no barco que me devia conduzir ao inferno.

Às vezes eu imaginava o itinerário de um Alter-ego que não tive, e detinha-me a pensar nas paisagens que poderia ter conhecido se em determinada data, em vez de virar

6 Pígmalião era um escultor que via tantos defeitos nas mulheres que começou a abominá-las. Um certo dia ele esculpiu uma estátua tão linda que se apaixonou. Pígmalião pediu a Vênus que lhe desse vida e a deusa, compadecida, deu vida a estátua, chamando-a de Galatéia. [N.T.]

7 Fausto toma Helena por sua esposa e obtém sua salvação. [N.T.]

8 Níromante é quem pratica necromancia, suposta arte de evocar os mortos, a fim de conhecer o futuro. Georg Faust viveu na Idade Média, era um aventureiro, astrólogo e necromante, em quem Goethe se inspirou para escrever o Fausto. Como o Autor escreveu necromante com letra maiúscula, pode supor-se que necromante é um personagem do Fausto, o que não ocorre. [N.T.]

à direita, seguisse em frente, mas, aí de mim, compreendia que depois do sucedido já não existiam opções. Entretanto, essa possibilidade desfeita ou inadvertida para mudar os meus passos, começava a ganhar consistência na minha mente subjectiva que, dirigida pelos ditames de uma hipnose, recobrava cada vez com mais precisão a memória perdida, uma memória de imagens plásticas, cenas cinematográficas nas quais predominavam as revoadas de pássaros e os bramidos do mar. Esse mundo era e não era o meu, mas eu era sempre eu. Variavam as circunstâncias, não as personagens, e eu percorria as ruas de uma cidade portuária, obcecado pela ideia de construir uma casa, cujo espaço cobriria com vários dosséis com desenhos de dromedários e beduínos, e as paredes com livros, quadros, estatuetas e outros objectos de arte. Quando passava frente a uma loja de antiquário, detinha-me a observar os móveis, as panóplias, as enciclopédias e as monografias de arte. Olhava-os atentamente, e quando entrava para saber os preços daquilo que, no momento, mais me interessava, desembocava, vá-se lá saber por que maquinação labiríntica, no ponto em que tinha enveredado à direita. Era um sonho recorrente, a imagem de um desejo daquilo que quis ser e não consegui, mas, mais do que isso, era o contraponto da minha história. A alienação de Ofélia interpunha-se, certa, entre o meu sonho e a realidade, assinalando a nossa frustração e a inutilidade do meu desejo soterrado. O seu espírito era destruidor como a traça, predisposto ao abandono, à desintegração. Ela tinha partido as cadeiras, o rádio, o ferro de engomar e o televisor; tinha vendido a troco de quase nada, os lençóis, os cobertores, as toalhas de banho e a colcha. Pobre. Os meus sonhos tinham-se esfumado e as pequenas actividades quotidianas enredavam-me e agrediam-me. Ainda que pudesse possuir uma casa, de que me serviria se já não poderia ser compartilhada e até me provocaria remorsos por desfrutar daquilo que a ela foi negado. Isto seria mais doloroso que a picada de um escorpião e incómodo como um musaranho. Tinha que resignar-me à realidade e a realidade era e continuaria a ser para mim a casinha decrepita de chão de terra, onde os sapos coaxavam em dias e noites chuvosas, e as paredes enegrecidas em cujos tectos de papelão passeavam aranhas, as da sua realidade e dos seus pesadelos, de patas longas sobre fios transparentes ou teias compactas, tecidas com as suas babas.

Agora, com a ausência de Ofélia, os rumores da noite dão ao meu isolamento significados novos e intrincados. Já não acordo a meio da noite, suado, com uma agonia no peito que se transformava em alívio ao comprovar que tudo tinha sido um sonho e

que os sonhos, sonhos são, que Ofélia não tinha morrido e permanecia no quarto ao lado, e que me bastava pôr o ouvido na fechadura da porta para perceber a sua respiração entrecortada. Antes (veja-se a contradição e procure-se o significado destas imagens oníricas) quando vivia, costumava sonhar que ela tinha morrido e que estava enterrada no chão da casa; agora que está realmente morta, sonho que está viva, mas ausente, num lugar afastado e indefinido. De qualquer modo é sempre um pesadelo ao contrário, que ao retornar à vida consciente, mostra-se sem ambiguidades, embora deprimente. *Ofélia não está mais entre nós, não me canso de repetir, foi embora, confirmaram-se as premonições.* Por momentos sinto um prurido na epiderme. Chove, o vento sopra e os cães farejam os cheiros da noite. Os estalos (há dias em que a minha vida parece estar entre as folhas de um livro fechado, mas isto é o menos; o pior são aqueles dias em que parece que estou perfilado na capa do mesmo livro) da madeira podre aumentam, trazendo à memória aqueles outros estalos, tão sonoros, produzidos pela cama em que nos amávamos em tempos já tão distantes. E sem que isso seja consciente, um prazer mórbido faz-me recordar esses momentos como se eu quisesse revivê-los no meu sangue e nas minhas vísceras; recordo as suas frases, suas atitudes e suas opiniões convincentes sobre as relações sexuais entre um homem e uma mulher. No quarto do hotel pouco depois da sua chegada a Buenos Aires, quando os estalidos da cama aumentavam o seu ritmo, Ofélia propunha-me pôr o colchão no chão, para que os vizinhos dos outros quartos não escutassem o nosso barulho. Era prudente, cordata e no entanto... Agora, Ofélia não está mais aqui. Durante o dia as crianças gritam e correm sem parar, alguém toca uma campainha e um cão uiva ao longe. Durante a noite, é costume ouvir-se os improperios de um ébrio. O vento insinua-se como uma cobra incorpórea pelas fendas das janelas mal ajustadas, sacode a única lâmpada do quarto num redemoinho de sombras chinesas que na minha imaginação se transformam num mandarim perseguindo um cooli.⁹ O isocronismo dos pêndulos da noite parecem-me, não sei bem porquê, línguas viperinas dentro de ampolas de vidro. Aqui e ali, fora ou dentro de casa, escuto rumores ténues, vagos, distantes. Talvez seja um sintoma de alienação, a marca dos passos vaporosos de Ofélia na viagem inadiável, virando-se para olhar os faróis da barca ou essas campainhas de cristal com cujos sons já estará

⁹ Cooli ou cule: trabalhador braçal oriundo da Índia e da China. [N.T.]

familiarizada. Todas estas insignificâncias aparentes, representam para mim, ainda que pretenda dissimulá-lo, uma espécie de beco sem saída. Se morro não me sepultarão aqui, mas até que o fedor do meu cadáver alerte a vizinhança, ficarei exposto à curiosidade ou à gula das hienas. Serei carne fétida, podridão, como ela o é agora. Ela? Indigno-me de que a morte tenha conseguido desfigurá-la, comer-lhe os olhos e o sexo, destruindo os fios sedosos do seu cabelo.

E virá um dia e outro dia, o mundo com os seus apetites e vaidades continuará girando, e os parricidas virão tomar o lugar dos parricidas que temos sido, mas eu jamais voltarei a vê-la. Em todo o meu ser ressoa o alerta de Poe: *Jamais. Nunca mais.*

Há algumas percepções velhas como o mundo.

6

À minha solidão vou.
Da minha solidão venho.
Lope de Vega

Por mais que quisesse, nunca seria capaz de delimitar as barreiras do nosso eu consciente, demarcar com balizas o rio do meu sangue. Quanto a Ofélia, eu sabia que a havia perdido, não obstante desconhecer, em boa medida, os meandros de tal causa, assim como o que originou o nosso desentendimento, a sua alienação mental, o seu tremebundo masoquismo, a sua tendência à auto-destruição. Ao cortar toda a comunicação verbal comigo, poderia até ter ido embora, mas não foi. Ficou porta com porta, ao meu lado, quase junto de mim, o que era uma maneira de mostrar-se fiel aos olhos do mundo e fiel à sua educação de menina complexada, cheia de convencionalismos, dos quais nunca se conseguiu libertar. Quando eu não podia mais controlar os meus nervos e necessitava atirar o lastro pela borda para não me afundar, recriminava o seu procedimento, ela não me respondia ou respondia-me com o seu silêncio. As minhas invectivas caíam no vazio, sem encontrar receptáculo. Com o tempo acostumei-me a tolerá-la, conformando-me com a minha condição de homem menosprezado, atribuindo a sua atitude a uma aberração mental muito próxima da loucura propriamente dita, a taras hereditárias – um pai epiléptico e alcoólico, uma mãe de carácter forte, sargentona. Entretanto, agora que morreu, depois de ter-se crucificado numa cruz invisível no afã de emular Cristo, começo a supor o porquê de algumas das suas motivações. Ela estava presa a uma recordação, sujeita a uma sombra que se interpunha entre nós, assediada por um morto que mata. Se tivesse que imitar um místico ou um romântico, que é o inverso de um místico, eu diria que antes de perder o seu corpo, ela já tinha perdido a sua alma. Francamente não sei onde o corpo acaba e a alma começa. Admitindo essa coexistência bipolar do bípede devo confessar que os tinha perdido aos dois. Só do corpo de Ofélia conservo lembranças, marcas coladas à minha pele que rego com a minha melancolia, como quem rega um vaso de flores. E ai de mim, não posso perdê-las, sob pena de soçobrar definitivamente. Já é tempo de tirar

as armaduras... Nos raros recados que Ofélia me mandava por debaixo da porta, vendo sempre em mim o chefe tribal encarregado de providenciar a sua manutenção, costumava referir-se ao diário que mantinha como se fosse uma grande obra em constante elaboração. Quando saiu de casa para o hospital, o seu diário caiu nas minhas mãos. Ao abri-lo, descobri na sua leitura um micro-mundo, o universo oculto de Ofélia. Agora, nesta solidão em que me encontro, compreendo perfeitamente a luta que ela mantinha, atrás da porta, contra a minha presença, coadjuvada pelos fantasmas do seu passado. Não posso aceitar o seu atrevimento em transmitir ao papel os seus sentimentos, mas tampouco posso odiar a sua memória. Tento, na medida do possível, ser equânime, compreensivo. As páginas do seu diário não obedecem a nenhuma ordem cronológica, há nelas saltos no tempo e no espaço, porque respondem a uma entropia exacerbada, a lembranças e emoções momentâneas. No entanto, nem tudo são distorções, ao olhar-se para dentro de si própria, também há filamentos de moralidade não isentos de aprimoramento. Entre mim e Ofélia aconteceu um grande desencontro que me fazia pensar que éramos um autor e um protagonista postos frente a frente. Quem abriria o fogo? Quem se atreveria a perguntar se a mordedura da víbora era mais dolorosa do que o beijo do anjo? Agora que já houve o esvoaçar dos pássaros entre o arvoredo e os rios dos nossos desentendimentos, baixaram as águas turvas, e dou-me conta disto. Mas é demasiado tarde para remediá-lo. De qualquer modo não é minha intenção ocultar nada referente às nossas relações. Se tentasse apresentá-la como o que realmente não era, quer dizer, como uma heroína de novela, como o faria um romancista à procura de êxito imediato, não só tergiversaria a sua vida como daria uma imagem adulterada do que ela foi. E no entanto duvido, duvido, porque a verdade é que não sei quem era Ofélia. Sei, se me permitem o paradoxo, que era uma moça (sempre a vejo como nos sonhos: jovem) do povo, que querendo ir a muitos lugares não chegou a lado algum.

Mas devo deixá-la falar, ainda que eu saiba que ela não me devotava nenhuma simpatia nem chegara a aceitar a existência plausível da minha projectada máquina dos sonhos. Eis aqui alguns fragmentos do seu diário que considero letra viva, real, actuante:

Os meus sonhos são variados, mas creio que sempre os une uma afinidade: casa, jardins com trepadeiras, cravos-da-índia e estacas. Na noite passada sonhei que

tinha sido crucificada; julgava-me imune à dor, mas quando pregaram a minha mão direita senti uma dor tão intensa que me assustei, gemi, quase gritei; na esquerda a dor foi de menor intensidade. Agarraram nos meus pés e acomodaram-nos para pregá-los no tarso, o que, como numa agonia terminal, já quase não senti.

Depois, como se tivesse despertado de um pesadelo, eu via-me caminhando, ainda com a mão perfurada da palma ao dorso, manchada de sangue, penso que alaranjada e gelatinosa; os que me rodeavam continuavam zombando de mim e maltratando-me; alguém queria discutir, brigar, ao que eu não respondia, por sentir-me indefesa e resignada. Por isso fui colocada num canto obscuro como uma coisa qualquer. 29-7-74.

Como anotação só posso dizer que as dores sofridas por Ofélia eram em sua maioria metafísicas, mas nem por isso menos verdadeiras. O seu mundinho, entretanto, era como um ovo perdido no fundo de um vasto galinheiro; ninguém notava; mas era dali que ela arremetia contra os moinhos de vento, como um Quixote de saias.

No decurso da minha vida, tive de projectar e desenvolver variadas coisas, tantas que quase diria que nenhuma foi perfeita. Uma vez mais devo dizê-lo: o meu mal é o processo de uma época turbulenta, de sentido e estilo autenticamente bíblicos. Se me fosse permitido retroceder, poderia refazer tudo com esmero. Mas não, prefiro que tudo quanto fiz fique como está, como um fiel testemunho desta época e de suas crises. Procuro manter a calma com uma entoação de felicidade ou de profunda tristeza. Todos os elementos do meu ser estão dotados para assumir esta elementar responsabilidade, porque penso e creio estar guiada como um satélite no espaço ou ser um meteorito que se desprende de uma grande estrela. 7-6-74.

Não obstante a dose de narcisismo manifestada nos seus escritos, Ofélia apresenta-se aqui com uma lucidez, uma exposição de factos e ideias nada comuns, onde se adivinha, estrela oculta, o seu amor à vida. Que falem os sensatos:

Quando era pequena disseram-me que tinha dedos compridos, próprios para habilidades manuais; no hospital, onde estive internada, que possuía as mãos que eram necessárias para atender parturientes. Sem que seja um problema de diminuição óssea, tanto as minhas mãos como o meu corpo dobram-se, quase retrácteis, com a agilidade dos acrobatas.

Minha mãe sempre trabalhou para manter o lar, como se fosse o chefe da família, e eu a obediente e honrada mulher que cuida e administra o lar. Quando me casei, o meu marido demonstrava ser muito inconstante de carácter, como uma criança que ainda vivia agarrada às saias da mãe, mas que, isso sim!, costumava gritar como um energúmeno e lançar-me os mais variados improperios. Tive que assumir em muitas ocasiões o papel da mãe autoritária, como se na realidade ele fosse a mulher e eu o marido. Definição: a vida tem-me vindo a preparar, como uma necessidade, para a minha suprema vocação. Tudo o que desejei e fiz com ânimo construtivo, foi-me negado ou desfeito, como se dissimuladamente, o meu destino estivesse a obrigar-me a conviver com a minha solidão de forma grata e aprazível. Devo dizer que agora sinto-me muito bem sozinha, apesar de não poder realizar tudo o que quero. Se pudesse fazê-lo não teria tempo de pensar no meu passado, nem naquilo que poderia ter feito. Sou humana; se as coisas mudassem talvez pudesse chegar a compreender o lado gostoso da vida, mas assim, continuando assim, jamais poderei esquecer o passado e de forma alguma fabricarei fantasmas ou inventarei ilusões para adorno.

Se a vida fez-me assim, é porque eu necessito que seja assim. Gosto de melodias e de música sacra. Quando era jovem diziam-me que tinha uma voz bonita, pulmões de aço, mas que faltava-me a prática. Anos depois cantei numa igreja e comecei a ensaiar continuamente, a dominar a voz, a contrair e distender as cordas vocais. E comecei a receber aplausos e felicitações. Alguém quis levar-me para a televisão e ofereceu-se para ajudar-me a estudar canto lírico, depois de notar a extraordinária colocação da minha voz. Um especialista de garganta ao examinar-me, perguntou se eu me dedicava ao canto. 2-4-74.

Ofélia dá muita importância às lembranças do seu passado. Seu passado ou alguma coisa que nele tenha sucedido, que não consegue esquecer, é motivo de sofrimento e ao mesmo tempo de justificação para as suas obsessões. Talvez no seu passado se tenha partido alguma estatuetazinha, talvez... Não me atrevo nem quero aventar nada. Não sei se eu faço parte do seu passado, se significo alguma coisa para ela ou se simplesmente algo se interpõe entre nós, se há uma luz ou uma mancha escura neste relacionamento. Também não vejo o porquê de sua animadversão à minha pessoa. Claro que nos primeiros anos de nossa vida em Buenos Aires, parecia não ter de mim um mau conceito, mas à medida que o tempo decorria, aprendeu a conhecer-me melhor

ou pior. Quem o saberá? Se exponho uma hipótese ou procuro uma dualidade, terei que admitir que eu não me conheço bem ou ela conhece-me muito mal. Arquitecta muito bem as fantasmagorias que povoam o seu cérebro, fala das suas lutas e dos seus sacrifícios intangíveis mas aos meus sacrifícios reais não dedica uma palavra. Acusa-me de inconstante porque, indubitavelmente, agora me dou conta, não via a minha luta titânica para não sucumbir, não abdicar, permanecer de pé e continuar sendo eu mesmo. Talvez a morte tenha sido para ela a única saída; eu, depois de tudo, tenho outras, menos dolorosas, menos atemorizantes, mas no entanto, saídas. Uma delas é a de continuar vivendo ou vegetando. Claro que ela chegou à tragédia (por algo chamava-se Ofélia e por algo interpretou a heroína shakespeariana), enquanto eu simplesmente não fui além do drama. Ela já cruzou o rio, sozinha, sem barqueiro, num caixão de madeira barata, cujo preço foi regateado, já está na outra margem, do outro lado do muro; eu ainda estou aqui com medo do macaréu que precede a maré viva. É que eu, como uma larva cega, amo a vida e não gostaria de morrer nunca. Ofélia foi, sob qualquer perspectiva que a encaremos, mais valente do que eu e talvez tivesse razão em muitas das suas opiniões. Pena que jamais tivéssemos podido dialogar e jogar as cartas na mesa num jogo limpo, como fazíamos antes de adoecer. Porque não o fizemos a tempo? Porque insistimos em continuar respirando este ar envenenado? Se é certo que não sou um homem muito conversador, também não sou um vigarista. Pela minha parte não pensava que ias morrer nem que um eclipse viria separar-nos para sempre. Tanto é assim, que dentro do que tu eras e do que eu sou, sempre estava pensando em deixar-te a minha pensão quando eu morresse, mas tu partiste, e agora que foste embora, eu abraço uma estátua gelada, como propôs Epicteto¹⁰, porque sem ela perco o equilíbrio e não encontro o norte da minha vida.

¹⁰ Epicteto – Filósofo estóico, nascido na Frigia em 50 da era Cristã e falecido na Grécia em 125. Ele simplificou o estoicismo ao criar uma moral que se apoiava na lógica. Baseou essa moral na distinção entre o que depende de nós e o que não depende de nós. A própria vida não é um bem nem um mal, sendo lícito deixá-la quando não mais permite realizar a virtude. Assim, o estoicismo justifica o suicídio. [N.T.]

A alma, como o corpo, pode ter virgindade.
James Joyce

Recordo que uma vez, não vendo em mim o homem prático capaz de segurar o touro da vida pelos cornos, disse para mim próprio: *Não serás nunca um homem de negócios*. Senti que estava unido a uma mulher por laços bastante complicados, e que não recusava as prebendas e o bem-estar social, quer dizer, uma mulher coquete, aproveitadora, e que não era Ofélia porque esta eu havia criado à imagem da minha alma virgem. De todas as palavras que compuseram o meu mundo juvenil, há uma inconfessável: a alma, que não emprego nunca em sua acepção teológica, e vou tolerando, como tolero o retrato de Renan¹¹ que em Portugal tinha sobre a mesa-de-cabeceira. Não sei se realmente criei Ofélia, como Pigmalião criou Galateia¹². Às vezes penso que ela não é outra coisa senão uma visão da minha alma transformada em moldes artísticos, e no entanto... Bom, sim. Aí estão os seus retratos, as suas tranças, mas também estão os meus sonhos, esses receptáculos da alma virgem. Ofélia sou eu, como Madame Bovary era Flaubert, mas era simultaneamente a essência da minha vida onírica. Sem ela, valha a verdade ou a ilusão, eu não podia sonhar que caminhava pelas salas de um museu, contemplando os quadros de batalhas com muitos canhões, cavalos e sabres desembainhados, e de repente estes começavam a movimentar-se e a lutar. Eu atravessava o campo de batalha, surpreendido entre dois fogos. Sabia que já não podia continuar como espectador, que as balas e as baionetas que tinham substituído os sabres, não respeitavam a minha neutralidade e exigiam-me a tomar partido, e a tornar-me um beligerante, mas eu não sabia por qual dos dois lados decidir. Avançava e recuava. Entretanto, o cerco era cada vez mais denso: já não havia soldados nem espingardas,

11 O último livro de Renan (escritor e filósofo) ajudou com as suas teses a consolidar as ideias e a acção dos políticos franceses de extrema-direita. [N.T.]

12 Pigmalião era um escultor e rei da ilha de Chipre, segundo a lenda grega. Enojado com as mulheres perversas de sua época, Pigmalião esculpiu uma estátua de marfim de uma bela mulher e se apaixonou pela sua própria escultura. Em resposta a seu pedido, a deusa Afrodite fez da estátua uma mulher de carne e osso, batizada de Galateia. A lenda de Pigmalião tem atraído vários escritores. O antigo poeta romano Ovídio contou essa lenda em sua obra *Metamorfoses*. [N.T.]

mas autómatos de ferro com máscaras de deuses e de guerreiros pagãos que lutavam entre si. Sentia que não queria morrer porque amava a vida (e a vida era Ofélia e Ofélia era a vida!) e negava-me a participar de um jogo que não me apaixonava. Gritava, e do fundo do meu pesadelo, escutava os meus gritos. Sabia que estava pedindo o auxílio de Ofélia que dormia e vigiava meus sonhos no quarto ao lado, esperando que ela me acordasse com a sua voz, como o havia feito em outras ocasiões. Acordava e apercebia-me de que Ofélia já não estava ali, de que nas páginas em branco de um livro que ninguém ainda abrira, o tempo desapiadado tinha escrito um novo capítulo da nossa história.

Ah, Ofélia! Nossa vida foi uma marcha aos tropeções, porque errávamos o caminho e não éramos nenhuns andrólatras¹³. No entanto, defendias algumas ideias, como se vê no teu diário, que me fazem supor que não negavas de todo o culto da personalidade. Tu és a protagonista do drama que eu vivo por tê-lo criado, já não estás em cena, mas ainda permaneces no palco, onde representas o teu próprio papel, aliás muito mal. É que não queres, nunca quiseste ser o que eu havia sugerido. Com quê poderei eu suprir a tua ausência? Ah Ofélia! Guerreira digna das melhores causas, apontas, lança em riste, meus fracassos e censuras-me por intenções que não tive.

Há alguns dias o meu marido decidiu pintar de branco a pequena cozinha que serve como meu quarto. Como o conheço desde longa data e há muito tempo que sei das suas intenções, tive de apressar-me, com o corpo ressentido por muitas noites de insónia, a colocar papéis por todos os lados. Caso contrário, a roupa, a cama, fogão e tudo o mais ficariam salpicados de tinta. Ele faz essas coisas e cala-se: só se ouve a sua voz para dizer-me: Louca! Estás louca! Quem és tu para gritar-me? Recordo-me que há muitos anos disse-me um dia, estando sentado: Bom, diz qualquer coisa, faz qualquer coisa, não importa o quê. Olhei-o estupefacta, e sem dizer-lhe uma única palavra nem fazer qualquer gesto, virei-lhe as costas e fui-me embora. Nestes últimos dias tirou um verniz de uma lata com um cheiro fortíssimo, que entra pelo meu nariz e me sufoca o peito, provoca-me uma forte dor de cabeça e obriga-me a cobrir os olhos com um lenço. Sei que espera uma reacção violenta de mim mas não o satisfaço e fecho a porta, ponho perfume num lenço e levo-o ao nariz. O verniz é só um pretexto, uma desculpa,

¹³ Andrólatra é uma pessoa que presta culto divino a um ser humano. [N.T.]

porque molha o pincel e passa-o com parcimônia pelo roupeiro ou pela cama que não serve ou serve somente para o descanso das cadelas. Volta a insistir na minha assinatura que é necessária e não sei que mais, a oferecer-me dinheiro e melhoria de vida, como um profeta, um visionário que espera encontrar um Eldorado com a sua projectada máquina dos sonhos. Respondo-lhe algo, que é o mesmo que dizer-lhe: Não me interessa. Como um velhaco que sempre foi, não só pelo episódio da Legião Estrangeira mas também pelas mentiras com que me adulava, diz-me: Ah, é assim? Pois agora não terás nem água nem comida.

Isto não é nenhum delirium tremens, porque o vivo como uma crua realidade ou um profundo sonho; vivo entre tamanha calamidade à minha volta, pestes do corpo e da alma: insectos, répteis, ratazanas e aranhas do tamanho duma mão, às vezes aos meus pés e de repente na parede ou sobre a minha cabeça. Quando durmo, com os sons pululantes dos bichos, abro os olhos e posso vê-los!... Deus meu, quantos dias, quantas noites têm os anos!...

Não quero dizer, nem sequer pensar, mas tudo o que me rodeia parece ter-se convertido num rio de piranhas. 11-4-74

Ofélia via e exagerava o seu diminuto universo através de um potente microscópio, digno de melhores causas, e entre os seus insectos havia sempre uma grande aranha de mordedura venenosa. Em mim, agora me dou conta que ela via, desde que se acentuou a gravidade de sua alienação, o grande crucificador com um punhal de quartzo na mão, o culpado da sua infelicidade, do seu delírio. Necessitava jogar o lastro para fora do barco, a fim de recompor-se, de não afundar no desespero. O haver-se casado comigo, acreditando casar-se com o outro, pode muito bem ter sido a causa de seu afastamento, de sua agressividade, mas pode também não sê-lo. Como se negou sempre a consultar um médico psiquiatra, não consegui apurar se a sua doença tinha raízes mais profundas. Eu era o criador que queria levar a um bom final a realização de uma obra conveniente, lógica, para conseguir uma felicidade que pudesse ser compartilhada; ela, a criatura que pretendia impor a sua vontade destrutiva, anulando ou neutralizando a minha, como se quisesse fazer-me entender, apesar de não querer, que nos seus vislumbres de luz ou no seu cone de sombras, estava implícita a ideia de barro com que eu tinha tentado esculpi-la à minha imagem. Meus pais, admitindo que eu fora

Salgueiro, como todos me conheciam e constava no meu Bilhete de Identidade, tinham morrido um atrás do outro há muito tempo, e eu precisava de dar a um advogado uma procuração para tramitar os bens a que eu tinha direito. Nós éramos pobres: não possuíamos nem uma casa decente onde morar. Eu teria que construí-la. Tínhamos o terreno mas não dispúnhamos dos materiais para levantá-la. Por isso a urgência em dispor dos bens de Francisco Salgueiro e Maria dos Anjos, minha pretensa mãe. Em caso contrário, continuaríamos nesta casinha velha e em mau estado, cenário das nossas agonias e pesadelos, e os bens passariam, à falta de herdeiros, para o Estado português. Como a natureza, também o azar ou o acaso podem ser sábios: o ardil inócuo da minha usurpação tinha-se aperfeiçoado com o facto de que o meu amigo e camarada de andanças e armas, o verdadeiro Salgueiro, morto, não tinha irmãos nem ninguém que reclamasse a sua parte na herança. Eu pensava mais em Ofélia do que em mim mesmo, mas ela rechaçava decididamente os meus propósitos, negando-se, uma vez e outra, a assinar o documento que eu lhe apresentava. E sem a sua assinatura, eu não podia levar adiante as minhas pretensões.

Não sei até que ponto poderei ser condenado por usurpar o nome de um morto e pretender apropriar-me do que estava destinado a ser sua propriedade. Tampouco sei se Ofélia menosprezava-me por isso ou independentemente disso ela desprezava-me de qualquer maneira, mas sei e estou farto de repetir que ela me mortificava com os seus silêncios e as suas alfinetadas que, como antídotos, misturavam-se nas anotações do seu diário. Nunca procurei saber se ela demonstrou alguma vez um afecto fora do comum pelo seu ex-noivo, se via nele a parte complementar da sua personalidade agressiva. E para quê, se eu a amava tanto e acreditava que ela tinha aceitado a minha máscara de bom moço? Sim, creio não errar: Ofélia não amava ninguém porque se amava a si mesma. Tanto nos seus mimetismos como nos seus ímpetos sexuais rebelava-se contra qualquer dependência ou tutoria, queria ser ela, navegar pelos seus próprios meios e não ser puxada por nenhuma corda. Talvez não fosse tão Ofélia como Ophélia, tão inocente como possuidora de um génio irrequieto. Às vezes ao repreender-me com uma palavra mordaz que eu considerava um dardo venenoso, eu explodia, perdia a paciência. Não podendo conter-me, aplacar a indignação, eu sussurrava-lhe com uma ladainha vinda dos ninhos de víbora dos meus sofrimentos: *Coração de lebre!* ao que ela respondia

com seu silêncio já frio e o seu olhar desafiante: *Hemíono*¹⁴, *lepórido*¹⁵, *mula*, *rato*! Na verdade não me dizia nada disso, mas era como se o dissesse. Minha pele arrepiava-se, os meus nervos contraíam-se como se uma serpente tivesse passado sobre o meu corpo. Agora, lendo as coisas pouco gratas que aqui e ali deixou expressas sobre mim, numa maneira concisa e convincente, como o fio duma navalha afiada, chego à conclusão de que Ofélia não era Ophélia. E entretanto sempre fica algo em suspenso, pronto para ser retomado: o fio do bicho-da-seda e a baba da serpente. Como saber, Ofélia, se a tua alienação era fruto de maturação natural ou forçada? Se pretendeste deificar a moral tradicional e caduca, acusando-me das coisas que me imputas, não bateste na tecla certa. Se não fui, nunca pude ser aquele que tu querias, tampouco fui, juro-te, aquele que tu pensavas. Era, ao contrário, e continuo sendo, um homem que queria as coisas no seu lugar. Quando manipulava a lata de verniz e empunhava o pincel, não o fazia para te aborrecer, mas para praticar uma nova profissão que em pouco tempo possibilitasse outros meios de subsistência. Sem a dominar sofrivelmente, não poderia deixar-te o dinheiro que sempre dizias ser pouco, para os gastos de manutenção e possibilitar-te a compra de lápis e cadernos onde jogasses as tuas alfinetadas contra mim.

Esta história (a minha e a de Ofélia) já está bastante enredada e confusa. Um escritor usaria outro fio para enrolar o novelo, nunca amontoaria factos sem definição, e antes começaria um relato por onde se deve começar. Mas eu que não sou escritor, comecei esta história ao contrário, e ao contrário terei que terminá-la. Assim, sigamos escutando Ofélia, já que os mortos têm a primazia ao cantar, sobretudo quando se trata de uma prima-dona:

... Ultimamente, quando desperto sinto o cérebro fechado, tamponado. Momentaneamente não sei quem sou nem onde estou; depois de alguns minutos, tento lembrar-me de algo, como se quisesse renascer dos escombros, e volto a mim. Meu cérebro abre-se e as suas células voltam a funcionar, mostrando-me a permanência de velhas revelações parcialmente renovadas. Há vários anos já que sinto dificuldade para conciliar o sono. Não sei se é insónia propriamente dita, mas sei que é uma espécie de

14 Hemíono: equídeo que vive no Tibete, considerado uma espécie que estabelece a transição entre o burro e o cavalo. [N.T.]

15 Lepórido: híbrido hipotético entre uma lebre e um coelho. [N.T.]

doença que me impede de adormecer até cumprir um ritual que pelas suas características parece-se com a tarefa de mil telegrafistas ou telefonistas, que com duas mil mãos, duas mil orelhas e dois mil olhos, apressam-se a cumprir a sua obrigação. Esta profusão de imagens desfilando no ecrã dos meus sonolentos olhos, são simultaneamente luz e sombra no meu caminho em direcção ao reino morfético. Quando volto a acordar, neste jogo de abrir e fechar os olhos, sinto o corpo mole, dolorido. Ensaio pequenos exercícios físicos, contorções que se assemelham aos primeiros passos das crianças. Sempre fui activa. Desde criança eu queria trabalhar, ajudando minha mãe; ela proibia, dizendo que eu teria tempo de fazê-lo, enquanto isso que continuasse brincando, lendo e cumprimentando os vizinhos. Já mulherzinha, continuei insistindo em querer trabalhar, mas a minha mãe nunca deixou. Para ela eu era uma boneca de porcelana, um objecto de estima que deve ser preservado. 1-4-74.

Pobre órfã de carinho tão desejado; o que te davam em abundância, recusavas. Menina! Querias brinquedos que não estavam ao teu alcance e sofrias por não tê-los. Se pudesses voltar no tempo, quantos brinquedos terias. E quem diz que tu e eu, não voltaremos algum dia, dentro de mil ou dois mil anos? Eu sei que não vamos admiti-lo, nem como uma realidade nem como uma hipótese, porque estamos presos a ideias fixas, metidos em camisas de força. Não, não voltaremos jamais; outros virão por nós, mas eu e tu nunca mais. Assim não teremos possibilidade de nos encontrar e corrigir os erros das nossas vidas. O diário de Ofélia vai-se desfigurando em meras repetições, dando-nos também, aqui e ali, fragmentos de colorida psicologia sem continuidade. Tu que leste o poema “Flor de Pedra” deves estar convencida de que uma obra de arte oculta dentro de uma pedra perde o interesse. Ninguém a verá nunca. Sabias que eu sempre detestei as figuras da chamada história universal? Que figurem nos textos, nas biografias, nos museus e mausoléus, em tudo que quiserem. Nós, depois de termos cumprido, bem ou mal, o nosso objectivo, vamos dormir. Visto desta margem onde ainda permaneço, amarrado a este cabo que retarda a partida para o meu destino de barco, o dormir dos mortos parece ser o supra-sumo da felicidade. E no entanto... nada mais triste do que estar morto! Escuta-me Ofélia! Embora eu não tenha visitado o teu túmulo, não tenha colocado uma cruz, nem te tenha levado flores, falarei de ti nesta história, que hoje é ignorada, silenciada, mas amanhã será lida. Talvez venham até

visitar-te para elogiar-te e saber quem eras. Terão tanto que escavar... Entretanto, dorme tranquila; ninguém sentirá o cheiro do teu cadáver que amanhã será luz no túnel do tempo...

Apesar de ter morrido lúcida, o véu de sombras da alienação incidia sobre o seu cérebro não como uma ameaça, mas como uma realidade. Nos melhores tempos de nossa existência, costumávamos reunir com os amigos nos cafés da cidade que se transformava vertiginosamente. Era ainda a grande aldeia com eléctricos e multidões barulhentas nas praças. Tudo parecia uma festa, um mundo de sensações novas que, em certa medida, nos fazia esquecer as misérias que havíamos sofrido no velho mundo. Alguém havia pintado uma máscara de traços hediondos que não correspondia ao rosto que ocultava. Esse rosto era o do peronismo que já em África nos haviam descrito como fascista, mas isso não correspondia à realidade. Nas suas hostes havia fascistas com os seus excessos e conservadores com os seus interesses, mas representava também o povo sem dúvida, num dos maiores movimentos de massas que a história registou. Podíamos eventualmente supor que estaríamos sujeitos a um drama, mas jamais que seríamos comparsas de uma tragédia silenciosa, sem consequências imediatas. E pensar agora, depois de tantos anos, que de toda a fauna que compunha a tertúlia que formávamos – aspirantes a escritores, músicos iniciantes, actores e dramaturgos em continua formação, fundadores de futuros partidos políticos, cantores e coreógrafos, etc. -, era Ofélia, levemente identificada com os Atridas¹⁶, a única condenada a morrer tão atrozmente no seu papel de imolada na tragicomédia da vida. Ela era Efigénia, a irmã mais velha de Ophélia no tempo e no espaço, cuja fixação à mãe viria a acentuar-se no seu diário. A sua mãe que apenas tinha conhecido a aldeola longínqua, não era Clitemnestra, mas se o fosse seria uma heróica mulher disposta a vingar na pessoa de Agamenon, o sacrifício da sua filha no altar de um deus tirânico. Recordo como, quando Ofélia ainda era Ofélia e Cisneros sonhava com a publicação de “Os outros conquistadores”, onde nos tinha incluído, segundo dizia, líamos e esmiuçávamos as tragédias dos três clássicos gregos, numa mesa do café “El Trebol”. Cisneros exaltava até ao exagero os supostos valores morais de Agamenon, Orestes e Electra, enquanto que eu decidia-me por Clitemnestra,

16 Atridas – família da mitologia grega, célebre por seu trágico destino, com adultérios e assassinatos entre seus membros. [N.T.]

Ifigênia e Egisto¹⁷. Ofélia não tomava partido, talvez por não conhecer devidamente o tema sobre o qual discutíamos, mas por pruridos que só uma mulher saberá explicar, ela pisava o meu pé, debaixo da mesa, sussurrando: *Tu és Egisto!* Talvez não o fosse, porque não tinha tirado a mulher de ninguém, nem tinha matado. Somente tinha usurpado o nome de outro (o mesmo que durante um ano usurpara o meu), cujo papel eu representava na vida real com uma personalidade muito minha. Ela tinha casado comigo crendo que estava casando com o outro, dividiu o leito conjugal comigo quando o outro já era um cadáver há muito em decomposição. Eu não atraíçoei o amigo nem manchei o seu nome. Fomos os dois, cada qual à sua maneira, comparsas de uma representação do teatro da vida.

E agora, quando tudo isso é poeira nostálgica, tropeço com a realidade. Ofélia acabou. Foi como uma árvore arrastada pela correnteza rio abaixo, sem deixar raízes. Eu, quando chegar a minha hora, irei de maneira idêntica, sem alarde. Não sei se a recordarão como a magnífica intérprete de Ophélia shakespeariana, como a estrela de uma fugaz época teatral. Os historiadores e os críticos de arte vão ignorar-nos completamente. A mim tampouco recordarão pelos meus esforços de tornar realidade a projectada máquina dos sonhos. Antes da chamada Revolução dos Cravos no meu país, algumas pessoas que eu frequentava, consideravam-me um homem importante e pensavam que, com a Revolução, eu voltaria a Portugal entre vivas e foguetório. Como isso não aconteceu, decepcionaram-se comigo e devem achar que sou mais um medíocre que continua vivendo porque o ar é grátis. Nossa morte será dupla porque não tivemos filhos, não nos reproduzimos em outras vidas que depois de nós continuariam a nossa história.

Agora que Ofélia já não está neste mundo, eu poderia, visto que não preciso mais da sua assinatura, reclamar a herança a que creio ter direito legal, mas para quê, se já não necessito dela? No entanto, não sei até que ponto me sinto velho, porque há algo em mim que insiste em nunca deixar-se morrer. Não penso que me aproximo dos sessenta e tenho reacções juvenis, as mesmas que tinha aos vinte ou trinta anos; ainda olho para trás para ver uma mulher bonita. Pode ser puro floreio, arrebatos tardios de

17 Clitemnestra e Egisto – O Rei Agamenon ficou dez anos afastado do reino durante a Guerra de Tróia. Quando voltou, sua esposa Clitemnestra e seu amante Egisto, mataram-no enquanto se banhava na tina real. [N.T.]

velho verde, mas é a pura verdade. E a verdade é que vejo nas moças a Ofélia dos meus anos jovens, e é a ela que eu realmente olho.

A morte de Ofélia é um segredo que divido com a minha solidão. Não a vendo morrer ninguém sabe que se foi. E eu continuo regando o vaso que continha a flor fenecida.

E volto, com obstinação, todos os dias e todas as noites, a pensar em Ofélia. Vejo e revejo os seus retratos, que estão na minha mesa-de-cabeceira, penso nos escassos anos de felicidade, recordo, como um pássaro de voo rápido que cruzasse a noite, as frases que me sussurrava quase no ouvido, os seus arrulhos de mulher jovem, senão enamorada, os seus odores de *fêmea*. Numa destas noites, despertei com a impressão de que era a sua voz que chamava: *Salgueiro!* Mera ilusão. Os galos da madrugada cantavam como se quisessem dizer-me: *Nenhum fio de Ariadna* ¹⁸ *poderá fazê-la sair do labirinto da morte*. Mas deve saber, se puder saber, se lhe é dado saber o que diz José Bergamim:

Também há mortos que matam...

18 Ariadna – Na mitologia grega, filha de Minos, deu a Teseu o fio que o ajudou a sair do labirinto depois de matar o Minotauro (ser monstruoso, meio homem meio touro, nascido dos amores da mulher de Mino e de um touro branco; o Minotauro foi morto por Teseu). [N.T.]

Me moveu o Amor, o qual me faz falar.

Dante

Os dias passam e eu vou derramando, gota a gota, as minhas experiências de vida e as minhas recordações que não chegarão nunca, já o sei, a encher o esconderijo da minha melancolia. Uma noite e outra, sem parar, penso em Ofélia, na sua existência fugaz, na sua morte, e nutro-me com a sua lembrança. Há seis meses que se foi sem retorno possível. Pensar nela é já uma obsessão que nunca terminará, é como um membro do meu corpo que fará sempre parte do meu ser físico. No princípio, depois da sua morte, pensei que os meus sonhos se transformariam em pesadelos terríveis, mas, ao contrário, foram sonhos tranquilos, menos amargos que a realidade. Necessitava sonhar, sonhar muito, deter os sonhos, assá-los como pão e alimentar com eles a minha fome de eternidade. Enquanto sonho, Ofélia para mim não está morta. Morta está quando acordo e ouço os ruídos intermitentes dos aracnídeos nos interstícios do tecto, uma musiquinha intercalada pelo zumbido de uma mosca que fere a minha sensibilidade. Entretanto, a vigília, quer dizer, o período que gravita entre um sonho e outro sonho, cada vez mais diminuída nos dias e horas, é para mim uma condenação que devemos cumprir como nos antípodas do mesmo inferno (vida-morte) por nos termos amado muito. Durante os meus sonhos não cogito: vivo. Como admitir a morte de Ofélia, se o seu nome estava fora do tempo, referente a um passado registado pela minha máquina de fotografar sonhos, ou projectado para um futuro coercível? E o terrível dilema que o homem vem enfrentando desde os alvares da sua existência como ser pensante, abala-me até ao mais profundo das minhas raízes: será que somos só, ou fundamentalmente, o corpo? será que o barro acaba por repelir toda a sua luminosidade imanada?

Entretanto, agora, ontem à noite precisamente, o estado do meu mundo onírico relacionado com o desaparecimento físico de Ofélia, começou a perder o seu já prolongado solstício, para assumir novos e previsíveis rumos conceituais. Já não há alternativas que possam, mediante escolha, suprir este equinócio que termina. Desfeito o equilíbrio, inclinado o leito do rio, as torrentes precipitam-se para as suas

desembocaduras. E isto, eu sei, torna-se mais difícil do que um estudante conjugar o verbo ter como auxiliar e como activo. Sim, tudo flui ritmicamente, com lógica ou sem ela: aos pesadelos sucedem-se sonhos tranquilos, e nestes eu vou com Ofélia pelas ruas rectilíneas, olhando os cartazes dos cinemas e as vitrinas das lojas, como costumávamos fazer nos nossos dias de juventude, naqueles momentos em que tudo nos parecia risonho e belo. Algumas vezes transmitíamos ânimo um ao outro para realizar os nossos desejos e manter as nossas esperanças e levar tudo isto para casa como se fosse pão; outras vezes, ela fazia questão de usar sapatos de salto alto para ficar na mesma altura que eu, e perguntava-me coisas sobre a máquina de filmar os sonhos, meu invento sempre postergado. Mas o refluxo da maré pega-nos novamente, arrastando-nos pela praia, e ela volta a sussurrar com o habitual ressentimento dos últimos anos de sua vida:

*Segregam dores os poros
do meu corpo intoxicado
por tanto amor acumulado.*

Por tanto amor acumulado repete o teu eco como uma súplica. Sempre ocultaste algo, Ofélia, sempre houve uma dimensão imaginária na tua vida que não consegui captar totalmente. Ah! Ofélia! Talvez eu tenha sido um homem grosseiro, mas tu, se tivesses querido, poderias ter sido poetisa. Talvez não tivesses sido unicamente a garota coquete de óculos escuros. Passam os dias e as noites, ladram os cães. Acaba a lua cheia, voltam os dias cinzentos e as noites sombrias e tristes. E novamente, como numa volta do carrossel, povoam a minha vida onírica, pesadelos errantes que não posso prever como acabarão. Sonhei que Ofélia estava morta, que as suas unhas e os seus lábios estavam roxos, como a vi na última vez realmente, no caixão. Eu dizia-lhe: *Como foste morrer, Ofélia?* Como resposta, seu corpo encolhia até ficar do tamanho dum ratinho e o seu cérebro igual às cabeças reduzidas dos índios jibaras. Entretanto, custava-me admitir que estivesse realmente morta, que não fizesse nenhum movimento nem a sua garganta exalasse nenhuma queixa. E comecei a incitá-la a falar, que dissesse algo, não importava o quê, como uma vez lhe havia dito e ela interpretara tão mal. E de repente, respondendo ao meu protesto, vi que suas narinas agitavam-se nervosas; depois seus lábios mexiam-se e seus olhos entreabriam-se como dois postigos abertos em direcção à minha inquietação, desde o outro lado da vida. Atemorizado, balbuciei: *Ofélia, posso...? -Podes* – respondeu-me com raiva e desprezo incontido – *fazer amor*

com outra mulher, porque eu, a ti, nunca o tive. Só tive pena de ti, toda a pena que merece um usurpador, um mero provinciano. Não sei se lhe respondi alguma coisa, mas recordo ter sentido um tremor por todo o corpo. Inclinei-me e vi o seu olhar frio, estranho, indefinível, anestesiando-me e fazendo-me cair num estado de prostração geral, enquanto da sua boca muito aberta, (uma vez, como prova suprema do meu sofrimento e da minha debilidade, chamei-a de víbora) saíram dois pares de dentes caninos, que lentamente aferraram-se à minha garganta, subjugando-me totalmente. Acordei aos gritos, como um energúmeno. Como sou fraco? Como pude ter gritado? Será que não posso transpor a fronteira, ficar do outro lado do rio? Será que amo mais a vida do que amo Ofélia? Como eu lhe menti quando lhe dizia que a amava mais do que aos meus olhos, mais do que ao meu sangue, mais do que à máquina de fotografar os sonhos, mais do que... Antes amava-a por sobre todas as coisas, porque via personificada nela a própria vida. Agora, em troca, temo-a porque é a morte ela mesma que me aguarda por seu intermédio. Até não há muito tempo, considerava-me um homem sem medo, porque tinha sofrido perseguições, desterros; tinha lutado na África e na Europa, como legionário, contra alemães, italianos e seus aliados políticos e militares, presenciado muitas mortes e revoltas sangrentas. No entanto, agora temo a hora de morrer no sonho. Como encararei Ofélia daqui em diante? Se antes, quando era lua cheia, tratava de prolongar os meus sonhos, agora, ao contrário, trato de diminuí-los. Procuo descansar tudo o que posso durante as últimas horas do dia, e passo em vigília as primeiras horas da noite, com a ingénua promessa de aperfeiçoar os planos do meu invento, imaginando mudanças e novas invenções teóricas, enquanto tomo sem parar, grandes copos de café instantâneo.

E nesta história dos trabalhos e dos dias, reais ou ilusórios, dançam nesta minha vida de emparedado e condenado a escutar os seus próprios solilóquios, conotações de imagens. Volto a mexer no diário de Ofélia, uma espécie de envelope que só depois da sua morte me foi dado abrir, e anoto ou sublinho o que me parece mais transcendente ou aberrante:

Em nome da higiene e da limpeza, o homem traz para casa o gato, e o gato, satisfeito, complacente com os desejos do seu amo, persegue como mais forte o rato, mas não o persegue por ser o rato mas porque é mais fraco.

Ela sentia-se como se fosse o rato, vendo-se perseguida pelo grande gato – alegoria de uma sociedade desalmada – que, segundo o seu estado depressivo, pretendia fazer dela um animalzinho manumisso ou exterminá-la.

Com a inveterada mania de dar corpo e alma à máquina de fotografar os sonhos, o meu marido, este Barros, disfarçado de Salgueiro, anda como um pato ao acompanhar-me pelas ruas, jardins e praças públicas. Sempre carrega os seus projectos, os seus planos, numa pasta que acaricia e aperta como fazia comigo nos tempos em que via nele um homem atraente, crendo sentir-me viva, até de noite, entre sonho e desvelo. Depois ele fala sem parar, solicitando a minha concordância e compreensão, como uma sanguessuga sobre a sua vítima. Viva o inventor! Não sei se imagina que poderá ser famoso, ver o seu nome nalguma esquina da cidade, ou que lhe dêem o Prémio Nobel. Se pelo menos fosse como o Sanguily, que é capaz de recitar o Hamlet de memória, ou como Cisneros que escreve nos jornais e pode saber até de que cor eram as calcinhas de Maria Antonieta, no dia em que subiu ao cadafalso. O meu marido, mais do que um incompetente, como se costuma dizer aqui, é um teimoso, um complexado, um ressabiado social, que não se dá conta que seria melhor ser um cantor de fados no nosso país, do que um profeta em terra alheia.

Pela data (9-12-74) em que anotou as considerações que acabamos de ler acerca da minha pessoa, Ofélia dava já mostras do seu avançado estado de alienação mental, acentuado por um agudo temperamento hipercrítico. Algumas vezes, fui forçado a pensar que a sua insistente e teimosa ingratidão era comparável à do cão que morde a mão do seu dono. Agora compreendo que, apesar de eu não ser aquilo que ela pensava, ela, por sua doença, uma doença que não admitia nenhuma insinuação, não podia verme como eu era. Eu era o homem que adiava, por falta de tempo e de recursos, as suas aspirações a um nível de vida decente dentro dos parâmetros da pequena burguesia. Ela, salvo os primeiros meses de adaptação, não foi obrigada a trabalhar fora de casa, tinha o indispensável, mas como devíamos o aluguer do quarto de hotel, isto no princípio de nossa vida, ela evitava sair à rua para ir ao bar comer uma pizza ou uma sanduíche, para

não encontrar o encarregado do hotel que ameaçava os outros casais que se reuniam connosco nas mesas do café. Eu esforçava-me trabalhando nos lugares públicos e nas reuniões sociais com a minha máquina fotográfica. Ela não compreendeu nunca o meu sacrifício e jamais perdoou a minha leviandade.

9

Viúva triste, antes de desposar-te,
choras pelo teu prometido morto?
Menina minha, não quis o destino
que eu vos trouxesse a felicidade.
Talvez tenha provocado a ira dos Céus
e por isso não me foi concedido
trazer-te a felicidade.

Púshkin

Agora que o silêncio, com a sua presença, destaca a ausência de Ofélia e eu não consigo afastar a sua lembrança, compreendo melhor do que nunca o valor da palavra e sinto o desejo da comunicação. E salvo os inevitáveis parêntesis, fico a pensar no caso dos ecólogos que insistem, indevidamente, na transformação da utopia biocenose¹⁹, numa realidade viável. Como seria possível criar uma comunidade de seres viventes, (animais e plantas) em perfeita harmonia e equilíbrio entre si e o seu meio geográfico? Se isso fosse exequível, o tigre não caçaria a sua presa, não se mondaríamos os roseirais e o homem não seria parasita do seu semelhante. Falo do que acontece à nossa volta e não daquilo que desejaríamos que fosse, ainda que me doa, porque há seres enjaulados, emparedados, esperando nas antecâmaras da morte a sua execução física, que sofrem, mas não choram nem gritam, apesar de levarem aderente ao seu rosto a máscara dos medos universais. Eu que ainda não terminei o meu itinerário, não sei com exactidão se serei um deles, mas Ofélia, sim; ela já passou a difícil prova, já cruzou a fronteira e desde a outra margem faz-me sinais de que já chegou. Claro que eu não posso admitir que os mortos tenham consciência dos rios da morte e da vida, assim como da fronteira que as separa. Entretanto, creio que na minha fantasia ou na minha realidade, haverá sempre um mar agitado e um convite à valsa. Gosto de fantasiar e estender as minhas mãos de sonho com estrias de luz e sombra, mas se eu me deixasse de fantasias e decidisse falar objectivamente, teria, sem dúvida, de dizer que tanto Ofélia como eu

¹⁹ A biocenose é o conjunto do meio e dos seres vivos que nele habitam em equilíbrio. [NT]

somos dois dos inumeráveis frutos caídos e de gosto insípido da árvore corroída que é esta sociedade de consumo em que vivemos.

Desde que Ofélia decidiu a sua própria clausura e impediu, terminantemente, que eu a visse, não pude precisar se houve evolução ou involução no seu estado. Não obstante, creio estar certo ao afirmar que, como a heroína homónima de Shakespeare, acabou por acreditar no determinismo. Por isso não reagia contra as causas que originavam o seu abandono e deixava-se ir à deriva. Em vez do rio, seu corpo sem vida chegou, como etapa intermediária, à morgue de um hospital. Agora, da outra margem, deve estar a iniciar o diálogo com o impossível, enquanto aqui, ao meu lado, passam os dias e acontecem coisas: na árvore dos fundos da casa duas andorinhas fizeram ninho e de manhã à noite, chove fino, muito fino, cada vez mais perto, cada vez mais longe. O bêbado da casa em frente tem agora dois dentes cariados e a sua mulher deu à luz um novo menino. A vida segue o seu curso e um duende sussurra ao meu ouvido: *Era tão formosa. De qualquer ângulo que a víssemos, sempre víamos nela algo atraente e sugestivo, sobretudo seus olhos verdes, sonhadores. Amor com amor se paga. E tu com que o pagaste?*

Este duende é um grande vadio que só pensa em romancear a minha triste realidade, como se quisesse dar-lhe brilho, como o engraxador da esquina faz aos meus sapatos. E continua, cada vez mais acusador, lança em riste, como se fosse minha própria consciência: *Sempre a viste, como a sonhaste, como se ela se satisfizesse em ser a metade que te faltava para tu te sentires pleno, satisfeito, realizado. No físico, partias do mito platónico das duas metades que procuram voltar a unir-se para se complementarem: no intelectual, novo Pigmalião, tentavas esculpi-la, reelaborá-la à medida dos teus desejos. Queixavas-te, quando ela não acedia prontamente aos teus propósitos ou quando não dizia amén ao empirismo das tuas dissertações. A argila com que trabalhavas era rebelde, difícil de moldar. Como pro-homem que acreditavas ser, nunca admitiste que a tua sonhada máquina dos sonhos estava mais perto da utopia do que da realidade. Como livre-pensador de raízes teológicas era difícil mudares de ideias; por isso o que tu querias, ainda que não o admitisses, era perpetuar o amor doméstico. Excluías o que não te convinha. Por isso nunca te detiveste a pensar se a tua imagem física ou intelectual respondia aos seus desejos. Lembra-te de ela ter-te dito*

num momento de discórdia, nervosa, talvez com raiva ou indignação, que nunca foste o homem que desejou encontrar? Não importa porquê nem como o tenha dito. Ela disse-o e ponto final. Às vezes os nervos, a raiva ou o que quer que seja, dão à pessoa a dose de sinceridade que em outros casos lhe falta. Quando casos como esse aconteciam, gritavas alto e bom som, e acusavas a criatura de ter-se rebelado contra o criador. És um homem muito solene, e ao fim e ao cabo, ainda que te negues a reconhecê-lo, por teimosia, não és mais do que um conservador. Conservador, sim, de muitas coisas boas e más.

O duende foi embora. Lá fora, no portão, ladra um cão como num repto ao abandono da minha pobre casota que agora, não sei porquê, me parece apenas a casa de um caracol doente. Que fantasias ocupam a minha mente? Que fantasmas saídos do sonho invadem agora as minhas vigílias? Que tempestades inundam com suas águas o campo imenso da minha solidão? Nunca o saberei.

Eu já estava resignado que vivêssemos assim: ela do seu lado, eu do outro, visto que éramos plantas sem flor e árvores sem fruto. E isso não era o pior. O pior seria que Ofélia se fosse embora vá-se lá saber com quem e para onde, como acontecia nos meus sonhos premonitórios de então, e aconteceu quando se foi com a morte. Eu achava que ela não conseguiria ir-se, porque era como um pássaro de asas cortadas, sem horizontes nem espaços definidos. Sobre sua mente e seu instinto de mulher, permaneciam em constante alerta os preconceitos de uma educação tradicional, resíduos de um catolicismo extremista, de uma domesticidade que correspondia aos dogmas do patriarcado.

Eu também tinha meus preconceitos, que em certa medida, eram menos reais que os dela. Eu julgava-me um Tristão²⁰ que não podia prescindir do amor total e totalizador da sua Isolda. No entanto, não era mais do que um ex-legionário que tinha deambulado pelos prostíbulos da África setentrional, enquanto Ofélia era virgem quando dividiu comigo o leito conjugal. Não imagino até que ponto pôde influir na sua mente o facto de eu ter usurpado, ainda que com justificadas razões que dia após dia lhe fui explicando, o nome e o apelido do outro, daquele com quem supunha ter-se casado. Talvez tenha

20 Tristão é uma personagem lendária, um dos Cavaleiros da Távola Redonda e aparece como uma das personagens principais da obra *Tristão e Isolda* de Wagner. [N.T.]

sofrido por isso um trauma do qual nunca se recobrou. Em seu diário deixou expresso, concisa e eloquentemente: *Na minha noite de núpcias, senti que cometia adultério com meu próprio marido.*

Só agora, recordando-te, reconheço a forma da tua maneira de ser. Não conheço muitas alegorias, mas sei que para alguns a morte está representada por um cavaleiro negro de armadura brilhante, montado num cavalo mouro, cujas ferraduras faíscam nas pedras do caminho; para mim, em troca, está personificada numa formosa mulher vestida de negro. Tu já conhecestes a morte sem alegorias, sem máscara, sem simbolismo, mas não poderás assessorar-me sobre os seus propósitos, nem ajudar-me contra as suas exigências. Por isso, nunca saberei (e bem que gostaria de o saber!) o que vocês falaram quando se encontraram e se olharam cara a cara. Tu que costumavas invocá-la com frequência, ao vê-la, não terás sido sacudida pelo espanto, pelo medo biológico? Que visão dela terás tido nesse momento assustador? Será que te entregaste rendida ou, não tão Ofélia como eras, terão lutado, ou dito coisas que o ouvido humano não pode captar? Estas perguntas sem resposta, formam a carga emocional, densa, pesada, que levo dentro de mim. Para resistir-lhe, jogá-la pela borda, começo, sinto isso, a falar só. E não apenas eu, os outros também se apercebem disso. E aqueles que antes achavam que eu era um homem importante, verão em mim nada mais que um ser fraco e decrépito.

10

Homens que nasceram no chão da terra
Num berço de gelo
Têm que saber viver
Até à tumba descer.

Calderón de la Barca

No grande teatro do mundo, todas as cinzas, ainda que sejam as de um cadáver ou as das reminiscências do nosso passado, têm sentido. Sendo coisas aparentemente fúteis, chegam em determinadas circunstâncias a transformar-se no combustível de que se nutrem nossos sonhos, sem o qual não haveria nem pontos de partida nem enfoques retrospectivos. E o ponto de partida é agora para mim, nestas recordações, um caminho comprido e inclinado que leva a uma espécie de anfiteatro circundado de montanhas. A paisagem representa, simultaneamente, o obstáculo do meu viver quotidiano e as agruras do meu espírito. Ali, numa aldeia renascida das suas próprias cinzas, convergem todos os caminhos do mundo – os do mar e os da terra –, ali onde o mar começa e os homens ruminam a sua apagada e vil tristeza já cantada por Camões, nasceram e cresceram, na mesma rua, José Barros e Fernando Salgueiro. Foram alunos na única escola oficial do povoado, companheiros de correrias pelas montanhas, procurando os inacessíveis ninhos dos corvos escondidos no mais alto dos penhascos, parceiros nos jogos de salão do clube, desportistas no mar tripulando cada um o seu esquife, cantando as quadras da época. Companheiros, sempre companheiros, desde o dia em que decidimos fazer abaixo-assinados até à consciencialização política e à iniciação na luta clandestina contra o salazarismo. Escrevemos slogans nas paredes das casas da aldeia, tomámos conhecimento das lutas do povo espanhol contra o fascismo, acompanhámos com ansiedade os acontecimentos dos primeiros meses da segunda guerra mundial, e conhecemos a cadeia donde conseguimos fugir para o norte da África. Eu era José Barros, um dos muitos Barros plebeus disseminados pelo país; meu companheiro era Fernando Salgueiro, filho único de um casal de remediados em decadência que, sem posses suficientes, não pôde dar ao filho uma educação universitária. Como uma quixoteria mais, como outras quixoterias da nossa juventude, alistámo-nos na Legião

Estrangeira, o que era a melhor alternativa para a nossa condição de residentes clandestinos. Mas quis o destino ou a casualidade ou o que quer que seja, que o oficial recrutador, um grosso ignorante, trocou-nos o nome e o apelido, provocando sem querer uma inversão de identidade que, no primeiro momento, tomámos por uma ironia do destino e festejámos o ocorrido com vários copos de conhaque no bar de Bouknandel. No princípio, pareceu-nos uma piada, foi causa de boas risadas e quando nos apercebemos que semelhante erro nos podia provocar consequências imprevistas, ficámos diante de um facto consumado. E assim, eu passei a ser o soldado Salgueiro e Salgueiro o soldado Barros. Ficámos três meses juntos, mas quando terminou o nosso adestramento militar, fomos separados e cada um na sua unidade, percorreu todo o norte de África, até que as nossas companhias, já em França e no desembarque da Normandia, se uniram num único batalhão. Salgueiro caiu em combate e a Legião apagou de seus quadros o cabo Barros. Dias depois, o capitão Mendel entregou-me, sem protocolo, alguns dos pertences do meu compatriota: cinco maços de cigarros marroquinos, meia dúzia de caixas de cerejas espanholas, um cantil com aguardente, duas ou três cartas familiares, uma revista pornográfica e uma caixinha com uma mecha de cabelo de mulher louro e a fotografia de uma jovem muito formosa. À primeira vista todas estas coisas pareciam-me próprias de soldados, de legionários principalmente, para quem o tabaco, o álcool e as mulheres redundam numa obsessão muito comum, mas, olhando bem aquele retrato da jovem de olhar arisco e confiado, como símbolo de recato, era algo que acrescentava alguma distinção na vida imprevisível de um legionário. Salgueiro, aliás o cabo Barros, nunca tinha falado dela como costumava fazer acerca das mulheres que encontrava nas suas andanças quotidianas. Isso mostrava o que poderia representar para ele, essa moça da fotografia. No verso da fotografia, havia um nome escrito do próprio punho: Ofélia.

Acostumado a um trato quase diário com a morte, vendo os feridos gemer e os moribundos agonizando, aceitei o facto com calma, e apesar da dor sentida, demonstrei naturalidade. Até àquele dia, tínhamos caminhado sempre juntos, trocando ideias e emoções, cigarros e tragos de aguardente e até mulheres nos prostíbulos. Agora ao bifurcar-se o caminho, cada um continuou sua senda sem dizer adeus, sem nos olharmos cara a cara. Tínhamos mantido uma amizade sincera durante anos, mas agora não havia mais nada a dizer um ao outro: ele não voltaria a falar-me do grande teatro do mundo e

eu já não tinha o amigo a quem contar os meus projectos de inventor de uma máquina de filmar os sonhos. Se alguma coisa me unia à sua memória, era o retrato de Ofélia, aquela formosa jovencinha, que na nossa longínqua terra, continuaria esperando um noivo sem volta possível, vá-se lá saber por quantos anos.

Meti tudo na minha mochila, mas a fotografia coloquei nos bolsos da jaqueta. Quer quando atacávamos os alemães como quando caía exausto sobre o colchão de terra nas trincheiras ou nos acampamentos, eu pensava nela e na heroína de uma das tragédias de Shakespeare, Ofélia! Ofélia! Ofélia! – o seu nome repercutia no meu pensamento. Quem seria? Onde estaria? Pensava que talvez ela fosse do nosso povoado, mas num lugar tão pequeno, onde todos se conhecem não havia lugar para tão formosa desconhecida. Deveria ser uma estranha, porque eu, por mais voltas que desse à cabeça, não conseguia achá-la em lugar algum. Talvez fosse de alguma localidade próxima, de algum burgo onde as mulheres têm a cútis de outra cor e os homens outros modos. Salgueiro, aliás o cabo Barros, caído no campo de honra para ser pasto das larvas como todo o ser nascido e finito, andou como membro da resistência anti-salazarista por muitos lugares. Talvez a tenha conhecido num desses lugares. Entretanto... bom, não o sabia, mas intuía alguma coisa que bem podia ter-me escapado. E uma noite que passei na retaguarda como prémio aos meus supostos méritos militares e já elevado a cabo (Cabo Salgueiro) sonhei com a nossa terra, reví todas as ruas inclinadas que, segundo um poeta nosso vizinho, tendiam a alcançar o céu, caminhei, subi até às últimas casas do monte, observei o revoar dos corvos, como na adolescência precoce, e desci até chegar ao mar. Aqui e ali topei com pessoas conhecidas cuja fisionomia tinha esquecido, uns mais idosos, outros mais jovens. E de repente, mudando de rumo, via-a assomada a uma janela de uma casa da Rua Ariadna, como a tinha visto antes. Sim, era ela; ouvi que de dentro da casa a chamavam de Ofélia. E Ofélia tinha voltado de Gibraltar com os seus pais, simples emigrantes retornados à pátria e pobres como sempre. Diziam que ela falava com fluência o espanhol e o inglês; diziam também que o seu pai era epiléptico e que, como uma válvula de escape da sua angústia, procurava os bares do porto até que a morte o levou... Sua mãe, com o seu trabalho de mulher-a-dias, era o único sustentáculo da família. Ofélia era ainda uma criança de tranças loiras e pele rosada, mas já antevia-se como a mulher mais bonita do burgo. Bem, agora que já tinham passado todos os anos da guerra, deveria sê-lo, e os rapazes enviar-lhe-iam

flores. E com os meus desejos soltos, comecei a viver numa inquietação intensa. Queria acelerar o tempo, ver terminada a guerra, ser desmobilizado, mas os dias pareciam-me demasiado lentos e faziam-me encarar a possibilidade da minha morte na frente com apreensão. Na vida real, ainda que fosse num país onde ninguém me conhecia pelo que eu tinha sido, mas simplesmente pelo que eu era, comecei a representar o papel do morto, como se ele continuasse a viver em mim e eu tivesse morrido nele. Mas como tudo chega ao seu término, chegou o dia do armistício, fui desmobilizado e recusei a nacionalidade francesa que me foi oferecida pelos meus serviços à França. Pensei no meu país, na minha família e, sobretudo, em Ofélia, que eu imaginava exacerbadamente como uma viúva não desposada, que na ausência do seu prometido, seria cortejada por outros com elogios e amabilidades. A ideia de que isso pudesse acontecer inquietava-me, provocando-me raiva infinita. Queria voltar, aproximar-me dela e dizer-lhe coisas que ensaio em prolongados solilóquios, mas dava-me conta que não era possível regressar, não tanto pelo meu passado de militante político e de fugitivo, mas sim por possuir um documento falso. Em que complicações estaria envolvido se tentasse desfazer o que estava consumado? Seria quase certo que seria preso ou internado num manicómio, até morrer ou até o regime imperante cair. De noite, sonhava com Ofélia, de dia vivia momentos de inquietude tensa; mas noite e dia pensava nela como a prometida daquele que eu era agora, quer dizer, Fernando Salgueiro. Tentava em vão serenar-me, analisar a minha situação dum ponto de vista positivo, mas sempre um canto longínquo de coruja adivinha me vinha exasperar. Aos meus pais não podia escrever, porque ponha em perigo a minha segurança pessoal e, além disso, já estavam informados da minha suposta morte. Aos pais do suposto vivo, para dizer-lhes que seu filho tinha morrido, menos ainda. Que fazer? Depois de reflectir muito, optei por escrever a um amigo sem identificar-me, dizendo-lhe que era amigo de alguns amigos dele e que gostaria de receber notícias da terra, inclusive de Ofélia. E a resposta veio rápida, comunicando-me que os pais de José Barros, depois de vestir luto e mandar rezar missa pela alma do filho, tinham morrido, um atrás do outro. O pai morrera quando albardava a montada para ir ao mercado e a mãe no dia do seu santo, assim dizia o povo. Ninguém tinha reclamado ainda a posse dos seus escassos bens, pelo que ele sabia. De Salgueiro, dizia-se, segundo uma versão, que ainda se encontrava em França e ia casar-se, se é que

não tinha casado já com a filha de um industrial francês e, segundo outra, que ele teria embarcado para a Argentina.

A Argentina? Dei um salto que nem macaco na floresta. Eis aqui uma saída pela tangente para a minha complicada situação, pensei, batendo no peito como num acto de contrição. E sem pensar duas vezes, embarquei mesmo. Ao chegar ao porto de Buenos Aires que na minha infância já distante aprendi a gostar como a cidade de Gardel, o cantor de tangos vestido de gaúcho, como o via nos filmes, e mergulhar no coração da grande metrópole, nem conseguia apreciar a monumentalidade da arquitectura da cidade, porque detinha ante meus olhos a figura de Ofélia. Do fundo da minha solidão de emigrante, os meus pensamentos voavam para ela, embalados por uma música de carrossel – tintún, tontón, tintín – que dava sempre as mesmas voltas. Era uma maneira de recordar a minha infância, de sorver as lembranças da minha melancolia; e como antes, pensei escrever uma carta aos reis magos, pedindo-lhes um brinquedo que agora era Ofélia. Sentava-me num bar, pegava no seu retrato, contemplava-o, guardava-o, e escrevia uma carta atrás da outra, cujo conteúdo não me agradava e rasgava-as todas com um sentimento de amargura. Depois de quinze ou vinte dias de tentativas frustradas, consegui escrever-lhe de maneira satisfatória. Supondo que ela conheceria a letra dele, fui a uma agência e pedi uma cópia à máquina, limitando-me a fazer uma grosseira imitação da assinatura do morto. Dois meses depois, quando já começava a impacientar-me e ruminava a ideia de escrever-lhe outra, recebi a sua resposta, uma resposta que, se não era totalmente positiva, deixava em aberto as minhas esperanças, e fazia-me ver que o seu noivado com o meu companheiro morto, não tinha chegado a formalizar-se. E escrevi-lhe outra e mais outra carta, descrevendo-lhe, sem convicção as maravilhas reais e imaginárias de uma Buenos Aires babélica. A segunda carta de Ofélia, ainda não afirmativa, deixava prever que tudo estava a dar certo.

A vida dá-me o medo.
Cervantes

Ser verdadeiro, objectivo, não se perder em minudências, é tão difícil como decapar um metal. Tenho consciência do esforço despendido pela minha mente na coordenação de todas as coisas fragmentadas às quais eu quisera de dar um estilo, criar uma filosofia. Inúmeras barreiras de contenção demarcam e limitam os meus propósitos. Enquanto isso, os sonhos fluem espontaneamente como as águas dum rio. Como nos últimos tempos de vida de Ofélia, e nos primeiros dias de sua morte, continuo sonhando com obsessão. São etapas transitórias ou alternadas. Agora já não tenho sonhos atormentados, mas a minha tranquilidade não é outra coisa senão um chapinhar à beira de um lago. Talvez que se trate de um disco arquivado que um dia voltará a escutar-se.

Novos tons extravagantes pugnam para sair das suas raízes subterrâneas. Pressinto os estertores de um ser soterrado que, na intenção de respirar o ar rarefeito e alcançar a luz, sobe e baixa por caminhos labirínticos, acreditando achar a saída, e topa, uma vez e outra, com paredes translúcidas cujas anfractuosidades convergem para interiores imprevisíveis onde há caleidoscópios que reproduzem um *ballet* convulso de sombras. Sente-se preso, vive o temor da mosca caçada pelas pinças da aranha. Onde está? Que é aquilo? A loucura ou a morte? Instintivamente, como quem submerge, quer gritar. E grita, grita. Desperta com uma cãibra numa perna que, mais do que uma cãibra, é a sua tábua de salvação, o seu fio de Ariadna.²¹

Estas particularidades do nosso ser angélico e demoníaco ao mesmo tempo, parecem batráquios no fundo de um poço e, em certa medida, os primeiros frutos da minha máquina de fotografar os sonhos.

Desde criança, eu era sugestionado pelas máquinas, pela sua complexidade e objectividade, das mais simples às mais sofisticadas. Sempre gostei de fazer a sua apologia. Hoje mesmo, sempre e quando não se interpõe a imagem de Ofélia, recordo a

21 Ariadna – Na mitologia grega, filha de Minos, deu a Teseu o fio que o ajudou a sair do labirinto depois de matar o Minotauro (ser monstruoso, meio homem meio touro, nascido dos amores da mulher de Mino e de um touro branco; o Minotauro foi morto por Teseu). [N.T.]

velha máquina de costura da minha mãe, que servia para as necessidades mais prementes, (remendar nossa roupa, costurar os alforjes do burro, etc.) e conferia dignidade caseira a toda a família. Ah! Quanto valor tinha aquela máquina manejada a pedal! Todas as mulheres pobres invejavam a minha mãe e poucas tinham uma máquina igual. Eu conhecia o nome de todos os componentes da máquina e até tentei usá-la. Um dia, na ausência de minha mãe e com a desculpa de remendar uma camiseta que se rasgara numa briga, manejei-a e feri o dedo grande da mão esquerda. Queria tanto às máquinas e, entretanto, ofereci quando menos devia... a máquina que Ofélia tinha comprado em pagamentos mensais, uma máquina que cosia, bordava e cerzia. Agora representava uma peça de fundamental importância que faltava no minúsculo museu por mim levantado em sua memória. A câmara fotográfica foi, posso dizer, o meu segundo amor. Sem ela, as minhas recordações estariam perdidas e não teria conhecido a minha avó que nunca vi: jovem, bonita, de olhos negros e cabelo encaracolado. E à minha tia solteirona, a de olhar triste e seios pequenos. Estudei fotografia na aldeia (teoria e prática), chegando a ser o que lá se considerava um bom fotógrafo, mas como faltavam bons livros didáticos, não consegui chegar muito longe, e fiquei, como se diz, meramente um empírico. Quanto à máquina de fotografar os sonhos, o meu amor maior e sonho ao mesmo tempo, ou mania extravagante como supunha Ofélia, ficou adiada indefinidamente. Como consolo do meu fracasso, penso em Paral, o inventor do submarino que renunciou a aperfeiçoar o seu invento quando já estava prestes a ficar célebre. Talvez outros possam chegar onde não foi possível que eu chegasse. Enquanto era jovem e os anos transcorriam lentamente, sem pressa, pensei em realizar muita coisa, mas agora... Agora, no meu abandono, pareço um cavalo velho no meio da chuva, aguardando em vão que alguém se aproxime dele. Pouco a pouco, fui perdendo aquele mesmo espanto que o primeiro homem sentiu ao ver um pássaro falante. Não sou fatalista nem nada parecido, mas devo dizer a verdade. E a verdade é que sou um naufrago. Não uso termos cabalísticos nem pratico nenhum ritual. Deixo correr a água pelo rio. A minha queda foi vertical. Os desenganos como a dor reumática, arranhame o esqueleto. Os louros falam ou não falam. Cheguei aonde nunca pensei chegar, a este deserto assolado por geleiras, que significa descrença na esperança humana. Não deveria dizer isto, sei-o bem, e no entanto... É que em mim já não existe o menor sinal de amor-próprio, sou, como se diz, um desamorado, um homem inconformado com a

sua constituição física e com a impressão de carregar sobre os seus ombros erros e faltas que nunca lhe perdoarão. Entretanto tenho consciência de que fui um farol para alguns sonhos alheios, o mastro onde alguns quiseram embandeirar-se, sem considerar que a minha natureza era algo pantanosa e as minhas raízes estavam envenenadas. Ainda continuo sendo um exemplo de dupla face: alguns querem seguir-me, vendo em mim não sei o quê; outros tomam-me pelo que eu não sou e temem-me, e fogem, persignando-se, como se eu não fosse mais do que o eco do meu nome, a sombra do meu corpo. A sua carga de egoísmo arraigada na indiferença e no medo, não lhes permite arriscar nada. Esperam que se cumpram as escrituras como um milagre do céu. Porém, se triunfasse a revolução em que toda a minha vida, mesmo nos momentos de desalento e angústia, estive empenhado, eles, uns e outros, seriam os primeiros a acolher-se às suas sombras frondosas e a colher os frutos. E se frutos não houvesse, amaldiçoariam a árvore e a apedrejariam.

Temo cair na androfobia e questionar os valores morais dominantes, cair no desvio de rumo que imolou Ofélia. (Ah, Ofélia! Não te tinha prevenido que se insistisses em cruzar a ponte de olhos vendados e a mente fechada à razão, podias precipitar-te no abismo?). Não, não posso chegar a isso, salvo se deixasse de respirar, não ter coração, nem vísceras nem nada, ser um simples ou complicado autómato. Se isso acontecer, se é que irá acontecer, já não serei eu.

12

Não se cantam alegrias quando a morte chega.
As carpideiras rasgam a cara, as blusas,
Chorando em prantos.

Maria Teresa Leon

Quer eu queira ou não, continuo revendo as minhas angústias, certo de que os meus enganos se enganos são, têm aparência de realidade.

Com as minhas cartas, de colorido enganador, ia sugestionando Ofélia, atraindo-a à minha esfera de acção como um malabarista que se julgava de boa qualidade. As minhas fantasias eram movimentadas e sedentárias ao mesmo tempo, eu escudava-me num nome alheio, disfarçava-me com uma máscara cujos objectivos não atingiam, num primeiro momento, a preferência do balcão dos sentimentos de Ofélia. Isso significava, evidentemente, que as suas relações com o finado não chegaram a ser profundas, pelo contrário, não passaram de mero conhecimento social. Ao comprová-lo, senti infinita alegria e ao mesmo tempo, senti tristeza por estar a atraiçoar um amigo morto. Eu não queria expressar os meus sentimentos com palavras alheias nem trilhar caminhos já transitados, pois desejava abrir o meu, aquele que conduziria à conquista total da mulher que eu desejava. E carta vai carta vem, propus-lhe que casássemos e ela, depois de consultar a mãe, as amigas, e com os meus supostos pais, aceitou com um sim, não sem um pouco de pudor. Eles, acreditando que eu fosse o filho, escreveram-me uma longa carta, falando da nossa terra, das procissões religiosas, da colheita da amêndoa e da alfarroba, e também das andorinhas que todas as primaveras ocupam o seu ninho na viga central do alpendre, e outras coisas mais. Depois de um longo e pormenorizado inventário do que tinha sido a vida na minha ausência, sempre naquele lugar sem perspectivas, onde uma pessoa para não se aborrecer se entretinha a contemplar o pôr-do-sol, terminavam a pedir o meu retrato e comunicando que entregariam a corrente de ouro que minha suposta mãe herdara de minha suposta avó a Ofélia. Senti-me miserável, indigno de tanto desprendimento, mas que culpa tinha eu do erro de um oficial medíocre? Pensei que o melhor, para alívio da minha consciência, seria dizer-lhes toda a verdade, levantar a tela do grande teatro do mundo para que vissem como as

coisas tinham acontecido; mas não o fiz, porque compreendi que de nada adiantariam os esclarecimentos, que o melhor seria esperar que Ofélia estivesse junto de mim. Diante dela, eu rasgaria a máscara. Ao fim e ao cabo, não estava mal pensado e era a única maneira de evitar ressentimentos e ofensas.

E Ofélia veio para Buenos Aires. Chegou num dia cinzento, creio que às quatro da tarde, quando a cidade começa a ficar mais agitada e os pombos em revoada pelas praças. Do cais, eu observava-a com minúcia, intuía o seu cheiro de jovem mulher, e vi ou imaginei o seu rosto escondido atrás das abas dos guarda-sóis enormes, na amurada do barco. Minha imaginação sobreexcitada como de costume, fazia dela uma formiga viva e laboriosa que podia ser esmagada no seu ir e vir, dum lado para o outro, pelos pés da multidão informe que a circundava.

Ela movimentava-se, inquieta. Olhava para baixo, tentando ver-me. Seus olhos, inquisidores, espriavam-se por todo o cais. Tinha algo na mão, talvez um retrato, que olhava a cada instante, como se quisesse certificar-se de alguma evidência, reter uma imagem que bem podia ser a desse retrato. Era como procurar um morto numa confusão de seres vivos. Depois, quando quase todos os passageiros já tinham descido, via-a parada nos degraus superiores da escada, indecisa, inibida, temerosa, olhando os horizontes cinzentos da grande cidade. Fiz-lhe sinal com o braço esquerdo levantado, à maneira de uma saudação, gritei seu nome. Creio que me ouviu ou, pelo menos, olhou na minha direcção. Vi que fechava e abria os olhos, surpreendida, adivinhei ou entrevi o verde dos seus olhos. Ensaiei um estribilho: *Ofélia! Ofélia! Ofélia!* corri como fazem os garotos quando vêem um jogador famoso de futebol, saltei, bailei com um pé, fiz gestos de criança e outros não tanto de criança para chamar a sua atenção, como um preâmbulo formal à minha apresentação como seu marido.

Baixou os últimos degraus da escada e pisou o chão de cimento do cais. Encostou a mala contra uma coluna e, ao levantar os olhos encontrou os meus, olhos ardentes de alegria, emoção, delírio. *Ofélia! Sou eu...* disse, enquanto abria os braços na intenção de abraçá-la. Olhou-me desconcertada, a ponto de gritar, como se eu fosse um bêbado ou um louco que quisesse barrar os seus passos. Tratei de me explicar, dizer-lhe a minha verdade de forma incontestável: *sou Fernando Salgueiro, teu marido, como consta de nossa certidão de casamento.* E exhibi como um prestidigitador os documentos que ela tinha mandado, as suas cartas, o meu passaporte e o meu bilhete de identidade

da polícia federal argentina. Olhou-me ainda mais desconcertada, como se fosse chorar e encostou-se numa coluna. A situação tantas vezes por mim prevista, começava a complicar-se. Eu estava num labirinto do qual não sabia como sair. A saída para mim foi falar e falar, adiantar-me às suas perguntas. Falei-lhe como se as palavras fossem pedras e meus lábios uma catapulta, mas havia coisas que não podia dizer-lhe, diante dos ouvidos das gentes indiscretas que aqui e ali já nos estavam a mirar com curiosidade como que adivinhando a situação desagradável do nosso encontro. E compreendi que mais que ela propriamente dita, se me opunham os tradicionais preconceitos sociais que lhe embotavam a mente. Eu tinha, por isso, que agir com urgência. E disse-lhe: *Olha, Ofélia, acompanha-me, que explicarei tudo, com todos os detalhes*. Quis segurar a sua mão, mas ela retirou-a instintivamente. Calei-me. Um carregador pegou na mala dela e começou a andar. Ofélia seguiu-o. Eu também os segui, ruminando nas consequências dos erros alheios e nos próprios. A inspeção do conteúdo da mala foi breve; mais do que observar o conteúdo da mala, o inspector fitava Ofélia como se quisesse desnudá-la e apalpar as suas coxas, os seus seios, e sei lá que mais. Enquanto selava a maleta com o selo alfandegário, o inspector perguntou-lhe se ela tinha familiares no país, e ela respondeu com uma desenvoltura prometedora que sim, que tinha o marido. Comecei a sentir que ela não era insensível à galantaria, que no fundo, por trás da sua timidez e simplicidade, havia um pouco de coqueteria.

- E quem é ele, senhora?

- Sou eu, senhor – disse sem poder conter-me, enquanto pegava na mala decididamente. O inspector deu um sorriso de cão triste e com uma reverência elegante, apertou nossas mãos e desejou-nos muitas felicidades. Já na rua, caminhei decidido, sem voltar a cabeça para ver se Ofélia seguia atrás, mandei parar um táxi, coloquei a mala dentro e sem importar-me com os protestos de Ofélia que perguntava para onde levava a mala, empurrei-a suavemente, mas pressionando seu braço, para o interior do carro, sentando-me a seu lado. Cabisbaixa, pensativa, não se dignou olhar-me ou nem dizer-me uma palavra. E como um disco de música ambiente, comecei a descrever-lhe as belezas arquitectónicas e idílicas de Buenos Aires e o lirismo dos grandes cafés tradicionais. Quando de soslaio, eu procurava o seu olhar, via uns olhos temerosos, mas agressivos. Chegámos ao destino. Coloquei a maleta no meu quarto do hotel e convidei-a a entrar. Negou-se terminantemente, dizendo que eu não era o seu marido, visto que

não tinha casado comigo, que apenas me tinha conhecido ainda que tivesse ouvido falar muito de mim, que não podia ter-se casado com um morto e eu era o morto por cujo descanso eterno os meus pais, antes de morrer, tinham mandado celebrar duas missas às quais ela assistira; que eu era José Barros e não Fernando Salgueiro, etc.

- Pois bem, disse eu em tom um pouco ríspido, impaciente, começando a perder a compostura – se achas que o teu marido é o outro e não eu, vai buscá-lo nas terras da Normandia e tenta exumá-lo se é que as matilhas dos cães esfomeados que nos perseguiram, já não o fizeram. Disseste que não poderias ter-te casado com um morto. Mas casaste comigo. Aquele que supunhas ser teu marido é só uma sombra, uma recordação que devemos desterrar dos nossos pensamentos, porque há mortos que matam.

- Como pode você falar dele assim, empregar esse tom depreciativo, se eram, como se dizia, tão amigos?

- Eu tenho satisfação em honrar a sua memória e recordá-lo com profundo carinho. Na realidade fomos grandes amigos, mas nem eu nem ele temos que suportar as consequências do erro cometido por um oficial estúpido. Além disso, contra o parecer de um poeta do nosso país ninguém quer carregar os seus mortos e deixá-los abandonados pelo caminho. As tumbas nos cemitérios e os ramos de flores nas tumbas, são uma das nossas fraquezas, o nosso medo biológico, uma maneira de ter compaixão por nós próprios. Agora é bom que saibas, já não existe o meu passado de José Barros, mas o meu futuro, obscuro ou risonho, de Fernando Salgueiro.

No fundo, eu era um homem de muitos erros, mas o erro fundamental de minha vida era o de carregar os alheios. Aqueles em cuja elaboração não tinha participado. Ofélia era agora minha mulher ante as leis do nosso país e do país onde nos encontrávamos. O resto era meramente circunstancial. E convencional.

- Diante do mundo, seus habitantes e suas leis, por mais medos e desgosto que sintas, somos marido e mulher.

- E perante Deus? Que poderemos ser diante Deus, senão dois fugitivos açoitados por ventos e tempestades, com frio e fome?

- Oh, Ofélia, nenhum deus tem o direito de imiscuir-se nos nossos assuntos, nem pretender julgar-nos.

- Por que não? E a mentira desapiedada feita aos pais do morto, fazendo-os crer que o filho está vivo e que eu sou a sua mulher?

Quis responder-lhe e não pude, não soube o que argumentar para sustentar uma mentira, uma falsidade, uma tolice sem desculpa que jogava por terra toda a estrutura de pretensão moralismo que eu defendera, até há pouco. Não me sentia bem e um nó, cada vez mais apertado, como o de Judas, foi formando-se na garganta. Ofélia deixou escapar das suas pupilas duas grossas lágrimas que logo se transformaram num pranto inconsolável. Tentei conformá-la, pondo uma mão sobre o seu ombro, mas repeliu-me com uma indignação da qual não a supunha capaz. As pessoas que passavam perto olhavam curiosas, e eu sentia que os pássaros da minha argumentação voavam céleres. E verifiquei que eu, na verdade, não tinha aprendido bem o meu papel de actor no grande teatro do mundo, não achando a maneira de chamar Ofélia à realidade e senti-me diminuído, deslocado, impotente para domar o tigre da sua inconformidade; tinha que procurar inspiração especial para conseguir o que já parecia impossível. Ofélia continuava chorando e passava o lenço nos olhos avermelhados.

- Que está havendo com a senhorita? – perguntou uma senhora idosa.

Peguei a mão de Ofélia com firmeza e puxei-a, e já bastante nervoso, sussurrei-lhe:

- Vem, podes não aceitar nada do que te pedi, insulta-me de tudo que queiras, mas vem.

E convencido de que os pássaros da minha argumentação, depois de breve revoada, voltavam à minha mente, fui dizendo-lhe como se visse nela uma criança privada do seu brinquedo:

- Não Ofélia, isso não. Não chores mais, suplico-te. Olha bem no fundo dos meus olhos e vais convencer-te de que não sou culpado.

- Na minha maleta trago duas camisas e meia dúzia de meias enviadas pelos Salgueiro para o seu filho e também a corrente de ouro. Quando deram estas peças para eu entregar, disseram-me que era uma pequena recordação dos pais do meu marido para este. Se tu és meu marido, como dizes, não és o filho deles. Como realizar este encargo? Como poderei ficar imune de culpa, não participar nesta mentira? Quando lhes escrever, que vou dizer? Direi que o homem que me mantém, que dorme ao meu lado e será o pai dos meus futuros filhos, não é o filho deles, mas outro homem, o usurpador, o ex-

vizinho da casa da frente, o José Barros? Mentiras! Mentiras! Mentiras!, é o que lhes poderei dizer. E minha mãe? Que direi a minha mãe? Que sou a concubina legalizada que vive com José Barros, aquele rapaz amalucado que lá na nossa terra ficava o dia inteiro esperando que a cegonha voltasse ao ninho para fotografá-la?

- Não, Ofélia, de José Barros não dirás uma única palavra, não debes dizer. De Fernando Salgueiro dirás tudo o que te venha à cabeça. O nome e o apelido de uma pessoa é o menos, o que importa é a personalidade.

- E as fotografias que me pediram para mandar? Como poderemos mandar a tua cara dizendo que é a do outro? Não te dás conta que terei que inventar desculpas grosseiras, fazer da mentira uma profissão de fé, humilhar-me, dizer que o meu marido (o filho deles) está doente, que vou cumprir minhas promessas mais tarde, que não temos dinheiro, que quando tivermos... etc., etc? Que dirão minhas amigas ao saber, aquelas que secretamente invejavam meu casamento? Que casei com um qualquer, que casei com um que não tem onde cair morto, isso é o que vão dizer.

- Não leves as coisas para o lado negativo, Ofélia. Tudo na vida tem solução. Tu não és como uma mulher estéril que, para compensar essa infelicidade, distribui carinho pelas crianças dos vizinhos, pelos gatos e cães. Se há anos atrás, eu pude surpreender e fotografar a cegonha voltando ao ninho, também daqui em diante poderei fotografar os mortos.

E como exímio argumentador que sempre tenho sido, apercebo-me que estou explicando a Ofélia como está adiantado o meu projecto de fotografar os sonhos. (Como picado pelo veneno da tarântula, inverte os tempos gramaticais, e em vez de remontar ao passado, actualizo meu encontro com Ofélia, o qual, em vez da saudosa felicidade, provoca-me um verdadeiro mal-estar). Ofélia começa a olhar-me com uma sensação de assombro, como se, em lugar daquele garoto amalucado e atrevido que ela conheceu, surgisse agora um homem diferente e com posturas originais e incomuns. Deixa de chorar, tira dum estojo do casaco algo para empoar o rosto. Nela vejo agora despertar a mulher vaidosa, a fêmea que temos que lisonjear.

- Como estás linda! - digo, com toda a sinceridade.

Sorri contrafeita, e faz uma mímica que aparentando desgosto, não o é, senão uma vaidadezinha inconsciente, que dá-me a sensação de que consegui domar a fera.

Volto a segurar-lhe a mão, desta vez mais firme e disposto a não deixá-la. Sinto o seu tremor mas ela não faz nenhum esforço para se soltar. Vamos andando e à medida que andamos, vou descrevendo o que vejo ou invento da cidade. Anima-se e começa a fazer-me perguntas razoáveis. Quer saber o nome das árvores e qual é o edifício mais alto de Buenos Aires. E entramos num parque de diversões e passamos em frente de espelhos côncavos e convexos. Os primeiros devolvem-nos uma imagem de gigantes deformados, os segundos a de anões de ventres enormes. Ofélia ri. Depois de uma boa caminhada, entramos num bar para repor as energias e tomamos uma bebida leve. E imprevistamente, olhamo-nos olhos nos olhos, como para saber o que cada um pensa do outro. Ofélia faz-me perguntas como quem atira pedrinhas ao mar: quer saber como é a minha alimentação, se como todos os dias o mesmo, a que horas acordo e levanto e o que tenho em casa. E respondo com metáforas nem sempre felizes que sou meio transumante, vivo num quarto de hotel, uso a casa de banho comum no corredor e almoço nos bares da vizinhança e no meu quarto, que ela considera como uma casa, como se estivesse na aldeia longínqua, tenho livros, desenhos e reproduções de dois ou três quadros famosos, os planos da minha projectada máquina de filmar os sonhos, um rádio para escutar notícias até da longínqua China, duas cadeiras, uma cama e sobretudo muitas fotografias, inclusive dum soba das terras baixas africanas. Ela medita, medindo, analisando, sopesando as possibilidades das nossas vidas. Quer e não quer, e querendo, pede-me num sussurro que a leve para nossa casa, a nossa franciscana morada. Tenta sorrir, mas está com os olhos marejados. Apoio a mão no seu ombro que aperto de leve e digo-lhe num arrulho que sim, já vamos. Retrocedemos, voltamos a uma cena anterior, corrigimos o nosso erro de interpretação no grande teatro do mundo, ensaiamos um novo acto. Apresento Ofélia como o que é, minha esposa, ao dono da pensão, um espanhol, ex-tenente do exército republicano com quem me costumo entreter a conversar nas minhas horas de ócio sobre coisas da Espanha e do mundo. Peço-lhe que nos sirva um jantar melhorado nessa noite. Guio Ofélia pelo estreito corredor até meu quarto que fica nos fundos. Antes de abrir a porta, ouço por trás de nós, como um vento quente de amizade, a voz do hoteleiro: *Ouçã Salgueiro, a ceia desta noite é por conta da casa e ninguém irá incomodá-los. Esta noite será exclusivamente de vocês e amanhã será de todos nós.*

As recordações que guardo da nossa noite de núpcias não coincidem com as de Ofélia. Prefiro calar as minhas e transcrever as dela, anotadas alguns anos depois no seu diário:

Quando entramos no quarto que meu marido ocupava no hotel e do qual falara tão bem, a primeira coisa que feriu o meu olfacto foi o característico cheiro a homem solitário. Ao entrar atrás de mim, vi que passava a chave na fechadura. Olhei e fiquei com a impressão de que acabava de ser guardada numa gaiola. Não sei se ele notou o meu desgosto ou se eu fiz algum gesto de protesto, porque tratou de desculpar-se: É para evitar que por engano ou intenção deliberada, alguém venha incomodar-nos. Notei que estava um tanto nervoso e que mexia e remexia as suas narinas. Mostrou-me os seus pertences como se fosse dono de um grande tesouro, e quando parei a folhear um álbum de fotografias, senti que ele ronronava à minha volta como um gato no cio. E de repente, quando levantei a vista para olhá-lo de frente, ele veio na minha direcção com um rugido de touro, e antes que eu o pudesse repelir, agarrou-me pela cintura com aqueles braços compridos e fortes, dizendo palavras ininteligíveis. Parecia-me que estava nos braços de um gorila, desviei o rosto, e os seus lábios aflitos, húmidos, que procuravam os meus, colaram-se numa das minhas orelhas como uma ventosa! Tenho cheiro de tabaco ou de vinho? - sussurrou apalermado, ante a minha tácita recusa. Pobre! Afinal, em mais de um sentido, era como um bebé inocente que vê o brinquedo cobiçado a escapulir-se dos dedos. Para acalmá-lo, já que por obra do azar era meu marido, deixei-me beijar, mas sem retribuir as suas carícias desordenadas. Sei que ele era suficientemente inteligente para saber que a minha entrega não seria total, que algo em mim, o fundamental do meu ser – a alma – continuava pertencendo ao... Não importa a quem. Era uma partícula do meu ser à qual ele não tinha acesso nem nunca se poderia apossar. A ceia foi opípara, com carnes de primeira e sobremesa regada a vinho espumante. Nunca tinha comido nada igual. E recordei a minha mãe lá longe na terra, no nosso viver com tanto sacrifício, sem pai nem marido, e com fome e um horizonte sem perspectivas. Sem poder evitar, verti duas lágrimas que ele rapidamente enxugou com os seus beijos fervorosos. Não pude deixar de compreender que o facto de me ter casado com ele, apesar de tudo, era como um presente do céu. Talvez ele acesse a facilitar a vinda da minha mãe. Não sei o que ela poderia dizer, quando chegasse e visse que eu tinha casado com José Barros e não com Fernando Salgueiro.

O mais que poderia fazer era compreender e não me dizer nada, e tudo dar como um facto consumado por obra de Deus e do Diabo.

Na hora de nos deitarmos, compreendi imediatamente, que não me podia negar às exigências da realidade, à entrega do meu corpo. Ele despiu-se diante de mim e instou para que eu fizesse o mesmo. Puro teatro. Antes de o fazer, apaguei a luz e mesmo no escuro fui em direcção à mesa onde estava, intacto, o copo de vinho que eu não tinha tomado, e bebi-o de um trago só. Somente depois, sentindo na escuridão seus olhos cravados no meu corpo, fui tirando minhas roupas e, já nua e um pouco tonta com a bebida, entrei nos seus braços.

13

O homem, nascido da mulher, é de poucos dias e cheio de inquietação, nasce como a flor, e murcha; foge também como a sombra, e não permanece.

Job 14. 1 e 2

Até ler o que Ofélia escreveu no seu diário, eu recordava essa noite como a mais bela de toda a minha vida. Entretanto, hoje gostaria de esquecê-la totalmente, mas apercebo-me de que não poderei fazê-lo. As recordações gratas são substituídas por outras, desagradáveis, cheias de cenas incorpóreas, mas nem por isso menos reais, que persistem insinuantes e arranham a minha sensibilidade. São recordações que no seu conjunto formam uma caravana não pressentida até há pouco tempo, que emergem das dunas dos meus sentidos, flores espúrias de um deserto arenoso. Vejo os dromedários, os beduínos com as suas espingardas reluzentes que me chamam a atenção. Na nossa vida comum, Ofélia jamais me chamou Salgueiro, mas sim, ainda que isso contrariasse meu ego e fosse contraproducente, dizia sempre Barros, como se dissesse Caim. Eu não tinha morto meu irmão Abel, porque não o tinha e também porque seria incapaz de fazê-lo. E no entanto ela insistiria a vida toda, em manchar a minha impoluta geografia moral. Porém, nessa noite, sentindo-se mulher nos meus braços, chamou-me numa entoação algo agónica, Salgueiro. Não mo dizia a mim, admito; não quero passar por mórbido, afirmando que se entregava a um vivo pensando num morto. Parece-me que Ofélia quando decidiu escrever o seu diário, já apresentava um quadro de alienação mental. Se não fosse assim, como se explica a sua animadversão para com as outras pessoas, o seu isolamento, suas manias filosóficas, sua inquietação e suas irritações extremadas sem causa aparente? Que me detestasse, menosprezasse e chegasse a odiar-me simplesmente por causa do meu suposto engano e embuste, posso admiti-lo como um canceroso admite a realidade da sua doença. No tocante aos demais, inclusive às pessoas que a admiravam, e a quem devíamos múltiplas atenções, isso não posso admitir. E no entanto...

Continuamos a viver no hotel, onde todos nos consideravam o par ideal e nós mesmos (eu pelo menos) pensávamos assim. Saíamos e regressávamos sempre juntos, escutávamos as mesmas emissoras de rádio e as mesmas canções flamengas. Líamos os

jornais juntos e comentávamos as notícias da nossa preferência. Só quando escrevíamos alguma carta, cada um ficava no seu canto, sem perguntar o que o outro estava a escrever. À medida que se aproximava o Natal, Ofélia enviava um e outro dia, postais com vistas de Buenos Aires à sua mãe e às amigas, que eu colocava no correio. Quando chegou o momento de escrever aos meus supostos pais, ficou nervosa, frenética, dizendo-me como num desafio: *E agora, como vamos descalçar esta bota? Temos que escrever-lhes, desejando um Bom Natal e próspero Ano Novo.* Esmagado pela realidade, essa espécie de espada suspensa sobre a minha cabeça, consegui dizer-lhe mansamente:

- Pois escreve-lhes tu e os dois assinamos, sabes melhor do que eu o que deves dizer.

- Então, eu escrevo, escrevo e assino, e tu não escreves, mas assinas? Como gostas de deixar aberta a porta da dúvida. Nem que fosses um pregador e te metesses sem guia nem professor, a falar de sistemas filosóficos e de religião. Tu assinas o que eu escrevo, como assinarias um acto de absolvição ou uma sentença de morte. Isso parece-te correcto? És mais ingénuo que mau, e eu, francamente, preferiria que fosse ao contrário.

- Não é que me pareça correcto, mas é tudo o que podemos fazer nesta emergência. As aparências induzem muitas vezes a um engano. A pessoa nem sempre é o que aparenta. Olha, Ofélia, se tens confiança em mim, se acreditas que eu sou capaz de consertar toda esta confusão, para o bem ou para o mal dos nossos pecados, dá tempo ao tempo. Passemos em paz e harmonia as festas que se avizinham, e depois, eu prometo, porei tudo no seu devido lugar.

- Sim, claro, - ironizou ela. - Compreendo-te. Eu serei sócia tua nesta embrulhada. Não queres afundar-te sozinho e necessitas... Lá na terra, eu e minha mãe passámos um mau bocado, mas ninguém poderá dizer que prejudicámos alguém. Gosto (escuta bem para que te acostumes) gosto de chamar as coisas pelo seu devido nome com precisão e saber a sua origem. Tu és Barros e queres passar por Salgueiro, como se pretendesses fazer-me crer que o dugongo²² vive no Oceano Atlântico em vez de no Oceano Indico.

²² O dugongo (*Dugong dugon*) é um mamífero marinho que habitou em tempos todas as regiões tropicais dos Oceanos Índico e Pacífico, mas hoje em dia a sua distribuição é mais limitada (sobretudo na Grande Barreira de Coral ao largo da Austrália e no Estreito de Torres). [N.T.]

- Basta, Ofélia, não entornes a taça da nossa felicidade. Se teimas em contradizer-me, nunca iremos a lugar nenhum.

- E aonde queres que a gente vá se estamos aqui ancorados sem poder partir?

- Basta! - explodi, com um tremor nas mãos e sentindo-me já descontrolado. Baixei os olhos envergonhado de não ter sabido dominar os nervos e temendo que os vizinhos conseguissem inteirar-se de nossas desavenças e assim, deixarem de nos considerar o par ideal. Procurei buscar algo que não sabia bem o que era, mas ao ver-me indeciso, tacteando no vazio, compreendi que urgia apaziguar os nossos ânimos. Levantei a vista para olhá-la e vi-a chorando. Quis tomá-la nos meus braços e eliminar com beijos as lágrimas dos seus olhos, mas fui repellido. Descontrolado, fora de mim, sem conseguir ordenar os meus pensamentos, agarrei no jornal e saí porta fora, decidido a tomar uma resolução que não sabia qual era. Quebrei a minha promessa de deixar de fumar, comprando cigarros no quiosque da esquina; depois de acender um, dei uma volta ao prédio do hotel e cinco minutos depois, estava de volta. Ao entrar, Ofélia estava escrevendo. Sentei-me e ela olhou-me sem dizer nada. Continuou escrevendo, nervosa, frenética. Quando terminou veio até mim, estendendo-me papel e caneta, e disse:

- Assina. Afinal, quer gostem ou não desta mentira ou desta verdade, és o meu marido e eu devo acompanhar-te ainda que seja para o mesmo inferno.

... e vendo caminhar com seu passo leve
esta jovem lívida, pálida que é Ofélia ...
Ortega y Gasset

O hotel, albergue de anjos e guarida de feras ao mesmo tempo, era um hotel comum, sem história nem lastro social, cuja coluna vertebral era um corredor comprido de paredes e portas pintadas de cor rosada, ornamentado aqui e ali de pássaros e de um poleiro de madeira onde se equilibrava um louro paraguaio que, uma semana depois de estarmos lá, saudava-nos com um claro bom dia. Nas habitações abertas durante os dias de sol, para ventilação, podíamos ver uma infinidade de leitos de ferro pintados de branco como nos hospitais, o que me dava a ideia de um manicómio de almas, visto que eu já tinha presenciado ali cenas incríveis e mesmo alguns dramas; só faltava uma tragédia e que o carteiro chamasse duas vezes. Ao aproximar-se o Natal, o hotel geralmente agitado, foi ficando deserto. Uns atrás dos outros, os hóspedes faziam as malas e viajavam para casa da família ou dos amigos com quem iam passar as festas natalícias. Um levou o seu canário, outro levou o tico-tico e outro ainda o seu sabiá. E também levaram o louro, cuja ausência deixou uma nota de solidão no ambiente.

E a noite de Natal caiu sobre nós como uma teia de aranhas de silêncios inquietos. Ofélia e eu sentimo-nos tremendamente sós, angustiados, igual a Adão e Eva expulsos do paraíso. Consolámo-nos um ao outro, não por uma necessidade puramente sexual, como outras vezes, mas para afugentar os gritos furiosos da solidão que ressoavam dentro de nós. E eu, querendo apurar e depurar o meu grau de culpa na situação, disse-lhe coisas sem muito sentido, ocas, sem consistência, que não conseguiam encher o vazio escancarado à nossa volta. E este vazio foi aumentando, transformando-se num aluvião subterrâneo que escavava as nossas raízes. Achando-a triste, pensei em levá-la até ao jardim mais perto, mostrando-lhe o tanque com os tradicionais peixes ornamentais. E segurando a sua mão eu dizia-lhe que ali, como na nossa terra, os grilos cantavam e as rosas floresciam. Pensei levá-la ao jardim, mas não a levei a lugar algum. Necessitávamos parar um pouco, afastar da nossa mente situações

complicadas, confusas e extirpar imagens passadas que insistiam em tomar conta dos nossos sentidos. Ofélia devia estar pensando que nessa noite, sua mãe, sozinha, não poria sobre o forno o tradicional tacho de estanho com azeite, para fritar “brunhóis”, nem se esmeraria na preparação das empadas de doce de batata ou de marmelo que ela tanto apreciava. Eu pensava nas conhecidas histórias de imigrantes e nas travessuras da adolescência. Lá fora, na rotunda próxima, soavam as campainhas dos eléctricos apressados e ouviam-se vozes entoando em coro canções e slogans partidários. Ofélia estava a ponto de chorar e eu debatia-me num dilema, não sabendo de memória a lição que tinha imaginado. Pediu-me, sem grande convicção, talvez com o propósito de que eu não visse as duas lágrimas rebeldes que deslizavam pela sua face, nem que eu reparasse como estalava a madeira das suas emoções ante o fogo da realidade, pediu-me que fosse à rua comprar-lhe uma revista. Sim, uma revista ou uma caixinha de música que suprisse, no possível, a falta do rádio que se tinha estragado uns dias atrás. Amassei o cigarro no cinzeiro, como algo catártico, e saí. Dei a volta ao prédio do hotel, cruzei duas ou três ruas paralelas, atravessei uma praça, mas os quiosques de jornais e revistas estavam todos fechados. Contrariado por não poder agradar Ofélia, entrei num bar, ruminando numa saída que não sabia qual era. Sentei-me junto ao balcão e pedi uma aguardente para igualar-me aos demais vizinhos. Mas tinha consciência de que ficaria isolado e um idiota nos meus intentos indefinidos de comunicação. Além do mais, eu sabia que era um homem indeciso em mais de um aspecto; tanto é assim, que não tinha sido capaz de prever o desejo de Ofélia, sabendo que ela era uma grande consumidora de revistas de conteúdo aleatório que não ia nem pretendia ir além do vulgar. Como voltar sem uma revista ou pelo menos a caixinha de música que pedira? Olhei pela janela do bar para vislumbrar a sombra do engraxador que costuma engraxar-me os sapatos na calçada e aos domingos vai a casa para cuidar dos sapatos de Ofélia. Talvez ele pudesse conseguir o que eu queria, ou pelo menos uma revista velha ou uma caixa com um grilo. Mas nem ele nem a sua sombra, nem ninguém que pudesse dar-me notícia do seu paradeiro. Certamente, também ele, apesar de seu aspecto de rapaz sozinho no mundo, teria algum familiar com quem passar as festas. Que fazer? Temia que Ofélia ao ver-me sem ter conseguido o que pedira, dissesse como em outras oportunidades: *Não és cavalo nem burro, mas o seu intermediário, o macho.*

Quase desde o outro extremo do bar, uns olhinhos de aranha escudados atrás duns enormes óculos cinzentos observavam-me com uma insistência pouco menos que agressiva. Era, como tudo indicava, um homem da minha idade, de cabeleira espessa e levemente ondulada. Olhei-o de lado, como quem não estava interessado, terminei a minha bebida, disposto a sair. Quem seria ele? Seria um compatriota, talvez um conterrâneo conhecedor da minha verdadeira identidade? Por que não, se chegavam ao porto todos os meses? E se o fosse e estivesse inteirado da minha suposta morte, como reagiria vendo-me vivo? Se me conhecia, era possível que conhecesse também Ofélia. E se nos visse juntos e descobrisse onde vivíamos? E se soubesse que eu tinha tomado o lugar do outro, que o morto era o vivo e o vivo o morto? Alarmado, sem pensar já na decepção de Ofélia ao ver-me sem o rádio ou a revista ou ainda a caixinha de música na noite de Natal, quis pagar a conta, mas ela já estava paga. Mais alarmado ainda, olhei para a mesa ocupada no outro extremo, mas o seu ocupante já não estava ali mas antes ao meu lado. Não pude evitar um tremor de contrariedade e não me ocorreu dar os meus agradecimentos pela gentileza impropriedade. Quis dizer-lhe fria, indiferentemente, que estava equivocado, que a pessoa a quem pretendia homenagear não era eu, etc., mas não fui capaz de dizer-lhe nada e fiquei olhando-o. Sorridente, como quem vive o momento presente sem importar-se muito com o passado ou o futuro, disse-me sem preliminares de apresentação:

- Homem, não és tu?... Bem, não importa o nome. Tu não estiveste em Argeles?

Disparada a pergunta, ficou a olhar-me, piscando os olhinhos. Senti uma sensação de alívio por todo o corpo. Afinal, a América ficava longe da referência e havia entre o meu passado e o meu presente o Atlântico pelo meio. Aquele homem pela sua pronúncia castiça, era um espanhol autêntico, melhor dito, um castelhano. Antes que pudesse responder-lhe já ele acrescentava muito rápido:

- Bem, não terá sido no campo de concentração onde te conheci, mas que eu te conheço, com certeza conheço. Diz-me onde estiveste antes de vir para a América com a tua mulher, visto que a conheço também, mas daqui, por tê-los visto a passear pelas ruas dos arredores. Vem, sentemo-nos um momento e tomemos mais um copo. Ainda estamos numa idade em que podemos dizer que o tempo é longo e que ninguém nos espera. Ah, desculpa-me... Já sei... Ela... Ela espera-te. Bom, cinco, dez minutos, o tempo que possas, mas fala, fala, fala.

Decidi responder-lhe, sugestionado pela simpatia que emanava da sua pessoa:

- Pois eu a ti não me lembro de ter-te conhecido. Mas não afirmo que não tenha podido ver-te em algum lugar. O mundo na verdade não é tão grande nem tão pequeno...

- Diz-me onde estiveste que te digo quem és.

- Pois estive no norte de África.

- Em Marrocos? Em Casablanca?

- Pois claro.

- Estiveste em algum campo?

- Não, não estive.

- Então estiveste na Legião.

- Sim, estive na Legião.

- Pois é isso, homem. Eu conheço-te porque foste legionário, pela vossa maneira de andar pela rua, de entrar num bar e pedir um copo de bebida; a vossa maneira de olhar para a frente como se esquadrinhasse a lonjura e percebesse a chamada do deserto. Bem, diz-me agora qual é o teu nome.

- Salgueiro – respondi como numa lição bem aprendida - E tu?

- Cisneros.

- Há muito que vieste?

- Não, homem. Há poucos meses. Sabes o que estou a pensar agora?

- Como poderei sabê-lo?

- Homem! A gente tem imaginação. Vê-se que não és escritor.

- Escritor? - não sei por que volto a alarmar-me, pensando na minha história com as suas teias a desafiar a imaginação de um novelista de enredos densos – E tu és?

- Sim, homem, sim, sou escritor. Digo-te sem vaidade nem pedantismo. Porém, se tivesses perguntado isso num outro momento, num desses instantes ou períodos, às vezes mais longos do que seria de desejar, dir-te-ia, possuído por uma dúvida hamletiana, que eu não era nada. Hoje que estou em lua cheia e é véspera de Natal, que me sinto um homem que está só e não tem ninguém que o espera em lugar algum, devo procurar algo a que agarrar-me em compensação das falhas da minha natureza. Ter consciência do que sou, por mais que algum mentecapto ou professoreco dos que fazem literatura com a literatura alheia, mo negue, é motivo de orgulho e faz-me pensar que ainda que estivesse no fundo de uma prisão ou no campo de Argeles, igualmente seria

escritor. E agora, quando muitos dos que ali estivemos se ficam pelo coçar dos piolhos das suas recordações, eu escrevo. Acabo de terminar uma novela, não muito extensa, certamente, mas bastante significativa. Nós, pelo menos eu, procuro sempre os protótipos das minhas personagens na vida real. Sabes quem serviu de modelo para ser o casal da minha novela (Goschen e Maria)? Aposto que o não sabes.

- Não, não sei – sussurro, pensando em Ofélia que está esperando.

- Pois em ti e na tua mulher. Não fiques alarmado, que explicarei tudo, ponto por ponto. Da janela do meu quarto eu via-vos passar todos os dias, de mãos dadas como dois eternos namorados. Queres saber como termina o último capítulo? Tenho aqui os originais e vou lê-los.

Faz menção de tirar algumas folhas dactilografadas de dentro de um livro.

- Espera. Agora não, devo ir porque Ofélia está à minha espera e se demoro pode aborrecer-se. Somos só nós dois, sabes? Não temos família nem amigos, nem nada. Se pelo menos tivéssemos um gato...

- Bem, compreendo-te porque também sou só, com a vantagem ou desvantagem de não ter mulher, nem que fosse uma gata que ronronasse nos meus joelhos. Bem, vai. Trata de divertir-te com a tua consorte, diz-lhe coisas bonitas e diz também, para que saiba, que eu a imortalizei nas páginas de “Os outros conquistadores”. Como nunca apreciei as festas natalícias, esta noite vou matar o tempo escrevendo até que os galos cantem. E também vou tomar um vinho espumante ou cerveja com lagostins. Vivo aqui perto numa pensão colada ao prédio onde moras. Pena que aqui não encontro mariscos como na Andaluzia. Mas não importa. Eu arranjá-los-ei me para abastecer e ao mesmo tempo, vou afinar o meu violino.

Quis ir-me, mas ia retardando a minha decisão. Aquele jovem de olhos inteligentes e mente aberta, parecia-me que era um velho conhecido, o qual não devemos abandonar num momento solene como o da data festiva. Sabendo que ele era um escritor ou algo semelhante, pensei em falar-lhe do meu projecto da máquina de filmar os sonhos. Mas não dispunha de tempo e Ofélia... já começava a preocupar-me. Então, como antes havia pensado no engraxador da esquina, pensei em Cisneros como a minha provável tábua de salvação. E falei-lhe da vontade de Ofélia pedindo-me uma revista que eu não tinha possibilidade de conseguir, e da pena que sentia em não poder

atendê-la. Tomámos mais uns copos de aguardente que foram amolecendo as minhas inquietações e temores.

- E que revista ela quer?

- Uma revista de actualidades, de notícias sobre artistas e cantores da moda.

Ofélia precisa sonhar ou sonhar que não sonha. Nem eu mesmo sei o que é.

- Não te preocupes. Tenho no quarto vários números de revistas espanholas, claro que da Espanha negra e com fotografias do porco do Franco, mas tem também divertimento. Vou oferece-las à tua mulher. Sei onde moras e dentro de poucos minutos as entregarei pessoalmente.

Quando entrei no quarto, Ofélia levantou a vista e como não viu nem revista nem a caixinha de música, deixou escapar:

- E?

- Os quiosques estavam todos fechados, mas agora, dentro de cinco ou dez minutos, vêm trazer-te algumas revistas espanholas.

Além das revistas para Ofélia, Cisneros levou-nos um gira-discos e várias gravações de Angelillo, assim como vinhos e bebidas próprias das festas natalícias. Como não poderia ser de outro modo, Ofélia convidou-o para que ficasse connosco. Escutámos Angelillo, ceámos, comemos o tradicional pão doce argentino, tomámos cidra e contámos histórias. Ofélia, contra as minhas previsões, estava radiante, eufórica, descreveu-nos o pôr-do-sol no penhasco de Gibraltar, e como guardavam as chaves da cidade com música e folgedos. Eu, alegre e falador, comecei a discorrer sobre a máquina dos sonhos, como se ela fosse já uma realidade. Não sabia ainda se ela possuía um cérebro funcional ou um coração capaz de emocionar-se, mas intuía que se estava humanizando e até seria, num futuro não muito longínquo, capaz de enamorar-se. Sim, não seria muito louco pensar que isso pudesse ocorrer, porque a máquina começava a fugir das multidões abúlicas, cujo estertor e matraqueio afugentavam os pássaros do sono, para buscar a minha companhia. Tinha perdido como máquina as dificuldades iniciais, esses primeiros obstáculos que dificultam um funcionamento correcto, para mergulhar comigo nas zonas recônditas do subconsciente, mostrando-me as particularidades sobressalientes do mundo onírico. Era exímia na arte de enquadrar a minha vida, mostrando-me como protagonista de quatro gerações, naquilo que tinha sido e seria. Quando parava para respirar ou carregar as baterias, apoiava no chão suas

quatro patas de ferro recurvado, cansada, quase coquete, e numa humildade de cão, abanava o rabo. Antes, achava que era assexuada, mas agora começava a admitir que poderia ter sexo e até que fosse fêmea. À medida que sentia prazer com a descrição da minha máquina dos sonhos, eu notava o sinal de zombaria na face de Ofélia, enquanto seus olhos pareciam dizer-me: *Aí está o busílis!* Ninguém acreditava que eu pudesse ser um inventor, que estive a ponto de emular Paral, o inventor do submarino, e, como ele, devia renunciar aos meus projectos de invenção e patenteação. Cisneros, que na sua qualidade de escritor, começava a entusiasmar-se com a minha descrição da máquina de filmar os sonhos, também não acreditava nos meus dotes de inventor. Inclina-se antes a considerar-me um potencial criador, mais perto do poeta que do inventor. E levantando o copo para mais um brinde, que esperava que se repetiria outras vezes, incitava-me a prosseguir no meu relato da máquina. E eu continuava:

- E de súbito, os sonhos, as recordações daquilo que se sonhou ter vivido numa vida anterior ou paralela, começam a ganhar corpo, confluências e bifurcações. Então a máquina, como se deslizasse sobre uma pista de gelo que racha na sua passagem, percorre toda a circunferência de um círculo. E ali as partículas dispersas voltam a aglomerar-se, representando um todo homogéneo. Essa imagem reproduzida agora ante os meus olhos sedentos de espaço, parece-me o elo perdido de um momento vivido vá-se saber onde e quando. Um andante longo seguido de um ritornelo com intróito ou epílogo, se repete sem variantes numa roda-viva incessante. A imagem abre-se em leque com as suas sequências. Ali está invariavelmente a mesma livraria, uma livraria velha com edições raras dos clássicos que eu folheio e folheio; depois uma enorme estante com livros de lombadas envelhecidas que oniricamente assemelham-se, todas as vezes que aparecem, com a parte de uma biblioteca que me foi roubada, assim como uma mesa com os primeiros fascículos de uma obra didáctica de grande valor, muito citada na sua época, cujo título esqueci, ainda que o sinta viva no meu sangue. Esse leque de imagens, ou, ao contrário, imagens de leques, aparentemente desconexos, costumam repetir-se em espaços medidos. A interpretação deste sonho pela indução da minha mente objectiva, poderá variar, mas os moldes em que está assente, não, porque as imagens são uma vez e outra e sempre as mesmas. E os meus sonhos, os que nascem e que se repetem, estão embalados por uma música que tocam nas feiras – tintún, tuntón, tontín – que dá sempre as mesmas voltas enquanto o palhaço do circo na frente assoma

o rosto enfarinhado. E a criança sentindo-se feliz, ri sem parar. E a criança é ela, Ofélia, ainda jovem, numa idade indeterminada e que eu ainda não conhecia. Cisneros disse numa das suas breves intervenções que a vida é como um cacho de uvas – grande, orvalhado, brilhante – que devemos melhorar até à última gota de sumo. Aquele que o deixa cair ou não o come a tempo, deixando-o murchar, não vive a vida e é como o pássaro que, aturdido, bica uma fruta seca, morta. O caso da criança que contempla sem zombaria nem ódio o rosto do palhaço enfarinhado, é uma cena pretérita que um dia foi presente mas que jamais poderá ser futuro. Porém essa cena que a máquina volta a projectar ante os meus olhos, teve um dia lugar na vida real ou imaginada, a outra vida de uma pessoa, perdida ou dispersa no tempo e no espaço, de que já não temos memória auditiva. Se sonhar é uma maneira de recriar o passado e revivê-lo esporadicamente, também o é projectar-se para o futuro de um futuro sem futuro.

15

Assim aconteceu com este amigo de vocês:
Um dia foi rã, agora é rei.

Petronio

Naquela noite, Cisneros, depois de alardear o que já me tinha adiantado como novidade, no café, apresenta-se-nos como um criador da palavra, como outros são do pincel ou do cinzel, quer dizer, um artista que não admite nenhuma das definições dadas ao homem que escreve, pelas numerosas e exorbitantes famílias de palavras. Seria, já que devemos ser alguma coisa, um escritor a seco, sem mais acréscimos. Não se considerava um literato nem um escriba, nem queria ou querería ver entre eles nenhuma espécie de exosmose ou endosmose. Na sua trajectória de escritor editado, com a publicação de quatro folhetos de prosa e verso, destacavam-se alguns contos ou relatos (conste que jamais tratou de deslindar o que diferenciava os dois géneros). Eu e Ofélia ainda não o tínhamos lido, mas cada qual à sua maneira e por motivos diferentes, confiávamos nele e estávamos certos de que poderia figurar um dia na “*intelligentsía*” do seu país. O caminho percorrido por ele, até então, era curto; tinha muito que andar e uma infinidade de coisas para conhecer. Eu anuía com os meus silêncios e alentava as suas esperanças, enquanto que ele reconhecia – o que já era um mérito – haver em seus livros (os que não tinha escrito, mas estavam pensados, e os que tinha escrito, mas não estavam publicados) muitas páginas com anotações à margem. Deixemo-lo falar, visto que um escritor que não fala, é como um soterrado que não respira.

- Quase não consigo publicar nada na actualidade, recusam-me de revistas, jornais ou editoras, solapada ou terminantemente, desde que comecei a ser eu mesmo, a partir do momento em que renunciei ao dogma, esse polícia da cultura encostado na minha sombra, que vigiava as minhas reacções intelectuais. Sermos nós mesmos, comporta os seus riscos, mas às vezes, ainda que esporadicamente, tem a sua compensação que é chegar de cabeça erguida e lúcido a uma meta determinada. Acredito pouco, quase nada, nos caminhos directos e nas adesões rectas. Talvez que eu seja em mais de um aspecto um homem que procura o que é difícil e desnivelado, mas

gosto de mergulhar num mar agitado. É que para mim (isto descobri depois de muitas andanças obstinadas no campo das lutas ideológicas) o individual não está em conflito com o colectivo. Um e outro são as duas caras da própria realidade. Em princípio aceito como válida a ideia de que o mais importante e substancial dos conhecimentos humanos não está ao alcance de qualquer pessoa. Por isso ensaio e ensaio, quer dizer, procuro, analiso, avalio tudo o que é permitido observar, antes de chegar a uma conclusão. Mas não sou um descrente em extremo, fujo dos labirintos de pura ou impura metafísica, pois aceito o lógico e não desdenho da herança transmitida que não ofereça conotações duvidosas ou complicadas. *Vamos manter e emendar.*

Se pedíamos a Cisneros que nos explicasse o seu pensamento ou aclarasse as suas interpretações, ele brindava-nos com uma citação de algum dos seus autores preferidos. Assim, costumava atirar sobre a mesa, como um malabarista de baralho, frases como esta de Tagore: *O pássaro tanto canta ao nascer do sol como no seu ocaso.* E interrogava-se: *É ou não é verdade?* E sem esperar a nossa resposta, que para um bom escritor a nossa fisionomia bastava, punha-se a analisar a fisiologia dos pássaros canoros em relação ao seu ambiente, a paisagem, para concluir que o pássaro, mesmo tratando-se do melodioso canário, igual ao homem e aos demais seres da criação, não cantava sempre da mesma maneira, mas que o fazia de acordo com as circunstâncias que originavam o seu canto. E espraiava-se em detalhes: o alvoroço matinal, a tristeza crepuscular, o medo nocturno, a estação climática, a abundância ou a escassez de alimentos, a convivência com os seus congéneres ou os de outras espécies, sua vida social ou solitária, etc. Nas suas exposições críticas, ostentava um discurso clássico, elegante, coisa que a mim, circunspecto de linguagem que nunca fui capaz de chamar massa canina aos excrementos de cão, me parecia um arrevesado sofisma. O Natal passou, passou o Ano Novo e o dia de Reis, e Cisneros continuou a falar no nosso quarto de hotel ou nos cafés das redondezas, como se fosse, não obstante sua estatura diminuta, a ave pernalta que costuma acompanhar as codornizes que éramos eu e Ofélia. Espírito unamunesco, julgava que nós éramos cegos de nascimento, uma das muitas fraseologias do reitor de Salamanca, Unamuno. A princípio perguntava-nos certas coisas e ainda que não achasse pequeno o nosso silêncio ou a nossa resposta incompleta ou incoerente, continuava a sua lengalenga, talvez por formalidade, até que optou por contestar-se a si próprio, por nós, pois considerava-se o espírito ou a alma da tertúlia

formada pelos três. A Ofélia, que se dedicava a ler os livros do Dr. Vander, ele fazia a apologia dos benefícios do alho, da cebola e do limão, alertando-a porém contra as traições do clima que não era precisamente igual ao de Barcelona onde o naturalista alemão escrevia e publicava os seus livros. A mim, já não me perguntava sobre a máquina de filmar os sonhos, como nos primeiros tempos das nossas conversas no café. E dando o dito por não dito ou apenas insinuando, num esmiuçar de ideias catárticas que, com a pretensão de não alterar o equilíbrio dos convencionalismos literários da nossa civilização ficam pelas ramas sem descer às raízes, me explicava que o homem não deve nem pode viver exclusivamente de sonhos, que ele próprio, vivendo para escrever, tomava as suas cervejas com tremoços, camarões e outros acompanhamentos, para viver, posto que viver era, ao fim e ao cabo, continuar escrevendo, e continuar escrevendo era resistir aos encómios dos críticos venenosos que lhe negavam o dom de escritor e o julgavam como se fossem juízes. Eu recordava que Cisneros, quando o conheci, tinha-se apresentado como um criador, algo que na minha mente, por excesso de imaginação ou simbolismo, mais parecia um contador de histórias irreverentes. Hoje, que Cisneros não é mais que um fantasma nas minhas recordações e só subsiste em sua forma física na filmoteca da minha máquina dos sonhos, eu caio em mim e vejo que quis dizer que ele era um novelista, dramaturgo ou poeta. Por isso me arrependo e peço desculpa. Claro que me estou a referir a particularidades e parcialidades, que Cisneros tinha ambas em grau elevado. Em linhas gerais era um homem que contradizia e deitava por terra a sentença de Goethe: *Se os macacos puderem chegar um dia a aborrecer-se, converter-se-ão em homens*. Como homem, Cisneros parecia nunca chegar a um aborrecimento sistemático. Porém, quando algo não andava bem nas suas pretensões de ver impresso os seus escritos, evidenciava sinais de cacoquimia que de uma maneira ou outra tratava de dissimular, ou tomando a sua cerveja ou lendo para mim e Ofélia um capítulo da sua novela ainda inédita “Os outros conquistadores”. E fazia-o quase à perfeição, como se tal coisa... Bom, Cisneros, talvez inconfessadamente metido a consertar o mundo devido às ofensas causadas pelos editores, não convencidos a iniciar a leitura da novela dos conquistadores, que ao contrário dos seus velhos homónimos já não vinham para a América despojá-la do seu ouro, começou a fazer exaltar os valores literários da sua obra, lendo-nos páginas sobre páginas. Ofélia, mais do que eu e outros companheiros que tinham aderido às nossas reuniões, parecia entusiasmada por essa

novela, talvez por saber que ela e eu havíamos servido de protótipo de duas das personagens. Nessa época os suplementos literários do país publicaram as bases de um concurso de novela na cidade do México. Cisneros esteve, bem recorde, quinze dias sem dar sinais de vida, fechado no seu quarto de hotel, dedicado a dactilografar “Os outros conquistadores”. Como pude averiguar, sem intenções deliberadas, foi Ofélia, como sua mais fiel leitora e admiradora literária, quem despachou os três exemplares da esperança de Cisneros ao concurso de novelas da cidade do México.

A espera fez-se longa; os seis meses que o júri demorou para dar o seu veredicto, pareceram intermináveis. Cisneros, apesar de não ter ainda uma obra editada, salvo os folhetos e artiguinhos espalhados em publicações de circulação restrita, que, mais do que ensaios, eram resenhas literárias e bosquejos biográficos de escritores, no geral da geração de 98, começava a chamar a atenção de um grupo de adolescentes cada vez mais numeroso que o rodeava. Todos, cada um à sua maneira, queriam saber quem era Azorín, Unamuno, Machado, Baroja, crivando-o de perguntas que ele evitava quando as mesmas não podiam ter uma resposta meramente anedótica, em que ele era exímio. Não tinha lido muito desses escritores, mas conhecia muitos dos artigos menores que sobre eles tinham sido publicados. Contudo, desde que tinha mandado sua novela ao concurso, falava quase exclusivamente dela e dos motivos que a originaram. Olhava os seus interlocutores como um grande professor, contava uma trivialidade engenhosa, bem-humorada, enquanto saboreava a sua cerveja, e como homem de grande memória que de facto era comparava o seu caso, a sua expectativa, com a de outros escritores que o haviam precedido no mundo literário. Depois, quando já havia despejado um pouco a sua mente e nela ocorriam novos vazios, calava-se ou mudava de assunto. Dava então a impressão de sonolência, agoniado pela grande actividade cerebral, e com o pretexto de não dormir, porque o esperava uma grande vigília artística nessa mesma noite, uma exumação de coisas pensadas e repensadas que exigiam ser vertidas em moldes literários, pedia mais um aperitivo que alguém pagaria, visto que andava invariavelmente escasso de dinheiro. Como artista, não podia ser diferente de seus congéneres nem ser uma excepção à regra. Mas quando recebesse o Prémio, uns duzentos mil pesos mexicanos, já veriam do que seria capaz. Com a sua fama cimentada numa primeira edição de quinhentos mil exemplares da sua novela que instantaneamente seria traduzida para o inglês, o francês e italiano, escreveria prefácios

para os livros dos integrantes do nosso grupo. Quanto a mim e a Ofélia, ele dizia-nos quando já tardiamente nos acompanhava até à esquina da nossa pensão, que nos pagaria uma viagem de ida e volta à Europa. Quando ia embora pela calçada inclinada, numa sombra diminuta, não sei o que estaria a pensar, mas estava certo de que antes de se deitar na cama, marcava o novo dia no calendário com um lápis vermelho, e mesmo depois de adormecer escutaria como uma musiqueta os roncões etílicos do seu peito. E eu, segurando o braço de minha mulher dizia-lhe: *Tu Ofélia, adoras a chuva miúda e o arco voltaico.*

Os pirilampos brincavam
em me iluminar e apagar...
Fernan Silva Valdez

Agora estou a relembrar as cenas passadas nos primeiros tempos da minha vida com Ofélia em Buenos Aires, quando Cisneros nos lia febrilmente algumas páginas da sua novela predestinada ao fracasso e que, em certa medida, era um disfarce igual ao da minha máquina de filmar os sonhos; quando o papagaio paraguaio no poleiro do corredor da pensão nos dizia bom dia, e nos vasos do terraço cresciam as plantas e cantavam os grilos. É como se todas essas cenas vividas um pouco com apatia e sem rumo, o que lhes tirava autenticidade, tivessem sido filmadas e hoje, transcorridos tantos anos e quando já os pássaros do fogo e da chuva tivessem perdido suas penas e canto, fossem exibidas na tela da minha mente subjectiva. Ante a sua projecção, posso agora ver e sopesar o que antes considerava um mero acontecimento quotidiano ou um feito sem transcendência, como o de Cisneros marcando a lápis vermelho os dias que faltavam para a decisão do prémio da novela. Somente agora posso avaliar devidamente a ansiedade que tomava conta do seu corpo, o seu temor do fracasso e a sua débil esperança embora contínua, coruscante, assim como a sua decisão de cortar o cabelo rente como um condenado e os seus sintomas de disfagia manifestados nos últimos dias do seu sonho fenecido.

Quando no nosso grupo soubemos que um espanhol tinha sido premiado no concurso de novelas mexicano, no qual tinham competido mais de quinhentos romancistas da América e da Espanha, Ofélia telefonou reiteradamente para as redacções dos principais diários, obtendo a confirmação de que o autor premiado era sim um espanhol, mas um espanhol de Barcelona. Tratámos todos de diminuir a importância do sucedido, mas Cisneros, ainda que não quisesse admiti-lo, estava profundamente abatido, queimado pelo fogo do seu sonho. Como ninguém se compraz em seguir os vencidos, a nossa tertúlia desfez-se e cada um dos seus integrantes procurou horizontes mais promissores, onde se sentisse melhor. Eu e Ofélia fomos os

últimos a deixar de vê-lo, tanto porque ele não aparecia no café tão amiúde como costumava fazer, como porque tínhamos problemas da nossa vida particular para resolver e que tínhamos simulado ter esquecido, mas que de repente acumularam-se e exigiam solução imediata. Nas mãos de Ofélia esperavam várias cartas do casal Salgueiro e uma muito aflita, raiando o desespero, da sua mãe, que ainda não tínhamos encontrado ânimo para responder. E tínhamos que fazê-lo, tratar de qualquer maneira de sair do pântano em que nos debatíamos, pôr os pés no chão e encarar a realidade. E a realidade para mim, nesses momentos prementes, era o de preparar uma fotografia do morto, recorrendo a técnicas fotográficas que não dominava perfeitamente, mas que intuía. Como referência e ponto de partida, conhecia, por tê-las visto, as fotografias que a polícia política de Salazar forjava no seu afã de confundir a opinião pública e ridicularizar os seus inimigos. Depois de violar a correspondência dos membros da oposição ao regime que figuravam nas listas negras dos seus arquivos, a PIDE substituíam o conteúdo das cartas por grosseiras fotografias que representavam o busto do líder da oposição enlaçado no corpo nu de uma prostituta. Eu era considerado um bom fotógrafo, o que na linguagem fotográfica diz-se um prático, e conhecia o meio de superar com engenho e arte as dificuldades, visto que possuíamos uma única fotografia do autêntico Salgueiro, que o mostrava em plena juventude, sorrindo. Tinha que me conformar com ela sendo a única possibilidade de ensaio, e satisfeito por a ter na minha mão. E compenetrado com o que se esperava de mim, analisando as minhas possibilidades e êxitos no domínio da fotografia, meti mãos à obra. Como o rosto do Salgueiro estava bem escanhoado, ocorreu-me escurecê-lo um pouco, o que o tornava levemente mais velho, precisamente a idade que teria se estivesse vivo. E retoque após retoque, fui definindo as suas feições, dando-lhe um aspecto real que ninguém poria em dúvida, até encaixar o seu busto numa fotografia do meu corpo sem cabeça, cujo resultado foi mais eloquente do que o do monstro criado pelo doutor Frankenstein. Tanto é assim que Ofélia teve que elogiar-me e sussurrar com um travo de tristeza, que não sabia se eu me estava a redimir ou a ter novas recaídas de consciência. E enquanto duas lágrimas grandes, ovas como pérolas, deslizavam pela sua face, pegou na fotografia, introduziu-a num envelope com a direcção do casal Salgueiro e correu para o correio. Aparentemente sentimos um alívio como se nos tivéssemos livrado de um peso que nos oprimia, de um fardo pesado demais. Apesar de sermos pessoas livres, não

éramos mais do que duas criaturas numa terra alheia e perseguidas pela voz da sua própria consciência. O que eu tinha feito para conseguir Ofélia, não seria um crime nem uma traição, mas mesmo assim era uma atitude dúbia e vergonhosa, algo impróprio dum homem que tinha princípios, uma linha de conduta que acreditava inalterável mas que na realidade não correspondia a nenhuma ordem aceitável no seu caso. Eu tinha enganado os meus pais, camponeses humildes sem continuidade, permitindo que acreditassem que eu estava morto, e também tinha enganado os pais de Salgueiro, não apagando a chama ilusória, acesa no mais recôndito do seu ser, ou seja a ideia de que o seu filho estava vivo, o que era mentira. Também tinha enganado, mentido a Ofélia, dizendo-lhe que era o que não era. De maneira alguma poderia viver ilibado da culpa, sem ter de ocultar o meu crime e mostrar-me aos olhos do mundo como aquele que em verdade não era. Os meus pais verdadeiros estavam agora dormindo profundamente, sem poder duvidar da limpidez imaculada das suas raízes. E no entanto eu tinha lançado pela borda fora os seus sonhos e desejos, tinha cuspidos conscientemente ou não sobre a sua memória. No fundo, eu era uma espécie de Judas, mas um Judas ao contrário, um Judas atraído por este brando mundo de Cristo. Os Barros eram gente pobre de tradições pobres: meu avô tinha arado a terra pedregosa, trabalhando com a picareta e a enxada, até transformá-la num jardim; meu pai, além de pequeno agricultor, comprava e vendia suínos e galináceos; e eu, predestinado a elevar o grau social e intelectual da família, era um fotógrafo reputado na nossa aldeia encravada entre o mar e a serra. Com a minha velha máquina fotográfica tirei os Barros do anonimato, dando-lhes uma vida perene que ainda deve perdurar, em fotografias amarelecidas pelo tempo que algum dos meus parentes deve ter guardado. Nelas estão meus avós – o camponês e o pescador – meus pais, meus tios, minha irmã morta muito jovem; minha prima lendo um livro de Carolina Invernizio, a mesma que, entre piadas e verdades, dizia-me que, se não encontrasse noivo, casaria comigo; meus cães e até a minha gata de rabo cortado. Ainda que já estejam todos dormindo, talvez com excepção da minha prima que deve ter ficado solteirona, ninguém, não fosse a minha velha câmara fotográfica, recordaria sua passagem pelo mundo. Quando olhamos as suas fotografias, temos a impressão de que algo parou no tempo e no espaço, até que o planeta voe em pedaços e não reste vivo nem um cérebro microscópico.

Como Barros, tive momentos de esterilizadora secura na minha vida. Chuviscava, sim, mas não chovia a cântaros nem aumentava a tormenta. Não havia oportunidade de invocar Santa Bárbara e as pessoas conformavam-se com a monotonia geral e a *vil tristeza* do nosso poeta. Os cães cheiravam e lambiam as lajes dos prostíbulos e da igreja, como se quisessem transformá-las em batatas ou pão quente. Bichos e homens, sem linhagem nem pergaminhos, estavam condenados a cozinhar-se em fogo lento como as batatas que a minha mãe cozinhava a lenha numa panela de barro. O problema do cozimento, além de inflamar os olhos da minha mãe, significava um entorpecimento na nossa existência: esperar e esperar, até que o drama, a angústia, todas as coisas dolorosas que nos chupavam até ao tutano, estivessem convenientemente amadurecidos.

Durante muito tempo vivi com a compunção gravada no meu rosto, como um complexo de culpa, afinal por um crime que eu não tinha cometido. Era uma ferida com a qual a sociedade me tinha marcado, uma evidência do papel a mim designado, mas era também algo que eu começava a repelir, compreendendo que só eu me poderia tirar do meu próprio atoleiro. Creio que nesse tempo já havia metido na cabeça a ideia de inventar uma máquina de filmar os sonhos. O sonho representava para mim um mar enlouquecido, um vômito incontrollável, uma clareira que tinha de descobrir no bosque. Claro que não dispunha de nenhum material de laboratório para os meus inventos. Andava e desandava em mil caminhos, não podia fugir das bifurcações e retrocessos da minha vida de prático empírico, mas não retrocedia no meu afã de perseguir aquela melodia envolvente, que ontem como hoje, anda sempre em revoada à minha volta. De qualquer maneira estava disposto a demonstrar no burgo, onde já me apontavam a dedo, conjuntamente com Salgueiro que tinha imaginado umas histórias extraordinárias com gatos, à maneira de Poe, que também para os Barros deveriam existir *Bonus Eventus*. E entregando o corpo e a alma a captar eventos, fui lendo alguns livros sobre fotografia e a invenção do cinema, visto que não conhecendo bem o terreno não poderia ir muito longe. Nesse tempo, ainda não estava familiarizado com o termo *erostratismo*, inventado por Unamuno, que significava, agora o sei, *a ânsia louca da imortalidade*, mas sabia que, quando os deletérios começam a minar a saúde, adeus velas! adeus barcos! Porém, essa história de lembrar frases, citações, de reter o significado e o

significante (conste que sempre sofri de afasia) não está em conflito com a linguagem imagética. Mas de minha parte estava... e continua estando.

17

Nós alimentámos o coração com fantasias.
E ele tornou-se cada vez mais cruel.

Yeats

Por mais voltas que dê à minha cabeça e ensaie novos teoremas e planeie novas experiências químicas, que por falta de um laboratório devidamente equipado não poderei levar à prática, continuo empenhado numa busca inaudita. Não sou precisamente o que chamam de cientista, e muito menos um filósofo, mas quero discutir, contrapor, arrumar ideias e fazer cálculos que não domino à perfeição, como não domino, por mais domador que eu seja ou pretenda ser, os uivos dos chacais e da pantera, e os bramidos do tigre do meu sangue. Penso que as substâncias orgânicas e inorgânicas dos corpos e imagens, sons e sombras, são factíveis de serem fotografados e radiografados; assim mesmo penso, seguindo o ritmo imposto às minhas pesquisas e inquirições, no fotófono²³, transmissor de sons por meio da luz, e no moderno aparelho, desconhecido ainda no país, DLX Maximus Phillips com câmara Arriflex 35 mm, que com a colaboração de uma gravadora magnetofônica, radiografa as palavras e a dicção de quem as pronuncia, determinando assim se é fricativa, oclusiva, etc. Não sei se as sombras e os sons são corpos autênticos, nem se têm peso, mas sei que interferem ou recebem interferência da luz. Em troca, creio que os sonhos (aqueles ainda não desnivelados metafisicamente como os de Shakespeare, Calderón e Lenormand), com as suas imagens e os seus sons, serão algum dia captados e reproduzidos. Teremos que refazer boa parte do caminho andado, elaborar planos que cheguei a acreditar serem definitivos, estudar mais fundo as possibilidades de relevo do mundo do subconsciente, determinar, ainda que seja em aproximação, a sua quota de fotogenia. Antes de Niepce e Daguerre, ninguém acreditava que a fotografia chegasse a ser uma realidade; antes de mim, ninguém admite que venha a existir a máquina de fotografar os sonhos. Sempre me dediquei a estudar a arte da imagem – desde os tempos da minha primeira juventude,

23 O fotófono foi um dispositivo que permitia a transmissão de som através da luz, inventado por Alexander Graham Bell em colaboração com Charles Sumner Tainter. [N.T.]

lá longe, na minha terra natal – que em certa medida inicia a pré-história do cinema: o velho fenaquisticópio e a lanterna mágica, comprovando que possui uma gramática própria, especial, cuja semântica se elabora continuamente. O cinema foi criado, por mais que falemos de complementos e suplementos afins, como uma oposição ao teatro, cuja realidade como obra de arte, redundava numa declamação exagerada. Mas o cinema redundou por sua vez, feita a sua experiência de arte nova, em uma fábrica de sonhos lindos, num mundo maravilhoso que embriaga e extasia. Mesmo no documentário, o cinema costuma ser artificial. Aquele que maneja a câmara de filmar ou o que dirige, escolhe invariavelmente as cenas de seu agrado, expurga a realidade na sua globalidade, parcializa-a e inclusive distorce-a, apresentando, digamos, os supostos terroristas antes da explosão das bombas ou o metralhar das armas. Não actua como receptor mas como elaborador. O artista é o (re) criador, costuma dizer-se. No melhor dos casos, sim, mas esse artista não chega ao céu nem faz cair a chuva, a não ser que se trate de uma chuva artificial. Limita-se (no seu caso não pode exigir outra coisa) a transmitir-nos uma realidade deturpada ou a criar uma ficção superada pela realidade do mundo onírico. Como os críticos literários que estabelecem os critérios pelos quais se devem reger os poetas, há psicanalistas que nunca sonham, pese embora as suas fantasias, pretendem elucidar o problema do mundo onírico anunciando um problemático choque de ficção e realidade. Como não quero cair em mera conversa mole nem fazer como o escritor que não tendo nada a dizer, continua insistindo em escrever, espero confiado que um dia a máquina de fotografar os sonhos, recordação dos tempos futuros, faça luz em problema tão amplo.

Como mero prático em imagética fotográfica, eu tinha, com muita dedicação e audácia, conseguido algumas fotografias bastante celebradas na minha terra. Aquela em que conseguira surpreender a cegonha voltando ao ninho, ao pôr-do-sol, foi publicada numa revista especializada de Lisboa, graças aos bons ofícios de alguém que eu não sabia quem era. As pessoas da terra começaram a notar-me, e o meu nome, espécime vivo dos Barros, passou a ser falado por muita gente, que deu ao meu pai uma certa satisfação e orgulho, o que se via estampado no seu rosto mais risonho do que nunca. E a minha vida continuou assim, num ir e vir de um extremo ao outro da vila, com a câmara fotográfica a tiracolo. Quando estava a ir para o norte, encontrei-me com Salgueiro na periferia, vindo para o sul, parámos meia hora para falar cada um dos seus

projectos e tomar um vinhito. Ele mostrou-me um livro que andava a ler, creio que sobre a teoria da mais-valia, e eu expus-lhe os planos da minha desejada máquina de fotografar os sonhos; ele disse-me que também sonhava, porque era homem e somente os andróides não sonham; disse-me ainda que tinha deixado os estudos, e que as suas leituras eram as mais variadas, que se estava esforçando para ver claro em noite escura e não sei que mais. Em vez de dizermos adeus como costumávamos fazer antes, por mera formalidade ou por costume arraigado, dissemos até logo, e continuámos nosso caminho... Mas no dia seguinte, quando marchávamos em sentido contrário (ele para o norte, e eu para o sul, carregando uma tonelada de sonhos) detivemo-nos por uma hora porque tínhamos algo mais para dizer, e em vez de um vinho, tomámos dois. Na despedida já não dissemos até logo, mas até sempre. E quando nos voltámos a reencontrar, não nos importámos mais com o tempo e não tomámos vinho nenhum. Já não nos separámos e continuámos ombro a ombro, vida afora, lúcidos. Andámos pelos quatro pontos cardeais do burgo e suas adjacências. Num qualquer lugar, executavam um solo de guitarra. Fomos para junto das pessoas. Eu falava-lhes dos meus sonhos, e ele sobre as condições de vida das pessoas. E ali em pleno colóquio a PIDE surpreendeu-nos, porque já andava no nosso rastro. Fomos presos por tentar dinamitar as rochas da ignorância e a passividade secular que nos afastava do mundo. Passámos a noite no calabouço da polícia local, mas no dia seguinte, depois de decidir o que consideravam a prova da nossa culpa: os planos de minha máquina dos sonhos, e o livro de Salgueiro sobre a mais-valia, meteram-nos, sem alarde, num vagão do comboio que às 21h40 saia para a capital do país. Muito bem vestidos, de terno e gravata, nossos carcereiros não imaginavam que nós pudéssemos ter uma atitude desesperada, pelo amor que tínhamos à liberdade. E não tomaram precauções para evitar o inevitável: a nossa fuga. E nós, de comum acordo, sem palavras, quando o comboio diminuiu a sua marcha na curva antes da ponte sobre o rio, saltámos como uma mola dos nossos assentos e, como uma mola, empurrámos dois dos nossos vigias e antes que os outros dois nos pudessem impedir, já nadávamos no rio que, por sorte, não era fundo nem largo. O comboio deve ter parado, mas rapidamente alcançámos a margem e, amparados pelas sombras, adentrámos na serra. Depois foram alguns dias de espera ansiosa e, finalmente, o embarque para terras africanas na fuga para a liberdade. A primeira das

noites tenebrosas da nossa vida tinha ficado atrás, mas o meu coração batia um pouco como o coração do almirante louco de um dos nossos poetas.

18

A vida, ao terminar, acaba por matar
as decepções da vida.

Marcel Proust

Na minha barraca cheia de trastes inúteis, há um velho televisor fora de uso, em cuja tela sem luz se reflectem movimentos imprevistos. Vejo agora os cortinados de cor branca de uma das grandes janelas da casa em frente, um mar de asfalto, árvores frondosas como as vê a minha fantasia ou o meu sentido criterioso da realidade, borboletas, pássaros e sombras fugidias que passam e voltam a passar. É uma música sentimental, saudosa, que se transforma num madrigal. Há muitas sombras, muitos resíduos de melancolia. Porém lá fora e aqui dentro, no centro da irradiação e do dia (dentro e fora do meu cérebro) há uma sombra de recorte quase luminosa, fogo-fátuo quase extinto, que é Ofélia. Chego a perceber e a reconstituir o seu rosto (sempre o faço com mais facilidade quando predomina em mim a minha mente indutiva), e também o seu tronco num corpo de seda negra. *Ah! Ofélia! Só eu penetrei na tua morte; tu não te apresentaste nunca de corpo presente. As tuas mãos flácidas, melífluas, as das tuas duas mortes, as de quando representavas a Ophélie e do palco saudavas o público que te aplaudia até ao delírio e tu saudavas, saudavas sempre, com a direita, com a esquerda, com ambas ao mesmo tempo. As tuas mãos agitadas, seráficas, pareciam plumas, acenavam, acenavam. E de repente, ao olhar-te sem que aparentemente tu não estivesses a olhar-me, eu tinha a impressão de que uma das tuas mãos, a mais fina, a mais mimosa, desprendia-se do braço, e como um passarinho de papel vinha bicar o meu coração. O abutre transformado em pomba. Ah, Ofélia! Quem te viu e não te recorda!*²⁴ Para pôr as coisas no seu lugar e deixar-me de evasivas e encómios, eu devia dizer simplesmente que tu te foste embora, porque eu não amava o que tu eras, mas o que tu tinhas sido, ou, melhor ainda, o que eu tinha pensado que tu eras. Os criadores costumam criar as criaturas à sua imagem, mas eu quis fazer-te superior a mim, pondo em ti muito do que a mim me faltava. Invertia a ordem do estabelecido para coisas desta

²⁴ *Quien te vió y no te recuerda?* Frase de um verso de Garcia Lorca. [N.T.]

índole: a criatura criava o seu deus. Ah! O meu erro, um dos muitos dos meus malditos erros, foi o de não admitir que tu – mito ou realidade – eras tu, e não aperceber-me que tu não eras eu. Como se fosse possível um só cérebro para dois corpos.

E na tela do televisor sem uso que de certo modo simboliza caricaturalmente a minha sonhada máquina dos sonhos, aparecem as velhas-novas imagens apagadas pelo tempo. Outra vez aparece Ofélia, agora de semblante grave apoiada num salgueiro-chorão desses que ilustram os cartões postais para uso turístico, acusando-me de não lhe ter dado filhos. Filhos? Nunca os quis porque só a queria a ela, só ao seu corpo por prémio pretendia.²⁵ Como admitir que seu corpo tão formoso, suas carnes de seda, fossem violentadas pelo sofrimento do parto, e que seus seios tivessem o característico e insuportável cheiro do leite materno. *Ah! Ofélia! Prefiro que jogues na minha cara, como já o fizeste mais de uma vez, o meu crime, o meu erro, a minha traição, e que me condenes por não ter tido filhos. De resto, os filhos só fariam a tua felicidade pela metade. Como poderias ter filhos de um Douglas, se amavas a um Dantés? Ah! Ofélia! Sabes onde está o filho que não tivemos? Recordas o filme “O coraçado Potemkin”, quando da matança em massa, o bebé dentro do seu carinho precipitando-se escadas abaixo, aos tombos? Pois era o nosso filho, o que tu querias e o que perdemos.*

No fundo talvez eu também o lamente, porque na extrema velhice, já sem flores e de raízes putrefactas, a morte é mais dolorosa. A esta altura da minha vida sou o que se diz um corpo glorioso e sei que, para as pessoas da vizinhança, não sou mais do que um galo velho num galinheiro de galos de luta.

Na nossa vida, ao fim e ao cabo, não houve mais do que frustrações: tu, uma actriz que depois de iniciada, abandonou o palco para transformar-se numa ermitã, escondida como uma toupeira; eu, um inventor fracassado, afundado neste beco sem saída.

²⁵ *Sete anos de pastor Jacob servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela, / Mas não servia ao pai, servia a ela, / E a ela só por prémio pretendia.* Soneto de Camões. [N.T.]

19

Em uma só palavra podem estar reunidas
todas as hipocrisias do universo.

Carlos Maggi

A máquina dos sonhos chega ao seu fim como algo que não conseguiu ser perfeito. Desagradáveis e dolorosos são os trabalhos e os dias do homem nos grandes empreendimentos. A máquina ainda respira asmaticamente como eu com a minha velhice e as minhas dores reumáticas, mas reproduz os meus sonhos com intervalos razoáveis. E eu sonho que vejo um homem agonizando a meus pés, para quem já não resta nenhuma esperança de luta. Porém, como se quisesse modificar os seus últimos momentos, numa tentativa desesperada de adiar o inevitável, quer erguer-se como os que vivem e morrem em pé. Em quatro patas, ultrapassada já a postura platónica de três patas (duas pernas e uma bengala), qual coda²⁶ imprevista de uma sinfonia que nem trechos nos consegue já dar, como um animal de mitológicas antologias, vai-se arrastando até aos guarda-vestidos de grandes espelhos, mordendo a língua para não berrar. Num esforço dimensional de pequena e grande envergadura, do qual ninguém o julgaria capaz, dado o seu aspecto de moribundo mumificado, levanta-se vagarosamente até alcançar a postura vacilante, de uma criança que tentasse andar. Ante as suas reacções inusitadas, o meu assombro aumenta. Apesar do meu espanto, já me dispunha a presenciar a passagem da vida para a morte através de um túnel estreito, quando o moribundo enfia a mão trémula nas suas roupas sujas e suadas e tira para fora o membro viril, que já não é tal coisa, mas um pénis murcho e enrugado, iniciando uma masturbação, enquanto os olhos fundos e febris pela doença, como dois pirilampos, transmitem ao rosto cadavérico um brilho de luz ténue. O ruído da máquina, gratificante em outras ocasiões, torna-se agora desagradável; seus roncos fracos assemelham-se aos pulmões de um tísico, e estão dentro de mim, confluem dentro de mim. O moribundo aparentemente rejuvenescido, respirando com dificuldade, com a língua fora da boca, aflito, estava num acto desenfreado de onanismo. (O nojo sobe pelo meu corpo, do

26 Coda: período musical, vivo e brilhante, que termina a execução de um trecho musical. [N.T.]

fígado pelas tripas e forma-se um nó na minha garganta). Quero repreendê-lo. Creio que o faço. Mas ele olha-me, sem olhar-me, de uma outra dimensão. Os meus olhos, arregalados pelo espanto, o rancor e a náusea, estão cravados nele. Mas nada... Com um uivo crescente, o homem, apertando o sexo com fúria, está a ponto de chegar ao orgasmo. Respira com dificuldade cada vez maior, grita, alegra-se com a sua própria miséria, deitado nas próprias fezes, sem se importar com mais nada. Não posso mais, fecho os olhos e volto a abri-los. Sinto a morte perto, e não posso fugir. Miro para onde estava o moribundo e já não o vejo. Esfumou-se. Estou só, agarrado a um fio retorcido que se chama a vida. Está comprovado cientificamente que o homem tem duas mentes ou tem uma com duas telas: a objectiva e a subjectiva.

20

Quando o indivíduo dorme, a mente subjectiva é a que dirige. Esta é a razão por que os sonhos são às vezes tão estranhos.

R. H. Rhodes

Ah, Ofélia! Quem te viu e não te recorda? A tua vida apagou-se como uma vela bruxuleante que nunca mais voltará a acender-se, foste embora e não voltarás mais. Que carga me deixaste, Ofélia; que barreira puseste entre nós. Vaguearemos por galáxias desconhecidas, cruzaremos os espaços infinitos, seremos tudo aquilo que os poetas dizem, mas jamais voltaremos a encontrar-nos. E enquanto tu nutres as raízes de outras vidas, eu, como uma larva cega, ainda me arrasto pelo chão da nossa casa, agora minha casa ou minha barraca, minha cova ou meu cárcere de escravo. E destas minhas noites povoadas de pesadelos em que tu costumavas aparecer-me, eu rogo-te que venhas, ainda que seja o teu espectro ou o de Alberta, a personagem de Lenormand que te estava destinado interpretar na sua obra “O homem e seus fantasmas”, e me digas, soprando-me como o siroco: *Agarrar-me-ei a ti até à morte!* Ofélia de duplicidades – o cenário e a casa – acostumada a cantar:

*Meu doce amor, diz-me: como
Poderei reconhecer-te?
De peregrino e de cajado
E com sandálias virei.*

Não gostavas da personalidade de Alberta e negavas-te a declamar o que o autor tinha posto na sua boca. Por isso insurgias-te, talvez inconscientemente e como primeiro sintoma visível da tua loucura, que ela confessara ter morto um lobo faminto com o machado do seu pai. O lobo que arranhava a porta, querendo entrar, não significava para ti nem o lobo feroz nem o manhoso do Capuchinho Vermelho, mas o de São Francisco de Assis. Gostarias de lhe abrir a porta, acariciá-lo e matar a sua fome. Por desgraça, Ofélia, isso não estava no programa e, por mais que eu te explicasse, não houve maneira de convencer-te. E fugiste, penduraste as luvas gloriosas de actriz, como se diz ou disse um jornalista.

Às vezes penso que a tua sombra é a sombra do meu sonho, que tanto tu como a máquina dos sonhos, não tiveram existência plausível, que tudo foi uma invenção sem patente da minha imaginação exacerbada, e eu mesmo...

E uma lava de lepra verde arrasa tudo à sua passagem, sem pressa, mas inexoravelmente, alcança o rio, transforma a água cristalina em lodo gelatinoso de musgos e líquenes, espalhando-se pelas margens, sobe pelas paredes, até que se apaga o ecrã da vida e sobrevém um grande silêncio que eu já não poderei descrever.

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

<http://www.olhao.web.pt>

Olhão, 2009